



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA (PPGS/ UFPB)**

MAYSA CARVALHO DE SOUZA

**TRABALHOS DE AGULHA E A PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL:**  
**MULHERES NA PRODUÇÃO DE MÁSCARAS ARTESANAIS**

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mónica Lourdes Franch Gutiérrez

João Pessoa/ PB  
Novembro /2022



MAYSA CARVALHO DE SOUZA

**TRABALHOS DE AGULHA E A PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL:  
MULHERES NA PRODUÇÃO DE MÁSCARAS ARTESANAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Sociologia para obtenção do título de mestre em Sociologia.

**Linha de Pesquisa:** Teoria de Gênero e Estudos da Sexualidade

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Mónica Lourdes Franch Gutiérrez  
(DCS-PPGS/PPGA)

João Pessoa/ PB  
Novembro /2022

MAYSA CARVALHO DE SOUZA

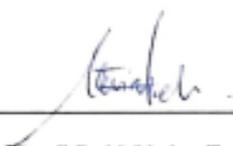
**TRABALHOS DE AGULHA E A PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL:  
MULHERES NA PRODUÇÃO DE MÁSCARAS ARTESANAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Sociologia para obtenção do título de mestre em Sociologia.

DATA: 01 de Novembro de 2022, João Pessoa-PB.

CONCEITO: Aprovado.

**BANCA EXAMINADORA:**



---

**Profª Drª Mônica Franch**  
(Orientadora) (PPGS/UFPB)



---

**Profª Drª Marina Moguillansky**  
(Membro Interno) (PPGS/UFPB)



---

**Profª Drª Marcia Reis Longhi**  
(Membro Externo) (PPGA/UFPB)

**Catálogo na publicação  
Seção de Catalogação e Classificação**

S729t Souza, Maysa Carvalho de.

Trabalhos de agulha e a pandemia da Covid-19 no  
Brasil : mulheres na produção de máscaras artesanais /  
Maysa Carvalho de Souza. - João Pessoa, 2022.  
148 f. : il.

Orientação: Mónica Lourdes Franch Gutiérrez.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Trabalho de mulheres - Covid-19. 2. Máscaras  
artesanais - Covid-19. 3. Mulheres produtoras -  
Máscaras de tecido. I. Gutiérrez, Mónica Lourdes  
Franch. II. Título.

UFPB/BC

CDU 331-055.2:578.834(043)

*Dedico este trabalho a todas as pessoas queridas que tornaram essa travessia menos árdua.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Ivanilza Carvalho e Ivanildo Souza, pelo amor e cuidado oferecidos ao longo de toda a vida.

Agradeço a preciosa orientação da querida professora Dr<sup>a</sup> Mónica Franch. Sempre muito atenciosa, sensível e disponível para ouvir e orientar durante todo esse processo delicado de vivência e escrita a partir de uma pandemia.

A professora Dr<sup>a</sup> Marina Moguillansky, pelo aceite desde o primeiro momento para compor a banca de avaliação interna do projeto de pesquisa e em seguida a qualificação do mesmo. Assim também, segue meus agradecimentos para a professora Dr<sup>a</sup> Marcia Longhi, presente (oficialmente) desde a banca de qualificação, mas presente em minha trajetória acadêmica desde a graduação em Ciências Sociais. As riquíssimas contribuições de ambas foram fundamentais na construção reflexiva e crítica ao longo desta pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos a todas as participantes dessa pesquisa, pois, sem a colaboração destas mulheres, mesmo com tantas adversidades, seria impossível realizar este trabalho.

Agradeço aos mediadores, especialmente a Maria José.

Ao Programa CAPES, pelo financiamento da pesquisa.

Aos queridos amigos Ana Paula Marcelino, Felipe Anacleto e especialmente a Vinícius Gabriel. Sempre presentes, afetuosos e disponíveis em todas as etapas desta jornada.

Ao macroprojeto *Estado, populações e políticas locais no enfrentamento à pandemia de Covid-19: análise social e diretrizes de ação e intervenção não farmacológica em populações em situação de vulnerabilidade e precariedade social* (rede Antropo-Covid), coordenado pela professora Dr<sup>a</sup> Sônia Maluf (UFPB/ UFSC) e pelas coordenadoras adjuntas professora Dr<sup>a</sup> Mónica Franch (UFPB) e professora Dr<sup>a</sup> Soraya Fleischer (UnB). Agradeço imensamente por todas as trocas e partilhas advindas desse coletivo de pesquisas e pesquisadores(as) tão potentes.

Ao Grupo Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura (GRUPESSC) por todos os diálogos e provocações.

Meus agradecimentos aos docentes responsáveis pelo curso *Antropologia, saúde e cuidados em tempos de pandemia*, realizado ainda em 2020 através da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), contando também com a presença de convidados e convidadas de outras instituições. Todas as aprendizagens proporcionadas a partir desse momento foram fundamentais na reconstrução e redirecionamento do projeto inicial desta pesquisa.

Agradeço também às professoras que ofertaram o curso de extensão *Marxismo Feminista Hoje*, através da Universidade de São Paulo no ano de 2021, e aos docentes e organizadores do curso *Clássicos do Marxismo: Marx e Engels*, ofertado através da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, no ano de 2022 . Os debates ocorridos através dessas vivências foram de grande importância para o desenvolvimento teórico aqui proposto.

Agradeço especialmente a Denise Pimenta e Lorena Cronemberger por todas as considerações a partir das discussões sobre os riscos, estratégias e atravessamentos do fazer pesquisa empírica em tempos de pandemia. Ouvir vocês é sempre gratificante e inspirador.

Às queridas amigas do *Projeto Liberdade, Igualdade, Sororidade* (LIS) que tanto contribuíram com debates a partir de uma perspectiva feminista, como também se fizeram lugar de acolhimento e apoio. É maravilhoso aprender com vocês. Seguimos juntas!

Aos amigos queridos Tayná Lira e Kelven Macêdo pelo cotidiano, por todas as alegrias e angústias compartilhadas ao longo desses últimos anos.

Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UFPB), ao corpo docente e aos colegas que caminharam de mãos dadas (mesmo à distância) durante essa travessia.

Por fim, minha gratidão à Universidade pública e gratuita. Me sinto privilegiada e grata por todas as experiências, discussões e reflexões ocorridas através desse espaço. Apesar de todos os ataques vividos nos últimos anos, seguimos em resistência!

**O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.**

*“[...] O tempo traça bordados no rosto  
e manchas na mão,  
mas a gente não muda: ainda chove  
no escuro e um pássaro começa a cantar.”*

Lya Luft

*“[...] a imensa quantidade de trabalho doméstico remunerado e não remunerado,  
realizado por mulheres dentro de casa, é o que mantém o mundo em movimento.”*

Silvia Federici

## RESUMO

A presente pesquisa investiga o trabalho de mulheres paraibanas na produção de máscaras artesanais durante a pandemia da Covid-19 no Brasil. Com o avanço da pandemia em todo o território e a omissão do Governo Federal frente a políticas de cuidado, o fenômeno da produção de máscaras se difundiu a ponto de tornar-se um dos elementos símbolos dessa nova singularidade contextual enquanto um artefato que busca diminuir os riscos de contaminação. Os trabalhos de agulha historicamente foram assimilados a um ofício característico das mulheres, no qual a costura se apresenta enquanto um elemento de reprodução social e também um potencial gerador de renda. A partir disso, a pesquisa tem por objetivo discutir como os trabalhos de agulha relacionados à costura das máscaras artesanais podem ser pensados, significados e ressignificados considerando o contexto pandêmico a partir dos marcadores de gênero, classe, raça e geração. A metodologia da pesquisa foi qualitativa, com base em entrevistas semi-estruturadas realizadas com mulheres produtoras de máscaras de tecido moradoras em João Pessoa e cidades metropolitanas, e na modalidade híbrida, sendo as entrevistas realizadas de modo online ou presencial a partir das demandas das interlocutoras, das necessidades de isolamento social e medidas éticas de biossegurança. No contexto pandêmico, o cruzamento do trabalho em casa com os trabalhos de casa não apenas aponta questões vinculadas à precarização e flexibilização do tempo e do trabalho das mulheres, mas cruza os variados tipos de trabalho ao adoecimento dos corpos.

**Palavras-chave:** Covid-19; Máscaras Artesanais; Gênero; Trabalho; Cuidado.

## ABSTRACT

The present research investigates the labor of women from Paraíba in the production of handmade masks during the Covid-19 pandemic in Brazil. With the advancement of the pandemic throughout the territory and the Federal Government's omission in the face of care policies, the phenomenon of the production of masks has spread to the point of becoming one of the symbolic elements of this new contextual singularity as an artifact that seeks to reduce the contamination risks. Needlework has historically been assimilated to a craft characteristic of women, in which sewing is presented as an element of social reproduction and also a potential income generator. From this, the research aims to discuss how needlework related to the sewing of handmade masks can be thought, meanings and resignifications considering the pandemic context from the markers of gender, class, race and generation. The research methodology was qualitative, based on semi-structured interviews carried out with women producers of fabric masks living in João Pessoa and metropolitan cities, and in the hybrid modality, with the interviews carried out online or in person based on the demands of the interlocutors, social isolation needs and ethical biosecurity measures. In the pandemic context, the intersection of working at home with homework not only points to issues related to the precariousness and flexibility of women's time and labor, but also crosses the various types of work with the illness of bodies.

**Keywords:** Covid-19; Handmade Masks; Gender; Labor; Care.

## RESUMEN

La presente investigación investiga el trabajo de mujeres paraibanas en la producción de máscaras artesanales durante la pandemia de Covid-19 en Brasil. Con el avance de la pandemia en todo el territorio y la omisión del Gobierno Federal frente a las políticas de cuidado, el fenómeno de la elaboración de mascarillas se ha extendido al punto de convertirse en uno de los elementos simbólicos de esta nueva singularidad contextual como artefacto que busca para reducir los riesgos de contaminación. El bordado ha sido históricamente asimilado a un oficio característico de la mujer, en el que la costura se presenta como un elemento de reproducción social y también como un potencial generador de ingresos. A partir de eso, la investigación tiene como objetivo discutir cómo la costura relacionada con la confección de máscaras artesanales puede ser pensada, significada y resignificada considerando el contexto de la pandemia a partir de los marcadores de género, clase, raza y generación. La metodología de investigación fue cualitativa, basada en entrevistas semiestructuradas realizadas con mujeres productoras de máscaras de tela residentes en João Pessoa y ciudades metropolitanas, y en la modalidad híbrida, con las entrevistas realizadas en línea o en persona a partir de las demandas de los interlocutores, necesidades de aislamiento social y medidas éticas de bioseguridad. En el contexto de la pandemia, la intersección del trabajo en casa con las tareas domiciliarias no solo apunta a cuestiones relacionadas con la precariedad y flexibilidad del tiempo y del trabajo de las mujeres, sino que también cruza los diversos tipos de trabajo con la enfermedad de los cuerpos.

**Palabras clave:** Covid-19; Mascarillas hechas a mano; Género; Trabajo; Cuidado.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 1</b>	Releitura de O Grito, Edvard Munch (1893), por Genevieve Blais.....	<b>p. 26</b>
<b>Imagem 2</b>	Decreto Estadual do Governo da Paraíba sobre a obrigatoriedade do uso de máscaras faciais.....	<b>p. 33</b>
<b>Imagem 3</b>	Sobre a obrigatoriedade do uso de máscaras faciais para o embarque em transportes públicos.....	<b>p.33</b>
<b>Imagem 4</b>	Ateliê da Laudelina (lado direito).....	<b>p. 44</b>
<b>Imagem 5</b>	Sala de Costura - Casa da Antonieta.....	<b>p. 48</b>
<b>Imagem 6</b>	Sala de estar - Casa da Marielle I.....	<b>p. 49</b>
<b>Imagem 7</b>	Sala de estar - Casa da Marielle II.....	<b>p. 50</b>
<b>Imagem 8</b>	Venda de máscaras na feira livre.....	<b>p. 55</b>
<b>Imagem 9</b>	Releitura de O casal Arnolfini, Jan Van Eyck (1434), por Genevieve Blais.....	<b>p. 60</b>
<b>Imagem 10</b>	Releitura de Autorretrato com colar de Espinhos e Beija-flor, Frida Kahlo (1940), por Genevieve Blais.....	<b>p. 85</b>
<b>Imagem 11</b>	Entre a máquina, as linhas e a tesoura.....	<b>p. 91</b>
<b>Imagem 12</b>	Moldes em papel (máscara 3D).....	<b>p. 91</b>
<b>Imagem 13</b>	Máscaras (3D) em construção.....	<b>p. 95</b>
<b>Imagem 14</b>	Máscaras infantis finalizadas e embaladas.....	<b>p. 95</b>
<b>Imagem 15</b>	Máscaras anatômicas, duas camadas, tecidos diversos .....	<b>p. 96</b>
<b>Imagem 16</b>	Entre o tempo, a linha e o elástico.....	<b>p.105</b>
<b>Imagem 17</b>	Máquina de costura da dona Antonieta.....	<b>p.106</b>
<b>Imagem 18</b>	Tecidos cortados (em molde 3D).....	<b>p.107</b>

<b>Imagem 19</b>	Máscara anatômica, tecido e ancestralidade.....	<b>p.114</b>
<b>Imagem 20</b>	Um artefato de muitas cores.....	<b>p.114</b>
<b>Imagem 21</b>	Peças à venda.....	<b>p.115</b>
<b>Imagem 22</b>	Máscara ao chão I – do destaque ao descarte.....	<b>p.122</b>
<b>Imagem 23</b>	Máscara ao chão II – do destaque ao descarte.....	<b>p.122</b>
<b>Imagem 24</b>	Máscara ao chão III – poluição pandêmica.....	<b>p.122</b>
<b>Imagem 25</b>	Máscara ao chão IV – do destaque ao descarte, em todos os lugares.....	<b>p.123</b>

**LISTA DE TABELAS E QUADROS**

<b>TABELA 1</b> – Apresentação geral das participantes da pesquisa.....	<b>p. 52</b>
<b>TABELA 2</b> – A casa e a produção cotidiana.....	<b>p. 83</b>

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AMB** – ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA  
**ABIT** – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE INDÚSTRIA TÊXTIL E CONFECÇÃO  
**ABRAVEST** – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO VESTUÁRIO  
**COFEN** – CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM  
**CNS** – CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE  
**COVID-19** – DOENÇA DO CORONAVÍRUS 2019  
**CVI** – CONSÓRCIO DE VEÍCULOS DE IMPRENSA  
**DIEESE** – DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS  
**DORT** – DISTÚRBIOS OSTEOMUSCULARES RELACIONADOS AO TRABALHO  
**DPR** – DISPOSITIVO DE PROTEÇÃO RESPIRATÓRIA  
**EPI** – EQUIPAMENTO DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL  
**IBGE** – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA  
**INF** – INTERVENÇÕES NÃO FARMACOLÓGICAS  
**IPEA** – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA  
**LER** – LESÕES POR ESFORÇO REPETITIVO  
**OIT** – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO  
**ONU** – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS  
**PPGS** – PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA  
**PPGA** – PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA  
**SARS** – SÍNDROME RESPIRATÓRIA AGUDA GRAVE  
**SARS-COV-2** – SÍNDROME RESPIRATÓRIA AGUDA GRAVE DE CORONAVÍRUS 2  
**SOF** – SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA  
**SVS** – SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE  
**TCC** – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
**TCLE** – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
**TRS** – TEORIA DA REPRODUÇÃO SOCIAL  
**UBS** – UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE  
**UFSC** – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
**UnB** – UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
**UPA** – UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO  
**WHO** – WORLD HEALTH ORGANIZATION

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>p. 18</b>
<b>1. CONTEXTO E PERCURSOS DA PESQUISA</b> .....	<b>p. 27</b>
1.1 Covid-19 no Brasil e no Estado da Paraíba: uma breve contextualização do tema.....	<b>p. 27</b>
1.2 Pesquisa empírica em tempos pandêmicos: um <i>hibridismo metodológico</i> ?..	<b>p. 34</b>
1.3 Por trás das máscaras: apresentando as interlocutoras.....	<b>p. 39</b>
1.4 Dilemas: entre riscos, desafios e a precarização do ofício sociológico.....	<b>p. 56</b>
1.5 Categorias de análise.....	<b>p. 59</b>
<b>2. TRABALHOS DE AGULHA E A PANDEMIA DA COVID-19 (SARS-COV-2) NO BRASIL</b> .....	<b>p. 61</b>
2.1 Trabalho, cuidado e gênero na pandemia.....	<b>p. 62</b>
2.2 Trabalhos de agulha e a costura no Brasil.....	<b>p. 66</b>
2.3 Protagonismo ou empoderamento? Algumas questões.....	<b>p. 73</b>
2.4 O neoliberalismo do <i>Brasil que não pode parar</i> : entre a flexibilização e a precariedade.....	<b>p. 76</b>
2.5 Cortes e costuras: a Teoria da Reprodução Social (TRS) e o trabalho das mulheres em tempos de pandemia.....	<b>p. 78</b>
<b>3. MULHERES E A PRODUÇÃO DE MÁSCARAS ARTESANAIS</b> .....	<b>p. 86</b>
3.1 “ <i>Eu que faço meu horário agora</i> ”: alguns entrelaçamentos possíveis entre família, trabalho, tempo e saúde.....	<b>p. 86</b>
3.2 “ <i>No final foi um trabalho que saiu caro</i> ”: retalhos e fragmentos entre o tempo, os trabalhos e a saúde de uma produtora de máscaras.....	<b>p. 96</b>
3.3 “ <i>Eu costuro todos os dias, de domingo a domingo</i> ”: mobilizando máscaras e significados.....	<b>p. 102</b>
3.4 “ <i>Eu não queria ligar essa doença ao meu trabalho</i> ”: entre máscaras, turbantes e retalhos.....	<b>p. 109</b>
3.5 Entre conceitos e narrativas: algumas costuras possíveis.....	<b>p. 115</b>
3.5.1 É possível pensar num “pós-pandemia”?.....	<b>p. 119</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>p. 124</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>p. 127</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>p. 138</b>
Anexo A - Parecer Consubstanciado do CEP – Projeto AntropoCovid.....	<b>p. 139</b>
Anexo B - Testes de Covid-19 (PCR): Amostra não reagente para Covid-19.....	<b>p. 143</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>p. 145</b>
Apêndice A (Roteiro de Entrevista).....	<b>p. 146</b>
Apêndice B (TCLE).....	<b>p. 149</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa realizada durante, sobre e a partir da pandemia da covid-19. Também é um retrato fragmentado e limitado de um novo contexto bio-sócio-histórico, introduzido ainda no final de 2019, período em que foram notificados os primeiros casos da doença. Contudo, apenas em março de 2020 é que houve a declaração de pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) referindo-se à Síndrome Respiratória Aguda Severa (SARS) causada a partir de um coronavírus que apresentava potencial risco de letalidade para os acometidos com a doença da covid-19<sup>1</sup> (SBIM, 2021) .

Além dos sintomas comuns de febre, cansaço e perda de paladar e olfato, a tosse e a falta de ar se apresentam como um dos principais sintomas da doença (entre os sintomáticos), e os espirros ou até mesmo a fala demonstram potencial infeccioso. Por isso, ainda nos primeiros meses do desenvolvimento da pandemia, foram indicadas diversas medidas de cuidado preventivo que consiste no uso de máscaras faciais, higienização constante das mãos ou uso de álcool em gel, luvas (especialmente para profissionais que estivessem lidando diretamente com pessoas adoecidas pela covid-19) e distanciamento social.

No entanto, essa pesquisa não direciona-se a observar o uso dessas novas demandas ou *técnicas* do corpo, aproveitando o conceito maussiano (1974), mas tem por proposta investigar por trás das máscaras, ou melhor, a partir das mãos que costuram ou costuraram máscaras durante a pandemia. Assim, o principal objetivo deste trabalho é de compreender como ocorreu a inserção das mulheres paraibanas no ofício da produção de máscaras e quais as implicações dessa forma de ocupação na vida dessas mulheres, visto que a costura é um ofício historicamente generificado e racializado.

O interesse pelos estudos de gênero esteve presente desde a graduação no Curso de Ciências Sociais, no qual houve a oportunidade de estudar e pesquisar, para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sobre a intersecção entre gênero, sexualidade e educação, pensando a formação e a práxis profissional de professores e professoras de Sociologia para o Ensino Básico (SOUZA, 2019).

Ao ingressar no Programa de Pós Graduação em Sociologia (PPGS/UFPB), o projeto proposto inicialmente para a seleção buscava investigar as interfaces entre gênero e trabalho, apresentando enquanto principal objetivo a discussão sobre a presença das mulheres na

---

<sup>1</sup> Ver também o site do Instituto Butantan, disponível em: <<https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/qual-a-diferenca-entre-sars-cov-2-e-covid-19-prevalencia-e-incidencia-sao-a-mesma-coisa-e-mortalidade-e-letalidade>>.

economia criativa, o ascendente conceito sócio-filosófico do empoderamento, os desdobramentos do sistema capitalista e as armadilhas neoliberais. No entanto, com o avanço da pandemia da Covid-19, houve o redirecionamento do tema da pesquisa.

Essa pesquisa também se constitui enquanto parte do projeto<sup>2</sup> *Estado, populações e políticas locais no enfrentamento à pandemia de Covid-19: análise social e diretrizes de ação e intervenção não farmacológica em populações em situação de vulnerabilidade e precariedade social* (rede Antropo-Covid), coordenado pela professora Dr<sup>a</sup> Sônia Maluf (UFPB/UFSC) e pelas coordenadoras adjuntas professora Dr<sup>a</sup> Mônica Franch (UFPB) e professora Dr<sup>a</sup> Soraya Fleischer (UnB), que visa investigar e analisar diferentes ações e respostas sociais através das políticas públicas e políticas locais protagonizadas por diferentes populações em situação de precariedade e vulnerabilidade social acentuadas pelo contexto da pandemia.

Investigar a pandemia no Brasil numa perspectiva de gênero inspira a observar a inserção (desigual) dos sujeitos no fenômeno pandêmico. Para esta pesquisa, foi delimitado o olhar investigativo e analítico, a partir das Ciências Sociais, com o objetivo de compreender a inserção das mulheres no ofício *emergente* da costura das máscaras, visto que este artefato passou a ser recomendado durante a crise sanitária.

Nesta produção optou-se por utilizar o termo *artefato*, pois ele implica em algo não natural, produto da cultura material capaz de mediar a relação entre a humanidade (em ação) e o objeto ou fenômeno referido (MILLER, 2012). No entanto, para além disso, as máscaras, enquanto produtos obtidos através de práticas de trabalho manufaturado, também podem ser apresentadas enquanto *mercadoria*, pois “[...]A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer[...]” (MARX, 2013).

A duração da pandemia, assim como a duração da necessidade da fabricação desse artefato, ou as próprias recomendações de uso, ainda são parte de um conjunto de especulações flutuantes num contexto social do qual suas próprias variáveis ainda estão bio-sócio-historicamente se construindo.

Trata-se portanto de uma pesquisa sobre aquelas que passaram a produzir e vender máscaras faciais artesanais durante a pandemia e a partir das primeiras recomendações – ainda no mês de março do ano de 2020 – que indicavam o uso deste artefato com o propósito de diminuir a transmissão e infecção pelo vírus.

---

<sup>2</sup>Disponível em: <<https://sites.google.com/academico.ufpb.br/antropo-covid/p%C3%A1gina-inicial?authuser=0>>

Assim, as interfaces de gênero, trabalho e cuidado aqui se apresentam enquanto elementos teórico-analíticos cruciais para refletir acerca das narrativas da pandemia, na qual essas mulheres puderam atuar em uma das frentes mais relevantes, considerando a necessidade de cuidado e autocuidado estabelecido através de um conjunto de técnicas do corpo (MAUSS, 1974), etiquetas e manuseios.

Através das narrativas das interlocutoras, foi possível localizar um conjunto de elementos que serão apresentados e discutidos ao longo desta dissertação, especialmente nos capítulos dois e três, como: a transmissão dos saberes através das gerações, especialmente entre mães e filhas, a vulnerabilidade social e econômica das mulheres em seus grupos domésticos, a desvalorização econômica do próprio ofício, a relação histórica interseccional que muito diz acerca de *quem* são essas mulheres, e o adoecimento dos próprios corpos.

Dessa forma, ao longo deste trabalho, será utilizado o termo sociológico *ofício* para designar o trabalho dessas mulheres na costura, pois diferentemente do trabalho operário ou fragmentado, o trabalho artesanal está relacionado a um saber-fazer no qual há apropriação e domínio de técnicas desde o ato da criação, do contato com a matéria-prima ao produto final (KERGOAT; PICOT; LADA, 2009).

O cenário em que se desenvolveu essa pesquisa foi marcado, no Brasil, por crise multifacetada de ordem sanitária, política e econômica, que se acentuou sobremaneira desde o início da pandemia, no mês de março de 2020. De acordo com os dados divulgados em 2020 pelo Consórcio de Veículos de Imprensa<sup>3</sup> (DOS SANTOS, 2022), no ano de 2020 morreram por complicações decorrentes da covid-19 cerca de 194.976<sup>4</sup> mil pessoas e, nesse mesmo ano, a taxa de desemprego atingiu 14, 1% (AGÊNCIA BRASIL, 2021). No ano seguinte (2021), mesmo com a ascensão no número de vacinados no Brasil, ocorreram 412.880<sup>5</sup> mil mortes em decorrência da Covid-19, tratando-se apenas dos números oficiais, não considerando as subnotificações (ORELLANA, 2020).

---

<sup>3</sup> Criado a partir da ocultação de dados oficiais do Governo Federal sobre a pandemia da Covid-19 e enquanto resposta dos veículos de comunicação (G1, O Globo, Extra, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e UOL) foi realizada uma parceria no dia 08 de junho de 2020, dando origem ao Consórcio de Veículos de Imprensa (CVI). (DOS SANTOS, 2022).

<sup>4</sup> Dados divulgados a partir de um consórcio de veículos da imprensa, disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/12/31/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-31-de-dezembro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>>.

<sup>5</sup> Dados divulgados a partir da Agência CNN (2022), disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/brasil-encerra-2021-com-412-880-mortes-por-covid-19/>>.

No momento em que essa dissertação está sendo escrita, soma-se 675.518 mil casos de morte por covid-19 no Brasil e 6.371.757<sup>6</sup> milhões de mortes contabilizadas de forma global, considerando que há subnotificações. Apesar do avanço da vacinação em território nacional e em parte dos demais países afetados pela pandemia, reconhecendo também as desigualdades no acesso à vacinação, ainda assim há mortes diariamente e esses números estão sendo atualizados e disponibilizados no Brasil através do Consórcio de Veículos de Imprensa (CVI).

Dessa forma, é inevitável afirmar que escrever sobre a pandemia, durante o desenvolvimento dela, é lidar diretamente com a necessidade de atualizar os dados que contabilizam o número de infectados, mortos e vacinados cotidianamente. É lidar de frente com a infeliz certeza de que esses dados – qualitativos, mas vistos muitas vezes numa óptica quantitativa – precisam ser marcados temporalmente e se tornam anacrônicos em um curto espaço de tempo.

Retomando ao quesito da crise econômica, quanto à divulgação sobre a taxa de desemprego do ano de 2021 no Brasil (correspondente à quantidade de pessoas aptas e disponíveis a vender sua força de trabalho, com idade superior a 14 anos), de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), houve uma queda em relação ao ano anterior, correspondendo a 11,1% (que em números se traduz a 12 milhões) de pessoas desempregadas ou desocupadas, havendo destaque para a Região do Nordeste brasileiro (14,7%).

Ainda tratando dos dados de desemprego referentes ao ano de 2021, o Estado da Paraíba teve sua taxa de pessoas desocupadas superior à média nacional (PORTAL CORREIO, 2022), variando entre 14,5% e 13% durante o terceiro e o quarto trimestre do ano de 2021, respectivamente.

Apesar do traço histórico da informalidade no mercado de trabalho no Brasil (ARAÚJO; LOMBARDI, 2013), com a evidência do alto índice de desemprego durante o período pandêmico, o *trabalho informal* ou por *conta própria* ganhou notoriedade, surgindo assim novas possibilidades ou alternativas econômicas na tentativa de sobreviver materialmente às crises estabelecidas.

Enquanto havia o agravamento do cenário pandêmico no Brasil, onde a cada dia eram noticiadas mortes em números alarmantes, especialmente no momento em que ainda não

---

<sup>6</sup> Esses dados referem-se a 17 de Outubro de 2022, sendo atualizado e disponibilizado por um consórcio de veículos da imprensa brasileira diariamente. Disponível em: <<https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>>.

havia a oferta em massa de vacinas, apesar dos conflitos políticos, morais e ideológicos que dividiam opiniões e posicionamentos, o Governo Federal adotou um discurso baseado numa perspectiva orientada pelo viés econômico que se preocupava em restabelecer a economia nacional, possibilitando ou propiciando o risco de contaminação de trabalhadoras e trabalhadores, propagadas através de slogans como o de que “*a economia não pode parar*”<sup>7</sup>.

Agis (2020) apud Wolff (2020) problematiza tal inclinação adotada pelos governos enquanto uma “via realista”, provocando a pensar quais as perspectivas possíveis na atual pandemia e quais as possíveis consequências em ambas as abordagens apresentadas:

[...]“La vía realista, llamada de inmunización colectiva, consistiría para un país en optar por la salvación de su economía sacrificando una (débil) parte de su población, la menos productiva, esperando que el virus deje de expandirse. La vía humanista, la del confinamiento, consiste en esforzarse en salvar el máximo de vidas humanas, esperando que la economía no se hunda causando desastres humanos más graves aún” (WOLFF, 2020, p. 2). Al igual que este autor, considero que no hay ninguna alternativa éticamente aceptable a la que él denomina vía humanista. En efecto, en un caso tan dramático como el que estamos viviendo, la atención a la salud de los ciudadanos debe prevalecer sobre cualquier otra consideración de orden económico. (AGIS, 2020, p. 02)

Percebendo a omissão do Governo Federal enquanto uma política de morte (MBEMBE, 2016) orientada pela ordem econômica e neoliberal, o que Nunes (2020) aponta enquanto sintomas de um “neoliberalismo epidemiológico”, a população brasileira esteve desamparada de políticas eficientes durante a pandemia, e mesmo com o benefício econômico temporário estabelecido pela Lei nº 13.982, de 02 de Abril de 2020, o auxílio emergencial, que correspondia a R\$ 600 (seiscentos reais), era disponível para apenas uma parcela da população<sup>8</sup>, e este valor correspondia a um pouco mais de ½ salário mínimo (de R\$ 1.045 - mil e quarenta e cinco reais, no ano de 2020), sendo um valor insuficiente para a manutenção física, pensando na alimentação, cuidados básicos e material das famílias.

Assim, parte da população ainda precisava deslocar-se para seus locais de trabalho ou em busca de trabalho, considerando também a situação de desemprego instalada em todo o território. Sem a disponibilização de nenhum Equipamento de Proteção Individual (EPI), o

<sup>7</sup> Disponível em:

<<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2020/03/economia-nao-pode-parar-diz-bolso-naro-ao-setor-produtivo-brasileiro>>. Acesso em: 06 de Abril de 2022.

<sup>8</sup> Fonte: BRASIL. Lei nº 13.982, de 02 de Abril de 2020. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 199º da Independência e 132º da República, 2 Abr. 2020. Disponível em:

<<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.316-de-7-de-abril-de-2020-251562799>>, acesso em: 06 de Abril de 2022

cuidado preventivo e individualizado tornou-se uma responsabilidade deslocada para os indivíduos.

Durante o primeiro semestre de 2020 foi possível observar a busca da população por máscaras cirúrgicas, luvas e álcool em gel, mas por haver poucos materiais disponíveis para a venda nos mercados e farmácias, houve a indicação para que o uso emergencial desses equipamentos se direcionasse aos profissionais de saúde, visto o cenário de crise sanitária em todo o país. Simultaneamente, o governo brasileiro direcionou a gestão dos riscos e cuidados para a população, divulgando em propagandas oficiais do Ministério da Saúde (através da TV aberta e em sites na Internet) a sugestão de que a população aprendesse a produzir e costurar suas máscaras caseiras<sup>9</sup>, sendo importante destacar que nesse momento ainda não se discutia a eficácia das máscaras por qualidade.

Dessa forma, sem o acesso aos equipamentos profissionais para proteção e com a urgência da situação sanitária criou-se a demanda pelas máscaras de tecido tornando este artefato uma alternativa viável tanto pela acessibilidade (sobretudo entre 2020 e início de 2021, pois facilmente se podia localizar pontos de venda em lugares com maior tráfego de pessoas), assim como também pelo custo que variava de R\$ 3,00 a R\$ 10,00 (três a dez reais) a depender do modelo, da qualidade do tecido, entre outras variáveis, com possibilidade de usar repetidas vezes, diferentemente do que ocorre com as máscaras descartáveis.

Sem a disponibilização de EPI's e com a pressão para a continuidade das atividades econômicas, uma parcela da população de mulheres dispôs de sua mercadoria específica/especial, ou seja, a força de trabalho (MARX, 2013), para a produção de máscaras artesanais contribuindo efetivamente e indiscutivelmente na forma em que o Brasil enfrentou e ainda segue enfrentando a circulação do vírus.

Apesar das crescentes recomendações biomédicas que passaram a ganhar notoriedade desde o início do ano de 2021 para o uso de máscaras profissionais, inclusive no Brasil (como a PFF2 ou N95), ainda observa-se nas vias públicas em João Pessoa e cidades metropolitanas um maior uso das máscaras de tecido<sup>10</sup>. No entanto, a atual pesquisa não tem por objetivo

---

<sup>9</sup> Fonte:

<<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2020/04/08/campanha-da-secretaria-de-justica-ensina-a-produzir-mascaras-caseira/>>

Vídeos publicados através do Ministério da Saúde:

<<https://www.youtube.com/watch?v=VNYEgEWrJKw>>

<<https://www.youtube.com/watch?v=FJxNsQ1-ZGM>>. Acesso em: 08 de Abril de 2022.

Numa tentativa recente de acessar estes links antes da entrega da dissertação (no mês de agosto de 2022), verificou-se que todos os vídeos mencionados estão no modo restrito/privado, impossibilitando a visualização para o público em geral.

<sup>10</sup> Observação referente ao primeiro semestre do ano de 2022.

discutir sobre a eficácia material das máscaras em comparação umas com as outras, mas problematizar e destacar a importância do uso das máscaras como medida preventiva no enfrentamento à circulação do vírus, deslocando o olhar para as produtoras deste artefato.

Afinal, quem foram as mulheres que tomaram o protagonismo nessa produção? Quais os impactos da pandemia na vida dessas mulheres? Como isso interfere na dinâmica familiar? A motivação para a inserção nesse ofício foi exclusivamente a renda? Como essas mulheres se aproximaram desse ofício e como elas o executaram no cotidiano em meio às atividades de trabalho doméstico e os demais trabalhos de reprodução social da vida? Seria esse um trabalho autônomo e empoderador? Qual visibilidade é ofertada a esse saber-fazer nesse contexto?

Essas são algumas inquietações propostas a serem discutidas ao longo da dissertação que busca investigar sociologicamente esse fenômeno com o objetivo de compreender quem são essas mulheres, suas condições de vida e de trabalho, suas motivações e como estão ocorrendo essas relações no Estado da Paraíba, com recorte territorial que corresponde a João Pessoa (capital da Paraíba) e cidades metropolitanas.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa que através da metodologia da bola de neve (VINUTO, 2014) buscou contactar e entrevistar mulheres que já eram costureiras profissionais ou que passaram a costurar máscaras durante a pandemia. Não foi aplicado nenhum recorte racial nem geracional e o único critério para a escolha das interlocutoras relacionava-se à prática da costura das máscaras.

Assim, foi possível dialogar com sete mulheres, entretanto, apenas quatro puderam participar efetivamente desta pesquisa. As colaboradoras/participantes são mulheres autodeclaradas pardas e negras, entre 40 e 78 anos de idade, que residem nas cidades de João Pessoa, Santa Rita e Bayeux. As entrevistas ocorreram entre maio e setembro de 2021.

Além disso, ainda tratando-se dos assuntos metodológicos, optou-se por adotar uma metodologia *híbrida* (palavra muito utilizada durante a pandemia para definir as movimentações e as encruzilhadas entre a esfera pública e privada e o gerenciamento dessas ações), na qual o “*estar lá*”, termo tão relevante ao discutir as pesquisas empíricas no campo das Ciências Sociais, foi problematizado e experimentado cruzando o presencial e o on-line a partir das necessidades, das possibilidades de acesso e das negociações possíveis no contexto pandêmico.

Desta forma, esta dissertação está estruturalmente dividida em uma *introdução*, que busca apresentar as problemáticas da pesquisa em questão, apontando seus objetivos, suas justificativas e as abordagens metodológicas delimitadas; o *capítulo 1*, no qual busca-se

descrever o percurso metodológico, apresentando mais profundamente o contexto pandêmico no Brasil e na Paraíba, assim como as participantes da pesquisa, destacando o aspecto desafiador de realizar uma pesquisa empírica durante uma pandemia com alto grau de transmissibilidade, alguns dilemas entre os riscos e o cuidado, as dificuldades, as questões éticas e os contra(tempo)s do fazer pesquisa em *tempos* pandêmicos.

O *capítulo 2* tem por objetivo apresentar as reflexões teóricas desta pesquisa, no qual discute-se as questões de gênero e trabalho na pandemia da Covid-19 tendo por proposta abordar o conceito de *trabalhos de agulha* (ROGERS, 2019), apresentando um breve panorama sobre a costura do Brasil, sua relação de *nó* (SAFFIOTI, 1987) ou *consustancial* (KERGOAT, 2012) que imbricou historicamente as relações de gênero, raça, classe social e geração, e além disso, também há a proposta de aprofundar teoricamente na reflexão do conceito de *teoria da reprodução social* – TRS (BHATTACHARYA, 2013) numa perspectiva marxista, buscando aproximar essas teorias à reflexão do contexto pandêmico no Brasil gerido por um viés econômico neoliberal.

O *Capítulo 3* tem por finalidade apresentar individualmente as narrativas das participantes desta pesquisa, estabelecendo um diálogo teórico e analítico a partir do fenômeno pandêmico e as experiências dessas mulheres. Por fim, encerra-se com as *considerações finais*, que, em alusão à costura, buscam *arrematar* alguns pontos, reconhecendo a necessidade de reunir os *retalhos* e *rastros* desse contexto.

**Imagem 1: Releitura de *O Grito*, Edvard Munch (1893), por Genevieve Blais**

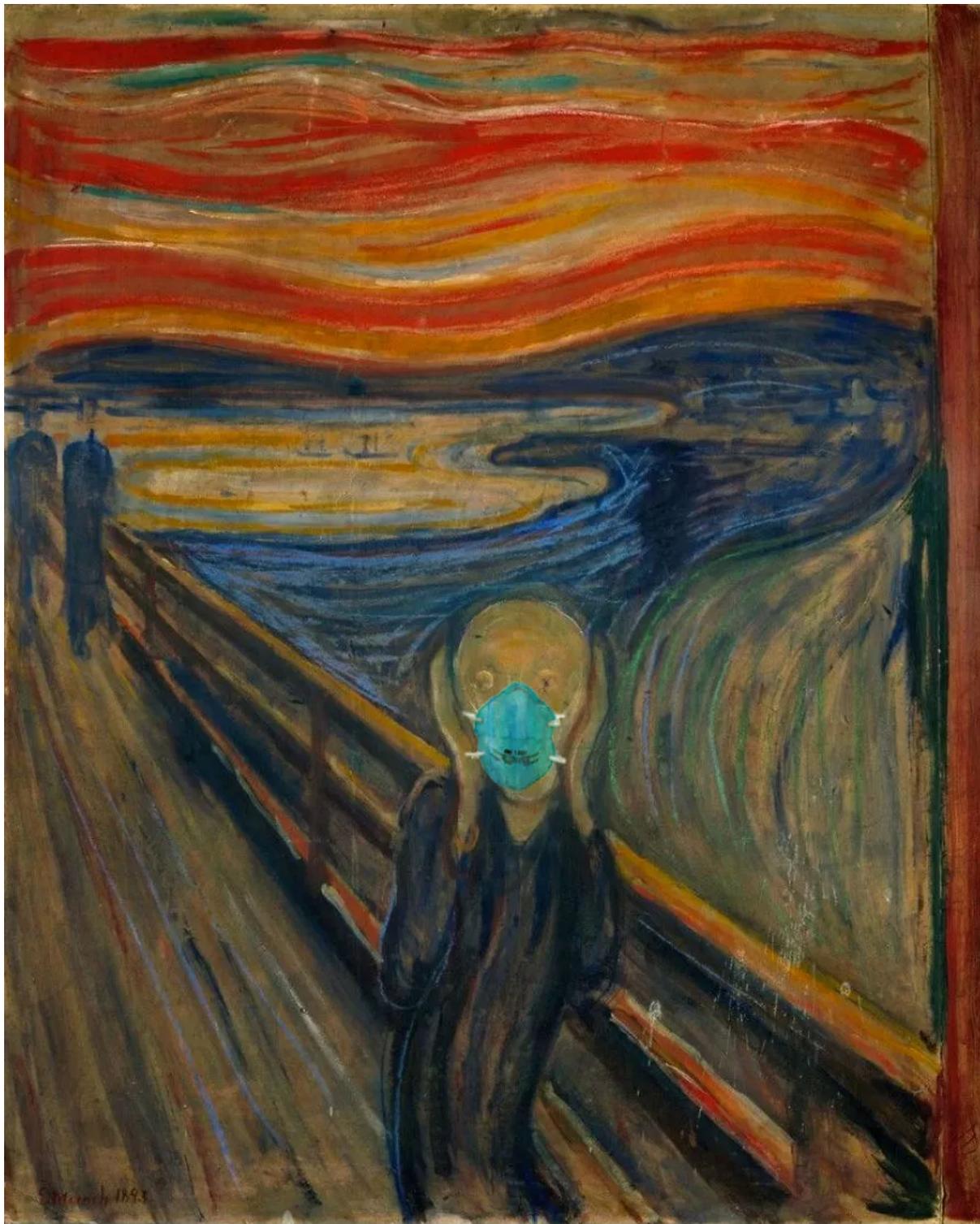


Ilustração 1: Imagem – Releitura da obra artística *O Grito*, Edvard Munch (1893) utilizando máscara facial, pela artista fotográfica Genevieve Blais (2020). Reprodução. Disponível em: <<https://viagens.sapo.pt/viajar/viajar-mundo/artigos/esta-artista-recriou-pinturas-famosas-para-mostrar-como-ser-iam-durante-a-pandemia-de-coronavirus>>, Acesso em: 09 de Abril de 2022. Ano: 2020.

## 1. CONTEXTO E PERCURSOS DA PESQUISA

Neste capítulo será apresentado um breve panorama sobre a pandemia da covid-19 (doença provocada pelo vírus SARS-CoV-2) no Brasil e no Estado da Paraíba, local onde foi realizada a atual pesquisa. Além disso, nos tópicos seguintes serão trazidas algumas discussões acerca do fazer pesquisa empírica em tempos pandêmicos cruzando as questões éticas e metodológicas às categorias emergentes do risco e do cuidado. Ainda neste capítulo, há o objetivo de discutir brevemente sobre a precarização do ofício socioantropológico, apresentando por fim as participantes dessa pesquisa e as categorias de análise, que serão discutidas em maior profundidade nos capítulos seguintes.

### 1.1 Covid-19 no Brasil e no Estado da Paraíba: uma breve contextualização do tema

Essa pesquisa, iniciada no ano de 2020, é resultado da observação analítica e reflexiva de uma singularidade contextual que atravessou países e territórios sendo este um fenômeno emergente, pois a pandemia e suas crises não se encerraram e ainda vêm afetando as mais diversas populações. Apesar da incorporação das técnicas e etiquetas do cuidado preventivo no cotidiano ao longo dos últimos dois anos, considerando também o avanço da vacinação em parte dos países do globo terrestre, ainda assim é perceptível que a cada nova *variante*<sup>11</sup> e novas *variáveis*, surge um conjunto de incertezas e que ainda hoje, no Brasil e nos países afetados pela pandemia, ela faz adoecer os corpos e pode causar a morte.

Logo, é possível dizer que escrever sobre a covid-19 no percurso de tempo em que ela está transcorrendo é ter que atualizar o número de mortos, infectados e vacinados a cada vez que se mexe num documento, lidando assim constantemente com o luto e com a temporalidade. Escrever sobre a pandemia também revela um esforço que flutua entre-tempos, pois o que compreendemos socialmente enquanto *presente* é de uma grande potência dinâmica, o *futuro* se configura no campo das incertezas materiais, bio-sociais e políticas, e muitas vezes é necessário olhar para *trás* na tentativa de mapear os acontecimentos para localizar as narrativas que se encontram e deságuam no *presente*. Se antes já era necessário lidar com o fator do tempo enquanto uma das limitações ao longo e

---

<sup>11</sup> Ver: Boletim 012/2021 CEM COVID AMB. **Variantes do SARS-CoV-2: o que significam e qual o seu impacto na pandemia.** Disponível em: <[https://amb.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Variantes-do-SARS-CoV-2-o-que-significam-e-qual-o-seu-impacto-na-pandemia\\_Final.pdf](https://amb.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Variantes-do-SARS-CoV-2-o-que-significam-e-qual-o-seu-impacto-na-pandemia_Final.pdf)>.

após o desenvolvimento das pesquisas, em *tempos pandêmicos*, o *agora* se torna anacrônico a cada novo movimento.

Em um breve panorama acerca do surgimento da covid-19, de acordo com Spink (2020), a identificação dos primeiros casos de pneumonia severa aguda ocorreu em dezembro de 2019 em Wuhan (China), mas apenas em janeiro do ano de 2020 esses casos foram associados a um novo coronavírus, pois pensou-se inicialmente que se tratava de um surto de doença respiratória (2019-nCoV). Entretanto, com a evolução dos quadros, a velocidade da propagação, e a proporção da transmissão em grande escala, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, já no mês de março de 2020, não se tratar unicamente de um surto ou epidemia, mas de uma pandemia (Covid-19/SARS-COV-2). Ainda de acordo com Spink:

Em 11 de fevereiro, a doença recebeu o nome: Covid-19 e, nesse mesmo dia, o novo coronavírus foi nomeado pelo International Committee on Taxonomy of Viruses como SARS-CoV-2, indicando que havia relação próxima com o vírus SARS. Em 11 de março, tendo em vista a presença do vírus em vários países, a OMS declarou tratar-se de uma pandemia. (SPINK, 2020, p. 02)

Porém, para além das terminologias epidemiológicas e biomédicas que buscam definir ou caracterizar esses fenômenos, é relevante observar as dimensões sociais diante desses eventos. Através das lentes analíticas das Ciências Sociais a atual pandemia poderia ser assimilada ao conceito socioantropológico de *fato social total* (MAUSS, 2003) no sentido de abarcar e exprimir diversos aspectos e instituições apontando um leque de dimensões sociais complexamente entrecruzadas. Mauss (2003) aponta que:

Nesses fenômenos sociais "totais", como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam estes fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam. (MAUSS, 2003, p.187)

Outra compreensão interessante para somar ao debate é de que a pandemia poderia ser interpretada enquanto um fenômeno biopsicossocial transversalizado pelos marcadores sociais da diferença, apontando assim as multidimensionalidades de um mesmo evento.

Outros teóricos afirmam que a covid-19 não corresponde a uma pandemia, mas sim a uma sindemia devido à potencialidade de envolver simultaneamente doenças em nível

corporal/biológico e estas atingem as populações nas suas mais variadas condições sociais e vulnerabilidades (JÚNIOR; SANTOS, 2021). Por sua vez, Jean Segata (2020) observa que, apesar da dimensão global dos eventos pandêmicos, esses fenômenos não correspondem a um episódio universal e a partir disso aponta algumas possibilidades de contribuição através das Ciências Sociais, como o desenvolvimento de pesquisas qualitativas de caráter sociológico e antropológico. Deste modo, a presente pesquisa busca ser mais uma contribuição qualitativa que propõe, como elemento central, analisar como a pandemia afetou a vida, o trabalho e a saúde de um grupo específico de mulheres que realizaram o ofício da costura das máscaras entre 2020 e 2021.

Com o avanço da pandemia, a OMS indicou as Intervenções não Farmacológicas (INF's) enquanto medidas de biossegurança a serem incorporadas globalmente. Dentre os diversos cuidados, técnicas e etiquetas, um dos aspectos mais citados foi a necessidade de higienização das mãos com água e sabão, pois “[...] as mãos tornam-se uma das principais vias de contágio ao tocar em superfícies e pessoas contaminadas, devendo ser frequentemente higienizadas para evitar a disseminação do vírus [...]” (SEQUINEL; LENZ; SILVA; SILVA, 2020, p. 679). Porém, é necessário salientar que nem todos os cidadãos e cidadãs tiveram ou têm acesso a água potável e materiais de higiene ou limpeza, e por isso essa recomendação acaba se limitando à aqueles que possuem acesso material a esses bens.

Ainda sobre as recomendações, foi indicado o uso de luvas (em casos específicos) e álcool em gel, especialmente para aqueles que por alguma razão não poderiam higienizar constantemente as suas mãos com água e sabão. Por fim, a OMS e as Secretarias de Saúde passaram a recomendar o uso de máscara facial, inicialmente para pessoas que estivessem apresentando sintomas gripais e posteriormente (ainda no primeiro semestre do ano de 2020) foi sinalizada a necessidade do uso das máscaras faciais (fabricadas de forma artesanal ou industrial) inclusive para pessoas assintomáticas<sup>12</sup>, tornando esta uma medida de biossegurança obrigatória no Brasil e em diversos países.

No entanto, cabe frisar que essas recomendações, sobretudo quanto ao uso obrigatório das máscaras faciais, foram recebidas pelos governos e pela população de forma divergente, permeada por conflitos políticos, ideológicos e acionando inclusive os aspectos morais e religiosos no gerenciamento dos riscos e dos cuidados coletivos.

---

<sup>12</sup> (OMS, 2020). Notícia disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/8-4-2020-covid-19-oms-atualiza-guia-com-recomendacoes-sobre-uso-mascaras>>. Acesso em: 20 de Abril de 2020.

No âmbito legislativo nacional houve dois decretos acerca da obrigatoriedade do uso de máscaras faciais. O primeiro, de acordo com o Diário Oficial da União (2020), decretado pelo Congresso Nacional, sancionado pelo então Presidente da República<sup>13</sup> e assinado pelo ex-ministro da Justiça<sup>14</sup> e pelo ex-ministro da Saúde<sup>15</sup>, data de 6 de Fevereiro de 2020 a Lei de Nº 13.979, que em seu Art.3º menciona a obrigatoriedade do uso de máscara facial para proteção individual. Em transcrição de alguns pontos específicos que tratam sobre o uso das máscaras:

Art. 3º-B. Os estabelecimentos em funcionamento durante a pandemia da Covid-19 são obrigados a fornecer gratuitamente a seus funcionários e colaboradores máscaras de proteção individual, ainda que de fabricação artesanal, sem prejuízo de outros equipamentos de proteção individual estabelecidos pelas normas de segurança e saúde do trabalho.

[...] § 8º As máscaras a que se refere o caput deste artigo podem ser artesanais ou industriais. (Incluído pela Lei nº 14.019, de 2020). (BRASIL, 2020)

Todavia, o Artigo 3º-B deste decreto passou por algumas sanções e promulgação de vetos (em partes), mantendo o Art 3º-A, no qual se afirma que:

Art 3º-A. É obrigatório manter boca e nariz cobertos por máscara de proteção individual, conforme a legislação sanitária e na forma de regulamentação estabelecida pelo Poder Executivo federal, para circulação em espaços públicos e privados acessíveis ao público, em vias públicas e em transportes públicos coletivos. (BRASIL, 2020)

A partir desse decreto incluiu-se a obrigatoriedade de usar máscaras faciais em veículos de transporte remunerado (particulares ou públicos), em estabelecimentos comerciais, educacionais, templos e locais fechados onde pudesse haver aglomeração de pessoas. Entretanto, apesar da aprovação inicial deste decreto, foi retirada a responsabilidade das empresas e instituições de fornecer os EPI's aos trabalhadores(as), tornando esta uma responsabilidade deslocada para essa classe num cenário de desemprego e rendimentos decrescentes.

O segundo documento legislativo, também decretado pelo Congresso Nacional, sancionado pelo Presidente da República, assinado pelos ex's-Advogados gerais da União<sup>16</sup>, o ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello (em exercício entre 2020 e 2021), e o Ministro da

---

<sup>13</sup> Jair Messias Bolsonaro (Presidente da República entre 2019-2022).

<sup>14</sup> Sérgio Moro (Ex-ministro da Justiça e Segurança Pública no Governo Bolsonaro, de 2019 a 2020).

<sup>15</sup> Luiz Henrique Mandetta (Ex-ministro da Saúde no Governo Bolsonaro, de 2019 a 2020).

<sup>16</sup> André Mendonça, que foi Advogado da União entre 2000 e 2021; e José Levi, seu sucessor, ocupando o cargo de Advogado-geral da União entre 2020 e 2021.

Defesa Walter Braga Netto (que no período da sanção da lei ainda ocupava o cargo de Ministro da Casa Civil, entre 2020 e 2021), teve sua data de emissão em 2 de Julho de 2020, na qual a Lei de Nº 14.019, alterou alguns elementos do decreto anterior:

Altera a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para dispor sobre a obrigatoriedade do uso de máscaras de proteção individual para circulação em espaços públicos e privados acessíveis ao público, em vias públicas e em transportes públicos, sobre a adoção de medidas de assepsia de locais de acesso público, inclusive transportes públicos, e sobre a disponibilização de produtos saneantes aos usuários durante a vigência das medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente da pandemia da Covid-19. (BRASIL.2020, p.02)

O mesmo documento ainda aponta que o descumprimento das sessões e artigos propostos na Lei pode acarretar a cobrança de multa para aqueles que a infringirem.

No Estado da Paraíba, enquanto resposta à circunstância de emergência de saúde pública, o Governador do Estado<sup>17</sup> também estabeleceu decretos ao longo do período pandêmico. O primeiro entre eles foi o Decreto Estadual Nº 40.122, de 13 de março de 2020, que já apontava uma situação de emergência em decorrência da declaração da condição de pandemia notificada pela OMS.

O Decreto Nº 40.141, de 26 de março de 2020, indicava a obrigatoriedade do uso de máscara facial, assim como a obrigatoriedade de que os empregadores as fornecessem aos funcionários, apontando no Art.5º que:

Art.5º. Fica determinada a obrigatoriedade da utilização de máscaras de proteção facial, em todos os espaços públicos, em transporte público coletivo e estabelecimentos comerciais, em todo o território estadual, ainda que produzida de forma artesanal ou caseira. (PARAÍBA, 2020, p.04)

Entretanto, com a notificação da possibilidade de casos das novas variantes da covid-19 no Estado da Paraíba, um outro decreto foi redigido. O Decreto Estadual Nº 42.211 de 03 de Janeiro de 2022 reforçou a necessidade do uso de máscara facial, do distanciamento social e da higienização das mãos. Ainda no mesmo documento, o Art.14º aponta:

Art. 14. Permanece obrigatório, em todo território do Estado da Paraíba, o uso de máscaras, mesmo que artesanais, nos espaços de acesso aberto ao público, incluídos os bens de uso comum da população, vias públicas, no interior dos órgãos públicos, nos

---

<sup>17</sup> João Azevedo. Governador do Estado da Paraíba desde o ano de 2019 até o presente momento.

estabelecimentos privados e nos veículos públicos e particulares, inclusive ônibus e táxis. (PARAÍBA, 2022).

A pandemia da covid-19 no Brasil, desde seu início ao *presente* momento (ano de 2022), se apresenta enquanto fenômeno biopsicossocial legislado e politizado por divergentes e conflituosas direções.

Com o avanço da vacinação no Brasil e a diminuição gradual do número de mortos por covid-19 (enquanto resultado direto da imunização) já discute-se a retirada da obrigatoriedade do uso das máscaras faciais em lugares abertos e fechados, e alguns Estados brasileiros adotaram Decretos Estaduais revogando as leis anteriores. Enquanto isso, no Estado da Paraíba ainda há direcionamentos políticos divergentes quanto à obrigatoriedade ou não do uso das máscaras.

O prefeito da cidade de João Pessoa<sup>18</sup>, capital paraibana, na data 19 de Março de 2022 discursou publicamente sobre a proposta de flexibilizar o uso das máscaras faciais em locais abertos para adultos e em locais fechados para crianças até os 12 anos de idade. Porém, o Ministério Público reconsiderou o pedido de flexibilização no dia 21 de Março de 2022, tornando assim obrigatório o uso de máscaras faciais tanto em locais abertos quanto fechados (PORTAL CORREIO, 2022). Entretanto, no dia 07 de Abril de 2022 a prefeitura de João Pessoa publicou um novo decreto, de Nº 9.999/2022<sup>19</sup> que torna o uso de máscaras faciais facultativo em espaços abertos e fechados<sup>20</sup>. No entanto, recomenda-se ainda a higienização das mãos e uso de álcool em gel.

Dessa forma as máscaras se apresentam nesse contexto não apenas enquanto um objeto material de barreira física corporal com o propósito de cobrir nariz e boca, ou como um produto direto da força de trabalho das mulheres, ou ainda enquanto um símbolo/artefato do cuidado, mas, as decisões jurídicas e as disputas de poder que envolvem esse objeto e seus usos apontam também para outras dimensões (culturais, políticas, ideológicas e morais). Esse assunto será abordado com maior profundidade no capítulo 3.

---

<sup>18</sup> Cícero Lucena (cargo em exercício desde 2020 até o presente momento).

<sup>19</sup> Notícia disponível em:

<<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/04/07/novo-decreto-de-joao-pessoa-libera-uso-de-mascaras-em-espacos-abertos-e-fechados-a-partir-desta-quinta-feira-7.ghtml>> . Acesso em 08 de Abril de 2022.

<sup>20</sup> Apesar da desobrigação do uso de máscaras em alguns Estados brasileiros a partir do início do segundo semestre de 2022, o Estado da Paraíba segue em flexibilização com recomendação de uso em determinadas localidades. São elas: a Secretaria de Estado da Saúde, a Justiça Federal da Paraíba, o Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba, Universidade Federal e Estadual da Paraíba e de Campina Grande, Ministério do Trabalho, Defensoria Pública do Estado e Tribunal de Justiça da Paraíba. As recomendações referem-se aos ambientes internos e reportam-se para o público interno e externo.

Por enquanto, e nesse sentido, é importante frisar as incertezas quanto ao tempo tanto de forma quantitativa quanto também política. Ainda é possível avistar em diversos estabelecimentos placas indicando a obrigatoriedade do uso de máscaras faciais, ressaltando alguns dos Decretos Estaduais:

**Imagem 2: Decreto Estadual do Governo da Paraíba sobre a obrigatoriedade do uso de máscaras faciais**



Ilustração 02: Decreto Estadual do Governo da Paraíba sobre a obrigatoriedade do uso de máscaras faciais. Banner colocado na frente de um estabelecimento comercial no bairro de Tibiri II, cidade de Santa Rita-PB, 2021. Fonte: Arquivo pessoal.

**Imagem 3: Sobre a obrigatoriedade do uso de máscaras faciais para o embarque em transportes públicos**



Ilustração 03: Sobre a obrigatoriedade do uso de máscaras faciais para embarque em transporte público. Imagem de uma placa adesiva sinalizada em um ônibus interestadual, João Pessoa - PB. 2022. Fonte: Arquivo pessoal.

## 1.2 Pesquisa empírica em tempos pandêmicos: um *hibridismo metodológico*?

Esta pesquisa buscou realizar-se considerando a atual pandemia que se estende desde o ano de 2020 ao presente momento (ano de 2022), no qual ainda é recomendável o distanciamento social e medidas de cuidado preventivo coletivo e individual, visto que não há um controle totalmente eficaz da covid-19 no Brasil e nos diversos países afetados.

Mesmo com o avanço da vacinação em larga escala no território brasileiro e em diversos países, – a partir da determinação dos grupos prioritários<sup>21</sup> e do marcador biológico etário em ordem decrescente, isto é, primeiramente os idosos e posteriormente adultos, jovens, adolescentes e mais recentemente crianças (de 05 a 11 anos de idade) –, de acordo com o mapa da vacina disponibilizado através do consórcio de veículos de imprensa a partir de dados das Secretarias Estaduais de Saúde, até o primeiro semestre do ano de 2021 apenas 11% da população brasileira havia sido vacinada com a primeira dose de uma das vacinas disponíveis, e 3,33% da população brasileira havia se imunizado com a segunda dose de alguma das vacinas. O Estado da Paraíba, nesse mesmo período, conseguiu vacinar 12,58% da população com a primeira dose e apenas 3,54% vacinou-se com a segunda dose<sup>22</sup>.

De acordo com dados referentes aos primeiros meses do ano de 2022 (até o início do mês de Abril), houve a imunização de 81,99% da população brasileira com a primeira dose, 75,38% foi imunizada com a segunda dose da vacina e 37,7% recebeu a dose de reforço. No Estado da Paraíba, durante esse mesmo período de tempo, é possível afirmar de acordo com os dados divulgados através do mapa da vacina<sup>23</sup> que 76,71% da população paraibana foi imunizada com a primeira dose de alguma das vacinas, 64,44% recebeu a segunda dose e 43,08% tomou a dose de reforço, num total de 6.598.842 vacinas aplicadas para uma população estimada de acordo com os dados do IBGE de 4.059.905<sup>24</sup> pessoas.

<sup>21</sup> Pessoas com mais de 60 anos que residiam em Instituições de Longa Permanência (ILP); Pessoas com Deficiência (PCD) institucionalizadas em Residências Inclusivas (RI); População Indígena; Povos e comunidades tradicionais ribeirinhas e quilombolas; Trabalhadores da área de saúde; Grupos na categoria biológica de comorbidades (diabetes, hipertensão arterial, doença pulmonar, cardiovascular, indivíduos transplantados, imunossuprimidos, insuficiência renal, anemia falciforme, obesidade grau 3 (IMC $\geq$ 40), e indivíduos com síndrome de down); funcionários do sistema penitenciário; indivíduos privados de liberdade com mais de 18 anos, indivíduos em situação de rua; forças de segurança e salvamento nacionais; forças armadas; trabalhadores da educação; pessoas com deficiência permanente grave (PCD) com limitações motoras, auditivas, visuais ou intelectuais; e trabalhadores de transporte coletivo (rodoviário urbano, aéreo, portuário, metroviário, ferroviário e aquaviário, incluindo também caminhoneiros). Informações disponíveis em: <<https://jundiai.sp.gov.br/coronavirus/faq/vacinacao-covid-19/quais-sao-os-grupos-prioritarios-2/>>. Acesso em: 25 de Julho de 2022.

<sup>22</sup> Esses dados foram acessados em 12 de Abril de 2021. Dados disponíveis em: <<https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>>.

<sup>23</sup> Esses dados foram acessados em 08 de Abril de 2022. Dados disponíveis em: <<https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>>.

<sup>24</sup> Dados disponíveis em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/panorama>>.

Dessa forma, considerando a singularidade do contexto em que foi realizada a pesquisa, especialmente pelo fato de que houve algumas entrevistas e contatos que ocorreram ainda num momento delicado de crise sanitária (entre 2020 e 2021), quando as próprias interlocutoras e a pesquisadora não havia tomado ainda nenhuma das doses da vacina (devido ao recorte etário), torna-se relevante um olhar atencioso para as questões e procedimentos metodológicos envolvidos no processo de pesquisa que compreende não apenas a abordagem e aproximação para com as participantes ou os instrumentos de coleta de dados, mas sobretudo, como foi possível construir novas experiências do colocar-se em campo considerando os riscos e os procedimentos éticos.

Se o estar em campo em primeiro momento apresenta-se enquanto contato com os interlocutores e caracteriza-se em “[...] deparar-se com a evidência do seu próprio corpo e lidar com sua visibilidade material e simbólica, colocando-o em questão [...]” (NASCIMENTO, 2019, p. ), como realizar pesquisa num contexto em que há o atravessamento de um vírus que apesar do avanço da vacinação no país ainda apresenta 2,2% (BRASIL, 2021) na taxa de letalidade?

Dessa forma tornou-se relevante refletir acerca do “*estar lá*” (GEERTZ, 1998), referindo-se aos instrumentos e estratégias para colocar-se em campo. Isto não implica apenas no seguimento do protocolo ético para pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais estabelecidas pela Resolução Nº 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS)<sup>25</sup>, mas também nas novas normas e procedimentos práticos e éticos necessários para garantir a segurança de todas as pessoas envolvidas.

Além do mais, no atual contexto onde uma considerável parte das pesquisas das Ciências Humanas e Sociais ocorreu por meio de plataformas virtuais, os procedimentos éticos devem ser pensados para além do sistema burocrático e termos de consentimento, representando simultaneamente uma sensibilidade investigativa para compreender as relações sociais (MILLER, 2020). Neste caso em particular foi relevante adotar uma abordagem *ética feminista do cuidado* que sustenta-se na compreensão de que as pessoas são suscetíveis a vulnerabilidades (NATANSOHN; REIS, 2020) exigindo “[...] o engajamento afetivo do pesquisador no seu objeto de análise [...]” (FONSECA, 2019, p. 2). Nas palavras de Maria Puig de la Bellacasa:

---

<sup>25</sup> Ver: LORDELLO, Silvia Renata; SILVA, Isabela Machado da. **Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde: um panorama geral**. 2017.

Exibir as preocupações emaranhadas no coração das coisas aumenta a percepção afetiva dos mundos e vidas que estudamos, indo além de cartografias de interesses e envolvimento práticos. Nesse sentido, enquadrar um fato ou uma montagem sócio-técnica como matéria de care é intervir no seu devir ético e político. (BELLACASA, 2011, p. 89).<sup>26</sup>

Ao longo das narrativas, as participantes expuseram não apenas seu contato com um ofício emergente durante um contexto atípico, mas detalharam processos sensíveis simultâneos que ocorreram no transcorrer dessa experiência. Logo, as narrativas são compreendidas aqui não apenas enquanto instrumento de acesso entre o campo empírico e teórico, mas enquanto mediadoras “[...] entre o “interior” e o “exterior” ao “eu” na relação ser-no-mundo[...].” (CASTELHANOS, 2014, p. 1068).

A partir disso, para o desenvolvimento dessa pesquisa qualitativa foi proposto o uso de uma *metodologia híbrida*<sup>27</sup> que buscava alternar entre o presencial e o on-line a partir das necessidades, das possibilidades de acesso e das negociações possíveis no contexto da pesquisa. Enquanto meio de inserção inicial no campo e ainda ao longo da pesquisa, foi empregada a técnica da observação simples (GIL, 1989) com o objetivo de que ela pudesse contribuir para a construção de hipóteses e problemáticas, fazendo uso de diário de campo (mesmo que de modo irregular) e registros fotográficos, colaborando de forma indispensável para os processos de reflexão e compreensão do fenômeno estudado no decorrer da pesquisa.

Compreendendo a dimensão social das produções ilustrativas e da potencialidade interpretativa sociológica, as fotografias e imagens apresentadas ao longo da dissertação são empregadas como “representações da sociedade” (BECKER, 2009) no sentido de serem produtos que tanto retratam uma singularidade muito particular de um fenômeno bio-sócio-histórico, como também são construídos de uma narrativa imagética que revela elementos da vida social, colocando no centro as máscaras, as novas demandas cotidianas, seus usos e sua produção.

Outro instrumento de registro de grande relevância ao longo dessa pesquisa foi o uso do caderno de notas, que neste caso especificamente assumiu o lugar do que Silva (2022) descreve enquanto “migalhas de pão deixadas pelo caminho”, contribuindo nessa caminhada entre-tempos pandêmicos, ora no passado, ora no presente.

---

<sup>26</sup> Tradução: FONSECA, Claudia Lee Williams (2019).

<sup>27</sup> O termo *híbrido* passou a ser utilizado durante o contexto pandêmico enquanto um indicativo da alternância entre os contatos presenciais e remotos, especialmente nos locais de trabalho e de ensino. Essa alternância se dava a partir de um conjunto de medidas de biossegurança estabelecidas através de decretos, normas internas das instituições e também de forma mais subjetiva entre sujeitos nas variadas dinâmicas sociais. Aqui, o hibridismo (metodológico) foi pensado enquanto estratégia de bio-cuidado.

Reconhecendo as demandas específicas do contexto pandêmico, houve a proposta de dupla adequação, isto é, considerar tanto as normas de isolamento social e os Decretos Municipais ou Estadual, mas também as particularidades de cada uma das participantes.

Nos casos em que a única opção de contato ou entrevista viável fosse por meio do encontro presencial, buscou-se considerar os códigos éticos de conduta e biossegurança posicionados pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 2021) buscando minimizar riscos de contágio em ambas as direções, ou seja, tanto para a pesquisadora quanto para as interlocutoras .

Enquanto instrumento de coleta, num primeiro momento, houve a ideia de aplicar um questionário com perguntas alternadas entre fechadas e abertas (GIL, 1989), que seria compartilhado através do meio virtual e ficaria disponível através da plataforma *Google Forms*, esta que funciona enquanto uma ferramenta para construção de formulários virtuais gratuitos que podem ser acessados a partir da disponibilidade do(a) interlocutor(a) através de seus aparelhos tecnológicos (celulares, computadores, etc.), útil enquanto instrumento pedagógico e para pesquisas qualitativas e quantitativas (MOTA, 2019).

Ainda a partir dessa ideia (proposta ao longo da construção do primeiro esboço/projeto para essa pesquisa), pensava-se em adicionar na parte final do questionário uma pergunta direta em forma de convite que trataria sobre a disponibilidade e o interesse em participar de uma entrevista, que poderia ocorrer através de plataformas virtuais de chamada, bate-papo ou vídeo-chamada, e em casos específicos presencialmente.

No entanto, ao compartilhar as experiências da pesquisa nas reuniões internas do Grupo Antropo-Covid (com parte dos pesquisadores dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFPB), e a partir da delimitação de que a amostra de participantes fosse residente da capital da Paraíba e/ou cidades metropolitanas, houve um redirecionamento quanto ao uso de questionário, optando por trazer essas questões para o modelo de entrevista.

Dessa forma, para compreender a motivação e a inserção das mulheres paraibanas na produção de máscaras artesanais, assim como outros elementos que transversalizam o tema, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, que “[...] combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto”. (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75). Quanto à metodologia aplicada para contactar as mulheres produtoras de máscaras, utilizou-se da técnica da *bola de neve* onde:

“[...]solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador”. (VINUTO, 2014, p. 203).

Assim, através da indicação, os convites, diálogos e acordos se deram através do aplicativo de conversa *WhatsApp*, combinando em seguida se a entrevista ocorreria através da plataforma *Google Meet*, ou se o mais indicado (a partir das demandas das interlocutoras) seria o encontro presencial.

Uma outra abordagem se deu através do uso de redes sociais online, e nesse caso específico (tratando-se da 4ª entrevistada) foi possível localizar o perfil dessa costureira usando o mecanismo de busca *hashtag* junto às palavras-chaves “#máscarasJP” (referente às letras iniciais da cidade de João Pessoa). O contato e o convite para participar da pesquisa foi iniciado através do bate-papo (*direct*) no *Instagram*. Outra tentativa de contato também ocorreu através dessa rede social virtual com um grupo de mulheres que costuravam coletivamente, descrevendo através da própria rede virtual o objetivo de doar essas máscaras, o que indicava uma outra finalidade para com os produtos desse ofício. Além disso, também houve uma tentativa de aproximação com uma feirante vendedora de máscaras de tecido, porém esse contato não foi adiante (esse assunto será abordado em maior profundidade no tópico 1.3).

Vale salientar que, nos casos das entrevistas que ocorreram de forma presencial, mesmo assintomática, houve a decisão por parte da pesquisadora de realizar um exame de testagem para Covid-19 (PCR) anteriormente ao encontro presencial, assim como o uso obrigatório de máscara facial, pois “[...] as máscaras são barreiras físicas, e que são efetivas em limitar a transmissão em curta distância por contato direto ou indireto e dispersão de gotículas.” (GARCIA, 2020, p. 02). No entanto, apesar dessa compreensão havia uma questão que não poderia ser ignorada: afinal, *qual* máscara utilizar e *quando* utilizar? Se a pesquisa iria ocorrer a partir das narrativas de mulheres que produziam máscaras de tecido, chegar nas suas residências com máscaras profissionais ocasionaria algum estranhamento ou desconforto? A partir dessas questões, as decisões posteriores se deram a partir não apenas das recomendações éticas de biossegurança, mas também do contexto vacinal que envolvia a pesquisadora e as participantes, assim como as estratégias do uso das máscaras.

No Brasil, apesar de que as máscaras de tecido foram as pioneiras nas recomendações para a população em geral, exceto profissionais de saúde, havia outras máscaras disponíveis

nas farmácias, especialmente na segunda onda da Covid-19, entre novembro de 2020 a meados de 2021. Essas máscaras poderiam ser cirúrgicas, NK95 e PFF2/N95, com preço superior às máscaras de tecido, todas com a característica de serem descartáveis, com a durabilidade de uso podendo depender do material de fabricação e das recomendações de uso pelas instituições de saúde<sup>28</sup>.

No caso da primeira entrevista presencial, quando nem a pesquisadora e nem a interlocutora haviam tomado nenhuma das doses da vacina, optou-se pelo uso da máscara PFF2/N95, pois o produto industrializado garantia uma maior vedação e ajuste no rosto, portando várias camadas, além de ser uma peça filtrante (PFF). Na segunda entrevista presencial, devido ao avanço da vacinação no Brasil e também das pessoas envolvidas (participante e pesquisadora), optou-se pelo uso de duas máscaras, uma delas de tecido (em algodão) e outra cirúrgica.

Além disso, considerou-se as medidas de distanciamento social, uso de álcool em gel, evitando inclusive o compartilhamento de objetos, e optando pelo não uso do protetor facial (para além da máscara), devido à preocupação estética de não gerar tanto estranhamento visual para as interlocutoras.

Todas as entrevistas ocorreram individualmente e devido às adversidades, a quantidade de mulheres produtoras de máscaras que participaram desta pesquisa foi quatro.

Enquanto ferramenta de registro houve gravações por áudio, assim como o registro imagético fotográfico (nos encontros presenciais) buscando registrar as máscaras e outros elementos do ofício. Outra forma de registro ocorreu através da colaboração das mulheres produtoras de máscaras que enviaram imagens dos artefatos produzidos. Em todos os casos foi solicitado previamente a permissão para proceder com os registros.

### **1.3 Por trás das máscaras: apresentando as interlocutoras**

Pensar em *como* apresentar as participantes desta pesquisa tornou-se por muito tempo um dilema ambivalente, pois, se por um lado a proposta central desta pesquisa é de compreender acerca do ofício da costura enquanto parte de uma economia emergente

---

<sup>28</sup> Para ver as imagens das máscaras citadas, assim como as indicações de como utilizá-las, segue o site da Coordenação de Atenção e Vigilância em Saúde (CoAVS/UnB), disponível em: <<https://coavs.unb.br/destaques/63-covid-19-saiba-quando-usar-cada-tipo-de-mascara-facial#:~:text=Tipos%20mais%20comuns%20de%20m%C3%A1scaras,algod%C3%A3o%20e%20tricoline%2C%20por%20exemplo.>>>. Acesso em: 28 de Julho de 2022.

protagonizada por mulheres, por outro lado havia os acordos estabelecidos durante as entrevistas que garantiam o anonimato para que as interlocutoras pudessem se expressar e narrar as suas experiências sem temer quaisquer retaliações futuras.

A partir desses dilemas emergiram algumas questões fundamentais que contribuíram tanto nas reflexões para esta pergunta inicial (do *como* fazer), mas também na própria construção argumentativa de como se justifica as escolhas políticas e éticas que nortearam as decisões que serão descritas neste tópico. Essas questões eram :

1) Como identificar essas mulheres, afinal? 2) Apresentá-las quantitativamente (por exemplo: entrevistada 1, entrevistada 2...) limitaria a identificação dos sujeitos num contexto onde o qualitativo, isto é, *pessoas* mortas, infectadas, recuperadas e vacinadas, foram e continuam sendo indicadas através dos números? 3) O anonimato indicaria de fato um procedimento ético ou implicaria no ocultamento de uma identidade política dentro do contexto pandêmico? 4) E se houvesse o uso de nomes fictícios, como isso afetaria a devolutiva desta pesquisa para a comunidade acadêmica? 5) Haveria um estranhamento na devolutiva da dissertação para as mulheres que de forma fundamental contribuíram com esta pesquisa?

Estas questões ainda não foram totalmente sanadas e seguem presentes enquanto parte indispensável desta produção. Talvez, num momento pós-pandêmico, seja essencial revisitar essa dissertação e refletir mais algumas vezes sobre as escolhas metodológicas selecionadas. Entretanto, por ora, como maneira de contribuir com o debate acerca do fazer pesquisa em tempos pandêmicos e partindo da necessidade de realizar escolhas, será adotado o conceito sócio-antropológico da *reflexividade*, pois este conceito diz tanto sobre o percurso das pesquisas que envolvem as relações com os interlocutores e participantes, mas também considera os diálogos e debates entre pares acadêmicos, recuperando a própria teoria sociológica e pondo-a em questão, assim como a epistemologia das Ciências Sociais (BRANDÃO; FERREIRA, 2021). De acordo com as autoras:

No debate contemporâneo sobre a reflexividade, percebem-se a ambivalência e a não unanimidade que circundam essa noção. No entanto, o consensual é que a reflexividade pode e deve levar a um posicionamento crítico do pesquisador, permitindo a consolidação dos seus resultados por sua capacidade na argumentação de suas escolhas e na devolução dos dados ao seu universo de estudo (BRANDÃO; FERREIRA, 2021, p. 26).

Por isso, com o objetivo de seguir os acordos pré-estabelecidos com as participantes

desta pesquisa, optou-se pelo uso de pseudônimos ao invés dos nomes reais, assumindo desta forma o dilema da “responsabilidade autoral” (FONSECA. 2008, p. 49).

No entanto, percebendo a escrita enquanto práxis que não se configura como “neutra”, mas que se situa politicamente no tempo e no espaço social, os pseudônimos aqui escolhidos corresponderão a nome de mulheres que, assim como as participantes desta pesquisa, exerceram protagonismo histórico através das suas próprias mãos, seja escrevendo, ensinando, catando papel, limpando casas – ou costurando.

A seguir, serão descritas breves apresentações das participantes desta pesquisa. Neste tópico em específico, o texto estará escrito na primeira pessoa do singular, contando com informações do diário de campo e principalmente do caderno de notas.

\*

Conheci a Laudelina<sup>29</sup> através da indicação de amigos, ainda no primeiro ano da pandemia. Me disseram que ela, que já era costureira, havia passado a confeccionar máscaras. Com a mudança na temática e no objeto da pesquisa, logo me interessei em conhecê-la e solicitei alguma forma de contato. Através do aplicativo de WhatsApp se deram as primeiras interações.

Cheguei a comprar as minhas primeiras máscaras de tecido com a Laudelina e a partir dessa aproximação, inicialmente limitada ao assunto das máscaras, trocamos mensagens sobre modelos e valores, estabelecendo aos poucos um maior vínculo que foi fundamental para entrar no campo de pesquisa. Em dezembro de 2020 a encontrei repentinamente enquanto caminhava pelas ruas do bairro em que moro, e numa interação informal contei a ela sobre a pesquisa que eu estava realizando e, diante daquela situação não planejada mas oportuna, a convidei para participar da pesquisa.

Anteriormente a isso, num *Seminário Interno do Projeto Antropo-Covid* ocorrido em outubro de 2020, ao apresentar de forma sucinta o projeto de pesquisa, lembro que eu havia pensado em realizar as entrevistas exclusivamente através de plataformas *online* (Google Meet, WhatsApp, etc;) ou *à distância* (através de chamada telefônica, por exemplo), visto que ainda não havia vacina e os números de mortes diárias eram alarmantes.

De acordo com a Associação Médica Brasileira (AMB) houve “ondas” de

---

<sup>29</sup> Pseudônimo inspirado em **Laudelina de Campos Melo** (1904-1991). Mulher negra, nascida poucos anos após a “abolição”, militante do Movimento Negro, defensora dos direitos das mulheres e pioneira no movimento sindical das trabalhadoras domésticas do Brasil (1936). Para maiores informações, ler: Crespo, F. N. **Laudelina de campo mello: histórias de vida e demandas do presente no ensino de história**. Revista Cantareira, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27856/16263>>. Acesso em: 19 de Abril de 2022.

contaminação e mortes causadas pela Covid-19, sendo a segunda onda a mais agravante dentre elas e responsável pelo colapso dos sistemas públicos e privados de saúde no ano de 2021. Ainda de acordo com o documento intitulado *Vacinação COVID-19 no Brasil: Passado, Presente e Desafios Futuros* (2021)<sup>30</sup>:

A primeira [referente às ondas] delas ocorreu entre abril à [sic] outubro de 2020, reflexo da chegada do vírus SARS-COV-2 no país, e girou com uma média móvel diária de óbitos em torno de 1.000 mortes no país. Já a segunda onda, muito maior, ocorreu entre dezembro de 2020 à junho de 2021, com médias móveis de óbito que ultrapassaram 3.000 mortes por dia, levando os sistemas público e privado ao colapso em diversas regiões do país. A segunda onda esteve associada ao relaxamento excessivo das medidas de prevenção (uso de máscaras e distanciamento social), e também pela seleção e circulação da variante de atenção (ou do inglês, *variant of concern*, VOC) que hoje conhecemos como gama (chamada anteriormente de variante brasileira, ou P1), que tem como principal característica maior transmissibilidade quando comparado com o vírus original. (AMB, 2021).

Por isso, o medo foi um elemento presente e crucial nas decisões éticas desta pesquisa. Todavia, para além do risco de contagiar e ser contagiada, era necessário olhar para as particularidades de cada uma dessas mulheres.

A Laudelina, assim que concluí o convite, respondeu entusiasmada que sim, que aceitaria participar da entrevista, no entanto, logo lançou a pergunta: “*E você vai poder ir quando na minha casa?*”. Eu não esperava essa pergunta. Respondi que combinaríamos através do aplicativo WhatsApp, pois ela havia me comentado que estava com uma alta demanda de costura devido aos festejos de fim de ano, referentes à comemoração do Natal e Réveillon, época em que, segundo ela me disse, geralmente aparecem muitos pedidos de concertos e ajustes, tanto diretamente das pessoas ou através de lojas que confeccionam e vendem roupas.

Outra questão importante relaciona-se à vacinação. Em alguns países da América Latina, como na Argentina e no Chile<sup>31</sup>, a vacinação já havia se iniciado no mês de dezembro de 2020. Enquanto isso, no Brasil as autoridades políticas federais demoraram a tomar medidas emergentes para avançar na vacinação. A primeira pessoa a ser vacinada no Brasil,

---

<sup>30</sup> Disponível em:

<<https://amb.org.br/noticias/vacinacao-covid-19-no-brasil-passado-presente-e-desafios-futuros/>>. Acesso em: 19 de Abril de 2022.

<sup>31</sup> Notícia disponível em:

<<https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/22/vacina-contra-a-covid-19-veja-paises-que-ja-comecam-a-imunizacao.ghtml>>. Acesso em 20 de Abril de 2022.

na data 17 de janeiro de 2021<sup>32</sup>, foi a enfermeira Mônica Calazans, mulher de 54 anos, negra, paulistana, que se encontrava dentro da categoria biológica “grupo de risco” e também enquanto profissional de saúde.

Desta forma, aguardei a época dos festejos e posteriormente, em abril de 2021 retomei o contato, pois o tempo estava passando e seria inviável aguardar até estarmos vacinadas, uma vez que, estando fora da categoria “grupo de risco”, pelo recorte etário, demoraria meses para que ambas estivéssemos vacinadas. No dia 17 de maio conversamos mais uma vez através do aplicativo online e combinamos a entrevista para o dia 20 de maio, à tarde, em sua casa.

Como morávamos no mesmo bairro, fui caminhando até a casa dela. Usando máscara, portando álcool em gel e levando comigo muitas dúvidas e inquietações, mas também água, um bloco de papel, o TCLE, um celular para utilizar a função de gravador de voz e uma câmera fotográfica simples. O objetivo era conversar com a Laudelina e não estender demais a minha visita, pois deveria-se evitar a todo custo a troca de objetos ou mesmo remover a máscara, mantendo, é claro, o distanciamento físico.

Toda a entrevista ocorreu dentro do seu *ateliê*, que situava-se ao lado de uma pequena garagem da sua casa dando acesso para dentro (sala e cozinha) e para fora (garagem e portão de saída).

Mesmo após realizar a leitura do termo de consentimento (disponível nos apêndices), que em um de seus parágrafos destaca a relevância do uso das máscaras, a participante em momento algum usou este artefato. Num primeiro momento estranhei e lembro de ter trazido essa questão para discutir numa das reuniões de orientação. Eu me perguntava se isso ocorreria nas demais entrevistas e se dessa forma estaríamos nos expondo ao risco. Só depois entendi que a pesquisadora era quem estava vindo de fora, da rua, do lugar “contaminado”. O fato de que eu chegava a mostrar o teste PCR (disponível nos anexos) que em seu resultado apresentou não reagente para covid-19 também poderia diminuir as noções subjetivas do medo ou do risco para as interlocutoras.

Após a entrevista, caminhando para casa, fiquei revisando nos pensamentos não apenas as questões ou as respostas ali dialogadas, mas como o meu próprio corpo estava colocado naquele ambiente. Será que o distanciamento entre nossas cadeiras era o suficiente? Trocamos em algum momento algum objeto? Será que o gravador tinha captado o som da

---

<sup>32</sup> Notícia disponível em:

<<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/17/nao-tenham-medo-diz-monica-calazans-1a-pessoa-a-ser-vacinada-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 19 de Abril de 2022.

(minha) voz abafado pela máscara? E se esta mulher ou alguma das pessoas que morasse com ela desenvolvesse sintomas gripais dias após a entrevista? Essas eram algumas das perguntas que ecoavam, em silêncio, sem respostas.

Laudelina é uma mulher que já trabalhava enquanto costureira antes da pandemia. Ainda apresentando alguns dados gerais, na época em que a entrevista foi realizada ela tinha 40 anos de idade, se autodeclarou mulher negra, residente da cidade de Santa Rita<sup>33</sup> e que mora com seu companheiro (que trabalha em uma fábrica) e com suas duas filhas, sendo uma delas jovem e a outra uma criança em idade escolar.

As experiências e as narrativas de Laudelina sobre o trabalho de costura e outros elementos significativos que circundam as dimensão de trabalho produtivo, de reprodução social e da própria experiência social pandêmica, serão descritos com maior aprofundamento no tópico 3.1, no último capítulo.

**Imagem 4: *Ateliê da Laudelina (lado direito)***



Ilustração 04:Ateliê da Laudelina. Localizado em sua residência, Santa Rita- PB. 2022.

Fonte: Arquivo pessoal.

---

<sup>33</sup> Cidade metropolitana de João Pessoa, Paraíba. De acordo com dados do IBGE, sua população estimada no ano de 2021 era de 138.093 pessoas. Dados disponíveis em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/santa-rita/panorama>>. Acesso em: 19 de Abril de 2022.

Seguindo com as apresentações gerais, a segunda mulher a ser entrevistada foi a Maria<sup>34</sup>. Um fato curioso é que, através da técnica da bola de neve (VINUTO, 2014), a Laudelina indicou a Maria, sua irmã. As duas vieram de uma família em que a costura é uma tradição ensinada de mães para filhas, apenas para as filhas, pois quanto aos ensinamentos familiares, os irmãos não eram socializados na prática da costura.

Apesar de que Maria já havia tomado a primeira dose de alguma das vacinas disponíveis, a participante optou por estabelecer todo o nosso contato por meio online, visto que no momento em que o contato ocorreu Maria estava trabalhando como assistente de logística e seu trabalho era semanal, restando apenas os finais de semana para realizar o trabalho doméstico em sua casa e cuidar do seu filho, que à época da entrevista tinha 11 anos de idade. Desta forma, todas as nossas conversas, anteriores e posteriores à entrevista, ocorreram através do WhatsApp.

Diferente da Laudelina, quando conheci Maria, ela já não produzia mais máscaras e toda a sua narrativa baseia-se em suas experiências vividas no ano de 2020, época em que trabalhava enquanto educadora social num centro de educação comunitário localizado na cidade de Santa Rita e que através dessa mesma instituição aceitou complementar sua carga horária realizando, em conjunto com outras mulheres que trabalhavam neste mesmo lugar e que sabiam realizar o ofício da costura, um “bico” como costureira, produzindo assim máscaras para os demais profissionais e educandos desta instituição.

Neste sentido, usarei o termo “bico” para designar a expressão “pequenos expedientes” (*petits boulot*) (KERGOAT; PICOT; LADA, 2009) referente a uma ocupação profissional remunerada e reduzida (geralmente) em seu tempo. Ainda de acordo com as autoras, esses pequenos expedientes distinguem-se em quatro tipos: “[...]Os horários reduzidos e regulares, os horários reduzidos e instáveis, os contratos de trabalho temporário de curta duração e as atividades episódicas ou marginais[...]” (KERGOAT; PICOT; LADA, 2009). Neste caso, tanto tratou-se de uma atividade profissional episódica referente a uma pandemia gripal num novo contexto, no qual, através desse “bico” produziria um artefato/mercadoria, quanto um contrato temporário de curta duração, que como será apresentado em maior profundidade no capítulo 3, em seu segundo tópico, trouxe consequências permanentes para a vida e a saúde desta mulher.

---

<sup>34</sup> Pseudônimo inspirado em **Maria Firmino dos Reis** (1825-1917). Considerada uma das primeiras romancistas negras do Brasil, professora, que em 1880 fundou uma escola mista para crianças, isto é, sem restrição baseada no sexo biológico. Para maiores informações sobre a vida e obra dessa autora, segue a sugestão de leitura: MUZART, Z. L. **Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis**. Muitas Vozes, v. 2, n. 2, 2013, p. 247-260. Disponível em: <[https://www.revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/6400/pdf\\_146](https://www.revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/6400/pdf_146)>. Acesso em: 19 de Abril de 2022.

A entrevista ocorreu em julho de 2021 através da plataforma Google Meet, e diferentemente do que havia imaginado, foi a única entrevista em que só pude visualizar o rosto da participante no fim da entrevista, pois em decorrência dos trabalhos acumulados, enquanto conversávamos, ela realizava os trabalhos domésticos e pediu para que pudesse “fechar a câmera”, pois assim se sentiria mais confortável. Atendi prontamente ao pedido.

Apesar de que, neste contexto, fechar a “janela” da câmera poderia implicar em fechar o acesso para dentro da casa, acesso limitado pela singularidade do contexto e também pela tela dos nossos aparelhos tecnológicos, outras percepções foram necessárias para adentrar esta esfera e buscar compreender as dinâmicas ali presentes. Os sons da água caindo da torneira, o tilintar dos talheres, panelas sendo fechadas, o som abafado dos pratos colocados sobre a mesa. A voz da Maria afastada do microfone do seu celular buscando algum objeto mais distante. Desta forma, posso dizer que toda a nossa conversa aconteceu na cozinha de sua casa.

Segui com a minha imagem aberta como forma de demonstrar minha atenção e presença, e também para que ela, caso quisesse em algum momento abrir sua câmera, pudesse compreender que este espaço estaria aberto. Apenas no fim da entrevista, quando perguntei se gostaria de dizer algo a mais, Maria abriu sua câmera e conversamos um pouco mais, podendo observar a imagem uma da outra.

Devido à especificidade do caso de Maria (que envolve questões irreversíveis de saúde que mais adiante discuto), não solicitei nenhuma imagem das máscaras produzidas por ela, buscando não agravar os danos emocionais de sua experiência.

Seguindo com as apresentações, a terceira entrevistada foi Antonieta<sup>35</sup>. Numa breve apresentação, Antonieta é uma mulher natural da cidade de Pilar que reside há 44 anos na cidade de Bayeux<sup>36</sup>, e na época em que ocorreu nossa aproximação tinha 78 anos de idade. Aprendeu o ofício da costura através da influência familiar aos 14 anos de idade, passando a realizar este ofício como ocupação central para sua renda após seu casamento.

A conheci através de um contato que frequentava a mesma igreja católica que Antonieta, conhecida justamente por costurar para a comunidade local. Devido ao seu grau de

---

<sup>35</sup> Pseudônimo inspirado em **Antonieta de Barros** (1901-1952). Lavadeira, escritora, jornalista, primeira Deputada Federal negra na Assembléia Legislativa do Estado brasileiro de Santa Catarina em 1934. Para saber mais sobre a vida e trajetória desta mulher, segue enquanto sugestão a leitura: NUNES, Karla Leonora Dahse et al. **Antonieta de Barros: uma história**, 2001. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/81514>>. Acesso em: 19 de Abril de 2022.

<sup>36</sup> Cidade metropolitana de João Pessoa, Paraíba. De acordo com dados do IBGE, sua população estimada no ano de 2021 era de 97.519 pessoas. Dados disponíveis em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/bayeux/panorama>>. Acesso em: 19 de Abril de 2022.

escolaridade (alfabetização) e à falta de familiaridade com equipamentos tecnológicos, usar aparelhos digitais mediados pela escrita poderia afastar ou desestimular a participante, e por isso contactei minha informante que mediou essa aproximação.

Em um primeiro momento fui até a casa de Antonieta, me apresentei e falei um pouco dos objetivos da pesquisa, e após o aceite, combinamos uma outra data posterior para que a entrevista pudesse ocorrer. Adiamos algumas vezes nosso encontro, pois Antonieta precisou fazer uma pequena viagem e eu estava com sintomas gripais. Após um mês, em setembro de 2021, pela manhã, fui até sua casa. Como procedimento ético, e especialmente por ter apresentado sintomas gripais semanas antes, realizei um exame de testagem para a Covid-19 (PCR) que recebeu um laudo negativo. Antonieta, por sua faixa etária, já havia tomado as duas doses da vacina, mas como ela morava com mais dois idosos (seu marido e sua tia, de 94 e 96 anos de idade, respectivamente), todo cuidado preventivo precisava ser devidamente seguido.

Toda a nossa conversa ocorreu em sua sala de costura, local que dava acesso à porta da cozinha (onde uma de suas filhas preparava o almoço), a porta para o andar de cima (onde estava o marido de Antonieta) e do outro lado a porta da saída, que dava acesso a um jardim.

Apesar de manter o distanciamento e usar máscara durante todo o nosso contato, Antonieta preferiu não usar máscara. Como tentativa de reverter a situação fiz a leitura do TCLE informando sobre a importância do uso das máscaras enquanto artefato de barreira, no entanto, não surtiu efeito algum, pois de acordo com a mesma, ela contava naquele momento com uma “proteção divina”. Os elementos simbólicos e ideológicos se apresentaram enquanto dimensões integradas às experiências individuais, anexadas, a depender das circunstâncias, aos saberes biomédicos. Voltarei a este assunto no terceiro capítulo.

**Imagem 5: Sala de Costura - Casa da Antonieta**



Ilustração 05:Sala de costura. Localizado na residência de Antonieta, Bayeux - PB. 2022.

Fonte: Arquivo pessoal.

A última das entrevistas ocorreu no dia 29 de setembro de 2021. Conheci a Marielle<sup>37</sup> a partir de uma busca na rede social Instagram utilizando a ferramenta *hashtag* (#) e adicionando palavras-chave. Encontrei o perfil profissional da Marielle, isto é, utilizado exclusivamente para venda de produtos (brincos artesanais, turbantes, camisas, vestidos e máscaras). Me chamou a atenção o uso das estampas étnicas na confecção de suas peças que combinavam suas cores em moldes de artigos de moda. O aspecto identitário, pensado no início do projeto de pesquisa, poderia ser retomado.

A contactei através do *Direct*, uma sala de bate-papo desta rede social virtual, explicando os objetivos gerais desta pesquisa e convidando-a para participar. Obtive uma resposta positiva ainda na mesma semana. Apesar de que a participante havia tomado as duas

---

<sup>37</sup> Pseudônimo inspirado em **Marielle Franco** (1989-2018). Líder política, vereadora, socióloga, mestra em Administração Pública, defensora dos direitos das mulheres, população negra e da comunidade LGBTQI+, foi assassinada em 2018. Como sugestão de leitura, segue a indicação de sua dissertação: FRANCO, Marielle. **UPP – A Redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública no Estado do Rio de Janeiro**. (Dissertação em Administração Pública): Universidade Federal Fluminense, 136f. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/2166/Marielle%20Franco.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 19 de Junho de 2022.

doses da vacina (por estar incluída na categoria biomédica de *grupo de risco*), nosso contato ocorreu de forma totalmente online devido à particularidade de que, apesar de realizar suas vendas através da rede social e de pontos de vendas no comércio de outras pessoas, seu trabalho ocorria integralmente em sua casa, numa sala de estar que ora funcionava como sala de costura, ora se apresentava como salão de cabeleireira. Além disso, essa entrevista precisava ocorrer por etapas, pois clientes da Marielle estavam com seus horários agendados para realizar procedimentos estéticos nos cabelos.

**Imagem 6: Sala de estar - Casa da Marielle I**



Ilustração 06: Sala de costura. Localizado na residência de Marielle, Valentina - PB. 2022.  
Fonte: Colaboração de imagem. Arquivo de Marielle.

**Imagem 7: Sala de estar - Casa da Marielle II**

Ilustração 07: Sala de corte de cabelos. Localizado na residência de Marielle, Valentina - PB. 2022.  
Fonte: Colaboração de imagem. Arquivo de Marielle.

Desta forma, parte dos diálogos se deu através do *Whatsapp* e as entrevistas foram divididas em duas partes, a primeira no dia 24 de setembro de 2021, e a segunda no dia 29 do mesmo mês, através do Google Meet.

Em ambas as entrevistas ocorreram problemas com nossos equipamentos tecnológicos. Na primeira, houve problema com a minha conexão de internet e passamos quase meia hora esperando o retorno. Na segunda parte da entrevista, ocorreu um pequeno problema com o áudio do computador da Marielle, sendo necessário migrar para o celular para proceder com a conversa.

Marielle é uma mulher autodeclarada negra, natural de João Pessoa que na época da entrevista tinha 46 anos de idade. Apesar de ter filhas (adultas), ela residia apenas com seus gatos, que se fizeram presentes durante todo o nosso contato online. Mesmo possuindo formação superior, durante a pandemia seu sustento se deu unicamente a partir do trabalho informal que consistia na venda das máscaras, especialmente no ano de 2020, e da venda de suas outras peças artesanais. Os aspectos religiosos, políticos, os múltiplos trabalhos e suas experiências de adoecimento constroem sua narrativa sobre o período pandêmico, enquanto as questões de racismo e assédio (moral e sexual) são parte das suas narrativas sobre o emprego formal antes da pandemia. Apesar das garantias sociais atribuídas aos trabalhos assalariados em âmbito formal, há outras inseguranças presentes.

Em um determinado momento, quando descrevia um episódio de assédio, Marielle me disse “*você é mulher, você entende*” e naquele momento rompeu o contato visual, olhando para suas próprias mãos, o que me fez responder “*entendo, em partes*”, pois, confrontando a evidência do meu próprio corpo e refletindo a partir da visibilidade do mesmo (NASCIMENTO, 2019), enquanto uma pesquisadora lida socialmente no Brasil como mulher-cis<sup>38</sup> branca, compreendo que as experiências sociais não se constroem apenas através do gênero, mas são relações de dominação imbricadas através de um “*novelo*”, utilizando da metáfora do nó em Saffioti (1987) e do conceito de consubstancialidade defendido pelas intelectuais materialistas francesas, entre patriarcado, racismo e capitalismo.

Logo, é preciso compreender que os processos de socialização estão sujeitos a partir dos marcadores sociais da diferença, tensionados cotidianamente, sendo impossível ou limitante analisar as narrativas exclusivamente por um viés de gênero ou mesmo racializar apenas as pessoas não brancas. De acordo com Marcinik e Mattos (2017):

Racializar a pessoa branca, ou seja, considerar a branquitude como um marcador social do sujeito, que foi ao longo do tempo se consolidando e se constituindo normativamente através da interlocução de privilégios históricos e políticos, é imprescindível para que se entenda a posição sistemática desses sujeitos “no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade”[...].  
(MARCINIK; MATTOS, 2017, p. 05)

---

<sup>38</sup> Cisgênero: Termo cunhado no final do século XX que implica num ajuste social a categoria binária mulher ou homem associada desde o nascimento em função do sexo biológico. Atua enquanto categoria ou “condição sócio-política” (BONASSI, 2017, p. 24).

Ver: BONASSI, Brune Camilo et al. Cisnorma: acordos societários sobre o sexo binário e cisgênero. 2017; e, LANZ, Leticia. Dicionário transgênero. 2016.

No capítulo 3, no tópico 3.4, a narrativa individual da Marielle será retomada em maior profundidade. Segue uma tabela com os dados gerais das participantes desta pesquisa:

**Tabela 1: Apresentação geral das participantes da pesquisa**

NOME	Laudelina	Maria	Antonieta	Marielle
IDADE	40 anos	43 anos	78 anos	46 anos
NATURALIDADE	Santa Rita (PB)	Santa Rita (PB)	Pilar (PB)	João Pessoa (PB)
LOCAL ONDE RESIDE	Santa Rita (PB)	Santa Rita (PB)	Bayeux (PB)	João Pessoa (PB)
RAÇA/COR	Negra	Parda	Parda	Negra
NÍVEL DE ESCOLARIDADE	Ensino Médio Completo	Ensino Médio Completo	Alfabetização completa	Ensino Superior Completo
OCUPAÇÃO (ANTES DA PANDEMIA)	Costureira	Educadora Social	Costureira	Emissora de TV e Costureira
OCUPAÇÃO (DURANTE A PANDEMIA)	Costureira	Assistente de Logística	Costureira	Costureira, Cabeleireira e Terapeuta Integrativa
AUXÍLIO ECONÔMICO (ENTRE 2020 E 2021)	Auxílio Emergencial	Auxílio por vínculo de trabalho (2020)	Não	Não
RELIGIÃO	Católica	Católica	Católica	Candomblé
ESTADO CIVIL	Casada	Casada	Casada	Solteira
FILHOS/FILHAS	2	1	4	2

Tabela 1: Apresentação Geral das Participantes da pesquisa. Dados retirados das entrevistas, no ano de 2021.

Além das quatro entrevistas realizadas, houve outros contatos que ocorreram simultaneamente e transcorreram até o ano de 2022. Porém, algumas adversidades, sobretudo no que se refere a questões de saúde e trabalho, cruzaram essa pesquisa impossibilitando contatos mais sólidos neste contexto. Sobre isso, abordarei nos parágrafos seguintes.

Ainda em setembro do ano de 2021, através de uma amiga, estabeleci contato com a Olga<sup>39</sup>, uma mulher branca, de 40 anos de idade na época, que após sofrer demissão em uma

<sup>39</sup> Pseudônimo inspirado em **Olga Benário** (1908-1942). Militante Alemã enviada ao Brasil em 1934 para apoiar o Partido Comunista Brasileiro, junto a Luís Carlos Prestes (que tornou-se seu cônjuge). Após sua prisão em 1936, foi deportada para Alemanha, onde descobriu que estava grávida. Após o nascimento de sua filha, foi executada no ano de 1942 numa câmara de gás junto a outras mulheres. Como sugestão para leitura, segue a

escola privada (no cargo de porteira) passou por um processo de adoecimento psíquico que contribuiu para o agravamento de seu quadro depressivo. A partir desse acontecimento, Olga passou a costurar máscaras, ofício que aprendeu com sua mãe, como forma de proteger a si e seus familiares, e também como forma de captar recursos para pagar seu tratamento psicológico.

Desde o princípio, foi necessário estabelecer um contato de cautela, pois, além da sensibilidade da circunstância que afetava tanto o material como o emocional, Olga e seu companheiro passaram entre o segundo semestre de 2020 a meados de 2022 por muitas situações de adoecimento, passando por cirurgias e momentos que exigiam cuidar ou ser cuidada. Em março de 2022 realizei uma última tentativa de aproximação para entrevista, mas Olga havia adoecido, passado por um procedimento cirúrgico e estava em recuperação. O mais adequado diante de todo esse contexto foi entrar em contato, demonstrar minha solidariedade e disponibilidade, e por isso não foi possível proceder com a entrevista.

Em outubro de 2021 realizei a primeira tentativa de contato com um grupo de mulheres que tinham um perfil no instagram com o objetivo de realizar doações (em grande número) de máscaras para instituições menos privilegiadas e pessoas em situação de vulnerabilidade na cidade de João Pessoa. O grupo chamava a atenção pela particularidade de ser constituído por quatro mulheres brancas, de classe média alta, jovens e com Ensino Superior completo. Compreender como essas mulheres se conheceram e como passaram a trabalhar juntas era interessante e possibilitaria ouvir narrativas divergentes das entrevistas anteriormente realizadas. No entanto, não obtive respostas.

Tentei mais algumas vezes e nada. Em março de 2022 tentei contato uma última vez e obtive uma resposta que abriu espaço para muitas questões.

Nise<sup>40</sup>, a única desse grupo de mulheres que tive a oportunidade de conhecer, me contou que o perfil do Instagram estava desativado e por isso não conseguiu me responder antes. De acordo com ela, tratava-se de um grupo de amigas que passaram por uma experiência religiosa – rezando juntas o *terço da misericórdia*<sup>41</sup> todos os dias no início do período pandêmico – que as tocou profundamente e diante da crise sanitária essas amigas

---

indicação de livro escrito pela historiadora e filha de Olga: PRESTES, Anita Leocadia. **Olga Benario Prestes: Uma comunista nos arquivos da Gestapo**, Boitempo, 2017.

<sup>40</sup> Pseudônimo inspirado em **Nise da Silveira** (1905-1999). Médica psiquiatra nascida em Alagoas, reconhecida por sua militância, pelo legado artístico e pelas contribuições revolucionárias em perspectiva humanista no campo da saúde mental. Para conhecer mais sobre a trajetória profissional desta mulher, segue a recomendação: CASTRO, Eliane Dias de; LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. **Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira**. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, 2007, p. 365-376.

<sup>41</sup> Prática religiosa que tem suas raízes na tradição católica, alternando entre dizeres e orações, utilizando de um artefato religioso definido como *terço* ou *rosário* para guiar as rezas.

decidiram se reunir para doar máscaras de tecido. No entanto, o curioso é que nenhuma delas costurava. Elas contavam com o trabalho voluntário de duas costureiras, uma delas era a mãe da Nise e a outra era uma vizinha de uma das integrantes, ambas com mais de 50 anos de idade. O objetivo deste grupo era captar recursos ou matéria-prima. A partir disso, realizavam a compra dos materiais, estes eram encaminhados para a casa das costureiras, depois voltavam para esse grupo de mulheres, que destinavam as máscaras para doações.

De acordo com Nise doaram centenas de máscaras, entretanto, ela não conseguiu revelar os números em exatidão, pois, de acordo com ela, quem cuidava da parte burocrática e orçamentária deste grupo já não estava mais morando na Paraíba e o contato seria dificultado.

Pensei então em realizar uma entrevista com Nise e sua mãe, costureira que trabalhou neste projeto. Porém, Nise trabalhava durante o dia inteiro e estava num curso de pós-graduação no turno da noite, e a falta de tempo livre dificultava cada vez mais nosso diálogo, ocasionando em um distanciamento por parte da interlocutora.

O último contato que também não resultou em entrevista foi com a Carolina<sup>42</sup>, uma mulher branca de aproximadamente 50 anos de idade. Ela não era costureira e trabalhava como feirante no mercado público da cidade de Santa Rita. De acordo com ela, quem lhe fornecia as máscaras era um comerciante de Caruaru (PE)<sup>43</sup>, mas resistiu em falar mais sobre esse assunto ou passar o contato deste comerciante. Além do seu número de telefone, pedi a ela para fazer algumas imagens de seu ponto de vendas. O diálogo com a Carolina não foi adiante e obtive pouquíssimas informações sobre esse homem, quem confeccionava as máscaras ou mesmo como esta rede de contatos foi estabelecida. As máscaras de tecido, de vários moldes e estampas, variando entre os tamanhos pequeno, médio e grande, ou estampas infantis, eram vendidas entre 5 a 7 reais e quando o cliente comprava em grande número, havia alguns acordos de descontos.

Em abril de 2022 passei novamente no ponto de vendas da Carolina, mas ela não vendia mais máscaras. Quando questionei, ela prontamente me respondeu: "*A pandemia acabou, fia. Vendi o que tinha e agora não vendo mais não*", enquanto atendia duas pessoas. Neste momento sua bancada estava coberta por alface, coentro, couve e estas eram suas novas mercadorias. A afirmação da Carolina abre espaço para inúmeras indagações que serão

---

<sup>42</sup> Pseudônimo inspirado em **Carolina Maria de Jesus** (1914-1977). Nascida em Minas Gerais, após a morte de sua mãe, Carolina migrou para São Paulo em 1937, residindo na comunidade no Canindé com seus 3 filhos. Trabalhou como empregada doméstica, foi catadora de papel e após a escrita de seu primeiro livro, trabalhou como compositora. Segue a indicação de seu livro autobiográfico: DE JESÚS, Carolina Maria; MORAVIA, Alberto. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Livraria Francisco Alves, 1963.

<sup>43</sup> Município localizado no Estado de Pernambuco.

discutidas em maior profundidade nos tópicos 3.5 e 3.5.1 desta dissertação.

Contudo, pessoas ainda eram cotidianamente infectadas e ainda havia mortes. O avanço da vacinação e a flexibilização das normas legislativas impactou no imaginário popular a tal ponto que afetou diretamente as práticas e discursos.

### Imagem 8: Venda de máscaras na feira livre



Ilustração 08: Fotografia das máscaras de tecido embaladas e colocadas à venda numa feira livre na cidade de Santa Rita-PB. Ponto de venda da Carolina, 2021. Fonte: arquivo pessoal.

#### 1.4 Dilemas: entre riscos, desafios e a precarização do ofício sociológico

Durante o fenômeno pandêmico, pesquisas e pesquisadores(as) foram e ainda continuam sendo atravessados pela covid-19. A necessidade do isolamento social e as inseguranças que envolviam toda essa nova circunstância marcada pelas incertezas, sobretudo no primeiro ano pandêmico, foram responsáveis por uma série de novas questões e adaptações teórico-metodológicas.

Essas reflexões confrontavam a tradição do que se compreende acerca do “*estar lá*”, no que se trata do *experienciar* o campo e *realizar* pesquisa empírica na área da Sociologia ou das Ciências Sociais. O “*estar lá*” de forma presencial, especialmente entre o ano de 2020 e 2021<sup>44</sup>, implicava no risco de contaminação (e conseqüentemente de morte) tanto para a pesquisadora quanto para as interlocutoras. A partir disso, surgiu uma questão importante e desafiadora que conduziu todo o delineamento desta pesquisa: *afinal, como realizar uma pesquisa empírica num contexto de atravessamento de vírus de alta transmissividade e com potencial risco de adoecer os corpos e causar a morte?*

Assim, as normas e resoluções éticas para pesquisas com seres humanos não seriam suficientes para atender às novas demandas emergentes desse contexto. Para além dos consentimentos burocráticos, dos termos, agendamentos e diálogos durante todo o processo de pesquisa, a pandemia suscitou uma outra dimensão, mais delicada, mais subjetiva que neste caso cruzava os limites anteriormente já posicionados entre o público e o privado na esfera individual da vida. Por isso, foi preciso adotar uma *sensibilidade investigativa* (MILLER, 2020) que ponderava a necessidade de medidas éticas de biossegurança mescladas com uma *ética feminista do cuidado* (NATANSOHN; REIS, 2020), colocando-se em atenção para temas delicados, situações de adoecimento e demais possibilidades que poderiam ocorrer ao longo desse processo.

A primeira vista, substituir o “presencial” pelo “online” poderia parecer uma alternativa viável, mas o que se ganha e o que se perde com essa substituição? A partir dessa primeira indagação algumas questões surgiram:

- 1) Todas as interlocutoras teriam acesso aos meios materiais (celulares ou computadores) e à Internet para que esse contato pudesse ocorrer de forma totalmente online?
- 2) Todas essas mulheres teriam conhecimento prévio para utilizar mecanismos tecnológicos como vídeo-chamadas?

---

<sup>44</sup> Lembrando que a vacina só foi ofertada para a população brasileira no ano de 2021 e aplicada através dos critérios biológicos de “comorbidades”, “grupos de risco” e etarismo.

3) Todas essas mulheres sabem ler e escrever?<sup>45</sup>

4) Por outro lado, no que implicaria manter um contato virtualizado com as interlocutoras? Isso prejudicaria de alguma forma os objetivos desta pesquisa?

Sem respostas imediatas, a saída encontrada foi estabelecer um campo multifacetado, [híbrido], onde o “*estar lá*” se apresentava de forma online ou presencial com base nas necessidades e possibilidades individuais de cada participante. Para isso, foi necessário ponderar alguns elementos, pois tanto o presencial quanto o online revelavam um conjunto de riscos, desafios e conseqüentemente a necessidade de pensar estratégias.

Se no presencial havia a probabilidade de transmissão/infecção do vírus (num processo de contágio), – desde o percurso de ida ao campo, durante o campo e após, no retorno –, fazia-se relevante o uso dos EPI’s, especialmente máscara facial e álcool em gel.

Entretanto, ao entrar na casa dessas mulheres e observar materialmente as concepções individuais do que seria o risco para elas, a casa se projetava enquanto o lugar da limpeza, do cuidado, da segurança. Em contrapartida, a rua representava o perigo da contaminação. Tais observações dialogam diretamente com as reflexões propostas por Mary Douglas no clássico ensaio *Pureza e Perigo* (1966), numa dualidade ritualisticamente combinada pela qual “[...] as estruturas simbólicas são elaboradas e exibidas à luz do dia [...]” (DOUGLAS, 1966, p. 07).

Apesar da estratégia de ler o Termo de Consentimento (TCLE) frisando a importância do uso das máscaras faciais como forma de minimizar os riscos de contágio, jamais isso poderia ser imposto. A pesquisadora, enquanto alguém que vinha de fora (*da rua*), é quem deveria manter o distanciamento, a preocupação em não trocar objetos, em usar os equipamentos para proteção individual, levar sua própria água e neste caso, como ainda havia uma desigualdade entre vacinados e não vacinados (que também correspondia ao tempo de vacinação das interlocutoras e da pesquisadora), foi adotada a medida ética de realização do exame de testagem para a covid-19 (PCR) mesmo quando assintomática anteriormente ao encontro.

Com isso, a ausência do contato físico e das trocas materiais se apresentou enquanto limitações, de modo que mesmo no presencial exigiam um distanciamento.

No online também houve algumas limitações: dificuldades na acessibilidade a

---

<sup>45</sup> De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), coletados no ano de 2019, cerca de 11 milhões de pessoas (com mais de 15 anos) ainda não eram alfabetizadas, havendo destaque para a região Nordeste com 13,9%, apresentando também uma diferença considerável entre a população negra ou parda (8,9%) e brancos (3,6%). Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>> . Acesso em: 19 de Maio de 2022.

recursos tecnológicos e internet, ou a práticas de manuseio, tanto pelas interlocutoras como também pela pesquisadora que nesse processo precisou se reinventar tecnicamente. As relações que foram construídas a partir e por meio virtual, implicaram numa maior dedicação para a construção de vínculos. Outra preocupação consistia na instabilidade da internet e, apesar de se pensar que o campo estaria acessível 24 horas através do próprio aparelho celular ou computador, havia também uma necessidade de sensibilidade e abordagem cuidadosa buscando compreender o contexto individual de cada participante e os melhores momentos para contato.

Outro ponto emergente no contexto pandêmico foi a ampliação do movimento e do discurso anticidência que no Brasil reverberou materialmente em cortes nos orçamentos destinados à distribuição de bolsas de pesquisa em instituições de Ensino Superior e outros financiamentos, afetando diretamente pesquisadores e suas pesquisas, especialmente em cursos de Pós-Graduação com avaliações mais baixas, de instituições que ainda estão se consolidando e principalmente nas regiões Norte e Nordeste (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022). A partir disso, algumas perguntas precisam ser colocadas: I. Como (quantitativamente e qualitativamente) esses cortes afetam e repercutem no desenvolvimento das pesquisas empíricas e na vida dos pesquisadores(as) durante o contexto pandêmico? II. Com a necessidade do autocuidado como medida de prevenção da covid-19 traduzido num conjunto de técnicas, ações e usos, *quem* pagará pelos EPI's, exames de testagem (PCR), e instrumentos tecnológicos (para pesquisas à distância) e de conexão com a internet?

É importante trazer essas questões, pois auxiliam na reflexão dos processos materiais de pesquisa que envolvem diretamente os recursos utilizados. No ano de 2021, no Estado da Paraíba, na cidade de Santa Rita, cada exame de testagem (PCR) correspondia em valor entre R\$ 100,00 (cem reais) a R\$ 120,00 (cento e vinte reais). Além disso era recomendado o uso de máscaras e álcool em gel, assim como o pensar estrategicamente no deslocamento até o campo (aqui em específico a casa das costureiras) de forma a estar menos exposta ao ir de encontro com as interlocutoras. Para tudo isso é necessário dispor de recursos.

Portanto, as questões dos riscos, desafios, dificuldades individuais e coletivas nos processos de pesquisa, assim como toda a questão que envolve os ataques aos Programas de Pós-Graduação e ao corte de recursos, precisam ser discutidas e registradas como documento político e histórico, sobretudo nas produções atravessadas pela pandemia da covid-19.

## 1.5 Categorias de análise

Salientando que o conhecimento científico tanto é “[...] histórico e socialmente condicionado” (DESLANDES, 2016, p. 31) como também se localiza através do tempo e do espaço, o exercício científico enquanto um trabalho intelectual que se constrói artesanalmente (DESLANDES, 2016) permitiu a reelaboração de costuras e remendos entre hipóteses e técnicas ao longo de seu fazer empírico.

No primeiro semestre do ano de 2020 as máscaras se apresentavam como um acessório que além de ser objeto individual do cuidado preventivo expressava os gostos ou características das identidades dos indivíduos, ganhando destaque inclusive como acessório da moda criativa<sup>46</sup>. A partir do confronto das incertezas, isto é, com o avanço das informações sobre o vírus e deparando-se com os boletins biomédicos sobre a eficácia das máscaras, durabilidade (por tempo) do uso, ou mesmo a discussão sobre a matéria-prima deste artefato, o componente criativo foi secundarizado e os órgãos de saúde passaram a sugerir uma padronização a partir dos materiais (no caso das máscaras profissionais) ou camadas de tecido (no caso das máscaras de pano).

Com a mudança de cenário e conseqüentemente dos usos deste artefato ao longo de poucos meses, foi necessário ingressar no campo buscando observar analiticamente como essa nova realidade se transformava, entre suas variantes e variáveis, a cada dia. As máscaras criativas e improvisadas, entre a primeira e segunda onda da Covid-19, deram lugar às máscaras de tecido (geralmente pretas ou brancas) com duas ou mais camadas, e após esse momento, a indicação para o uso de máscaras profissionais ganhou maior notoriedade.

Assim, após a delimitação das técnicas e da coleta de dados, como forma de organizar os dados e estabelecer as categorias de análise optou-se pela análise de conteúdo, pois além de ser uma ferramenta “[...] muito utilizada na análise de comunicações nas Ciências Humanas e Sociais” (CAPELLE; MELO; GONÇALVES, 2003, p. 02), apresenta como uma de suas características centrais o uso de *categorias* obtidas através de modelos teóricos ou do material empírico (FLICK, 2008). Neste sentido, as categorias dispostas nesta pesquisa articulam os sentidos entre gênero, trabalho, tempo, saúde e cuidado, durante o episódio da pandemia entre 2020 e 2021, tendo sua centralidade no artefato máscara e os significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos no processo de produção.

---

<sup>46</sup> “Máscaras criativas aparecem nas ruas e provam a versatilidade do acessório” (UOL, 2020). Disponível em: <<https://www.uol.com.br/nossa/album/2020/09/11/mascaras-criativas-aparecem-nas-ruas-e-provam-versatilidade-do-acessorio.htm?foto=1>>. Acesso em: 20 de Maio de 2022.

**Imagem 9: Releitura de *O casal Arnolfini*, Jan Van Eyck (1434), por Genevieve Blais**



Ilustração 9: Imagem – Releitura da obra artística *O casal Arnolfini*, Jan Van Eyck (1434), utilizando máscara facial, pela artista fotográfica Genevieve Blais (2020). Reprodução. Disponível em: <<https://viagens.sapo.pt/viajar/viajar-mundo/artigos/esta-artista-criou-pinturas-famosas-para-mostrar-como-seriam-durante-a-pandemia-de-coronavirus>>, Acesso em: 09 de Abril de 2022. Ano: 2020

## 2. TRABALHOS DE AGULHA E A PANDEMIA DA COVID-19 (SARS-COV-2) NO BRASIL

Neste capítulo serão apresentadas e discutidas algumas elaborações teóricas com o objetivo de contribuir com o debate de como a pandemia afetou a vida das mulheres brasileiras, destacando o recorte especialmente para as mulheres que por situação de vulnerabilidade social exerceram duplas e até triplas jornadas de trabalho, compreendendo assim “la casa como laboratorio del capital” (CAVALLERO; GAGO, 2022, p. 44).

A partir disso, a *casa*, em contraposição a *fábrica* (THOMPSON, 2005), será apresentada enquanto local do trabalho por excelência, que durante os anos mais severos da pandemia, entre a primeira e segunda onda da covid-19 no Brasil, até o presente momento abriga em seu cenário tanto o trabalho lido como produtivo, isto é, que gera mais-valia, numa linguagem marxista, como também continuou a demandar os trabalhos de reprodução da vida que envolve o trabalho doméstico, o cuidado de si e das demais pessoas, contribuindo de forma direta para o funcionamento do sistema capitalista e da ordem produtiva formal que ocorre na esfera pública.

Neste sentido, a proposta deste capítulo é revisar a literatura de autores/as marxistas que refletiram sobre as noções de gênero e trabalho enquanto contribuições históricas e sociológicas que derivam do arcabouço teórico de Marx e Engels, autores que ainda no século XIX, teorizaram sobre as transformações no mundo do trabalho e como isso afetou a classe trabalhadora resultando em obras clássicas<sup>47</sup> de grande relevância para as Ciências Sociais.

A teoria marxista, na perspectiva de gênero, se concretizou a partir de um pressuposto fundamental, de acordo com Loureiro e Gomes (2017), pontuando que “[...] a opressão das mulheres não é uma característica permanente na história, mas o resultado de uma determinada formação social e que relações entre os sexos não são naturais, mas uma construção social” (LOUREIRO; GOMES, 2017, p. 114). Ao refletir a partir desse aporte teórico e também através de dados quantitativos e qualitativos (de caráter secundário e primário, respectivamente), é possível perceber como historicamente e tradicionalmente algumas ocupações, ofícios e demandas de cuidado foram generificados e racializados, e que apesar das mudanças sociais travadas entre lutas e conquistas nas últimas décadas, ainda sim,

---

<sup>47</sup> *Manuscritos econômicos filosóficos* (MARX, 1844); *O capital* (MARX, 1867); *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (ENGELS, 1845); *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (ENGELS, 1884).

a pandemia, enquanto fenômeno biossocial, evidenciou práticas do privado indagando o público e os sujeitos envolvidos dos processos da vida cotidiana.

## 2.1 Trabalho, cuidado e gênero na pandemia

Se a nova singularidade desencadeada pela crise sanitária afetou profundamente o cotidiano, de acordo com Matos (2020) a nova realidade pandêmica poderia acentuar ainda mais as jornadas de trabalho através da compreensão dos “papéis de gênero”, chamando atenção para o *cuidado* e os trabalhos realizados em domicílio, colocando as mulheres em postos ainda mais arriscados ou vulnerabilizados.

Como apontam as autoras Guimarães e Hirata (2020), o cuidado, pela polissemia do termo, torna-se difícil de traduzir conceitualmente. Para Fischer e Tronto (1990) apud Moré (2020), o cuidado é percebido como:

[...] “actividad genérica que comprende todo aquello que hacemos para mantener, perpetuar y reparar nuestro ‘mundo’, para que podamos vivir en él lo mejor posible. Este mundo comprende nuestros cuerpos, a nosotros mismos y nuestro entorno, todos los elementos que se articulan en una red compleja de sostenimiento de la vida” (ibid., 1990: 40)<sup>48</sup>. (MORÉ, 2020, p. 738)

O *care*, termo do inglês mas também utilizado por intelectuais francesas, ou o *cuidado*, termo utilizado no Brasil e países de língua espanhola, de acordo com Guimarães e Hirata (2020), refere-se a práticas de atenção ao outro como ação ou disposição moral, visto geralmente enquanto um trabalho designado às mulheres, perpassando consubstancialmente os marcadores da diferença. Para as autoras:

O “cuidar da casa” (ou “tomar conta da casa”), assim como “cuidar das crianças” (ou “tomar conta das crianças”), ou até mesmo o “cuidar do marido” ou “dos pais” têm sido tarefas exercidas por agentes subalternos e femininos, as quais (talvez por isso mesmo) no léxico brasileiro têm estado associadas com a submissão, seja dos escravos (inicialmente), seja das mulheres, brancas ou negras (posteriormente). (GUIMARÃES; HIRATA, 2020, p. 31)

---

<sup>48</sup> FISHER, Berenice e TRONTO, Joan. **Toward a Feminist Theory of Care**. In: ABEL, E. K. e NELSON, M. (Eds). *Circles of Care: Work and Identity in Women’s Lives*. Albany: State University of New York Press, 1990, p. 35-62

Além disso, é importante salientar que essa polissemia tanto abarca diversas atividades de trabalho, considerando remuneração salarial ou não, como também imbricam desigualmente relações de poder.

De acordo com Guimarães e Vieira (2020) o cuidado se apresenta no cotidiano através de “circuitos”, podendo eles serem de ordem “profissional” remunerados, mas também como “obrigação” entre membros de um mesmo grupo social de forma não remunerada, e há também a possibilidade do cuidado se apresentar enquanto “ajuda”, deslocando a ação do cuidado tanto da potencialidade e do reconhecimento do trabalho, como também das relações de obrigação, podendo existir ou não a circulação monetária, sendo a categoria do “cuidado como ajuda” a menos pesquisada nas Ciências Sociais, segundo as autoras.

O que a pandemia da Covid-19 pôde evidenciar é que, evocando uma metáfora bélica<sup>49</sup>, o que popularmente ficou disseminado enquanto “guerra contra um inimigo invisível”, tinha por sua “linha de frente” a linha do cuidado, e mesmo evitando perpetuar binarismos com base no marcador de gênero, é inegável que as mulheres protagonizaram a pandemia nas mais diversas *fronts* (BLANC; LOUGIER; MOLINIER, 2020).

Neste sentido, a compreensão de gênero é apresentada não apenas enquanto uma categoria analítica, mas constitui-se a partir de relações de poder (WEEKS, 2001). Küchemann, Bandeira e Almeida (2015) também são assertivas ao conceituar o termo gênero relacionando as dimensões culturais e hierárquicas a partir das diferenças, afirmando assim que:

[...]“gênero” refere-se a relações culturais e de poder que, inicialmente, foram focadas entre homens e mulheres e que passaram a se estender a distintos grupos sociais. Refere-se também às relações sociais que estruturam toda cena social apresentada como uma expressiva metáfora das formas de subordinação, das disposições hierárquicas, das situações de dominação e sujeição, estando elas baseadas nas diferenças sexuais, étnicoraciais, regionais ou em qualquer outra. Afinal, “gênero” perpassa e funda originariamente toda a gama de estruturas, identidades sociais e subjetividades individuais. (KÜCHEMANN; BANDEIRA; ALMEIDA, 2015, p. 65)

Partindo dos conceitos teóricos para dados secundários empíricos, de acordo com dados da pesquisa promovida pela Gênero e Número e Sempre viva organização Feminista

---

<sup>49</sup> Segue enquanto sugestão de leitura onde há maior discussão sobre o termo “guerra” utilizado enquanto metáfora em cenários pandêmicos e epidêmicos: SOUZA, Maysa Carvalho de. **A Metáfora da Guerra: reflexões sobre as práticas e os discursos de gênero em cenários pandêmicos e epidêmicos**. Pós - Revista Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2022, p. 12–25. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/43809>> . Acesso em: 02 de Agosto. 2022.

(SOF)<sup>50</sup>, com base nas respostas obtidas através de questionário online respondido por cerca de 2.641 mulheres de todas as regiões brasileiras, 50% das mulheres passaram a cuidar de alguém durante o primeiro ano da pandemia, em 2020, sendo 52% dessa amostra de mulheres negras, 50% de mulheres indígenas e 46% de mulheres brancas. Guimarães e Hitara (2020) ainda afirmam que “[...]A pandemia agravou, porque multiplicou, a carga de trabalho de cuidado que as mulheres já exerciam, seja como “obrigação” (que socialmente lhes impõe), seja como “ajuda” (GUIMARÃES; HIRATA, 2020, p. 262)”

Pensando o cuidado através da perspectiva profissional, mesmo que esta ainda seja a dimensão mais pesquisada pelas Ciências Sociais, ainda assim a pandemia trouxe consigo novas demandas sociais e práticas desvelando as relações entre cuidado e violência que ocorrem na esfera pública. Wermellinger et al (2010) apud Matos (2020) salienta sobre o fenômeno da feminização da força de trabalho na saúde, afirmando que entre os trabalhadores dessa área 90,39% corresponde a enfermeiras, sendo 86,93% de mulheres em cargos técnicos e auxiliares (MATOS, 2020), e de acordo com o Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) há um recorte racial muito específico indicando que 53% das mulheres que atuam na enfermagem são negras<sup>51</sup>. A dimensão racial também se faz presente em dados divulgados pelo Museu da Vida em parceria com a Fiocruz (2020)<sup>52</sup> referentes às questões emocionais, marcadas tanto pelo adoecimento psíquico durante a pandemia, como por assédio moral, injúria racial e racismo.

No momento em que o país enfrentava simultaneamente uma crise sanitária e outra crise de ordem econômica, ainda assim havia um abismo percentual no quesito desemprego entre a população branca e não branca.

De acordo com o Boletim Especial do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (2020)<sup>53</sup>, dos 8 milhões de pessoas desempregadas entre o primeiro e o segundo semestre no ano de 2020, cerca de 6,3 milhões eram de homens e mulheres autodeclarados(as) negros(as) e ainda no que se refere ao ano de 2020, havia 8,1 milhões de pessoas negras em situação de vulnerabilidade social. 58,5% das mulheres negras ficaram

---

<sup>50</sup> Disponível em: <<https://mulheresnapanemia.sof.org.br/>>. Acesso em: 28 de Julho de 2022.

<sup>51</sup> Disponível em: <[http://www.cofen.gov.br/mulheres-negras-e-a-realidade-da-enfermagem-brasileira\\_81357.html](http://www.cofen.gov.br/mulheres-negras-e-a-realidade-da-enfermagem-brasileira_81357.html)>. Acesso em: 29 de Julho de 2022.

<sup>52</sup> Disponível em: <<https://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/noticias/1591-profissionais-de-saude-negras-sao-as-que-mais-s-ofrem-efeitos-da-pandemia>>. Acesso em: 29 de Julho de 2022.

<sup>53</sup> DIEESE. **Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos**. Boletim Especial: Desigualdades entre negros e brancos se aprofunda durante a pandemia, 2020. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2020/boletimEspecial03.pdf>>. Acesso em: 19 de Agosto de 2021.

desempregadas durante o primeiro ano da pandemia, enquanto isso, o relatório da SOF aponta que no mesmo quesito 39% das mulheres brancas e 2,5% de mulheres indígenas ou amarelas se encontravam na mesma situação socioeconômica, cabendo ainda frisar que esses números referem-se apenas aos contratos de trabalhos formais.

A noção de trabalho aqui não é compreendida exclusivamente como uma relação de dupla modificação entre o homem e a natureza (MARX, 2013), mas, retirando o sentido universal do masculino e trazendo a reflexão para as relações humanas sociais, abarcando as mulheres, é possível ampliar essa discussão considerando a generificação ou sexuação histórica das relações de trabalho (HIRATA; ZARIFIAN, 2009).

Evitando reproduzir binarismos opostos e reconhecendo as conquistas sociais alcançadas nos últimos anos, ainda sim, é inegável que historicamente houve uma distinção do trabalho por divisão de sexo/gênero. Para Kergoat (2001) isso se daria através de dois princípios, um que separaria o que socialmente e historicamente se compreende enquanto “trabalho de homem” ou “de mulher”, e outro princípio que hierarquiza essas funções, validando simbolicamente e materialmente qual trabalho “vale” mais.

Neste sentido, o conceito de divisão sexual do trabalho empregado nesta reflexão alia-se a compreensão de que as *relações sociais* são mediadas pelas opressões, por antagonismos e são sobretudo relações de poder, numa perspectiva que mais se aproxima da interpretação das teóricas e intelectuais marxistas, do que da divisão social do trabalho baseada nas especializações ou *vínculos sociais* presentes nos estudos que derivam do pensamento durkheimiano (ÁVILA, 2020).

Retomando a linha que interconecta as questões de gênero, trabalho e cuidado, Batthyány e Sánchez (2020) afirmam que as restrições tomadas pelos governos como forma de prevenção da contaminação de pessoas em larga escala quando ainda não havia vacina trouxeram consequências em três dimensões diferentes: 1) Em primeiro lugar, elucidaram a presença do cuidado, dos trabalhos domésticos e outras atividades não remuneradas relacionados às mulheres (da América Latina e do Caribe), que dedicaram grande parte de seus tempos a essas atividades; 2) Em segundo lugar, a pandemia afetou diretamente o mercado de trabalho com recorte de gênero, pois de acordo com dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), houve em 2020 um considerável aumento do trabalho informal, havendo cerca de 130 milhões de trabalhadores informais e as mulheres representavam 53% dessa amostra. Isso implica diretamente nas condições de vida e essas atividades poderiam aumentar a exposição ao risco; e por fim, 3) Houve um considerável

aumento na violência de gênero, violência intrafamiliar e de menores de idade (BATTHYÁNY; SÁNCHEZ, 2020).

Por isso, a partir do que foi exposto neste primeiro tópico do segundo capítulo, é possível se apropriar da afirmação de Pimenta (2020) quando diz que “*pandemia é coisa de mulher*”, sobretudo quando as produções e dados apontam para a evidência de que as mulheres estiveram, mesmo que invisibilizadas, sobrecarregadas e desvalorizadas, como afirmam Blanc, Lougier e Molinier (2020), em várias *fronts*: nas máquinas de costura, no *care*, hospitais e demais serviços. Entretanto, de acordo com o pensamento Silveira (2014) apud Blanc, Lougier e Molinier (2020), elas foram discursivamente postas numa “terceira linha”.

Ainda se tratando das desigualdades quanto às relações de gênero, trabalho e cuidado durante a pandemia da Covid-19, Pimenta (2020) salienta sobre como as pandemias e epidemias afetam diretamente e diversamente mais as mulheres do que os homens. Para a autora:

[...]Sabendo que toda pandemia é generificada, racializada e tem classe social, pode-se dizer que a crise do novo coronavírus no Brasil tem cara de mulher preta e periférica e, muitas vezes, deficiente<sup>54</sup>. Ou seja, a pandemia afeta, mesmo que não mate, a base da pirâmide social brasileira. (PIMENTA, 2020, p. 17)

Devido ao cuidado generificado e a sobrecarga física e mental, é importante evidenciar que a pandemia acentuou desigualdades já pré-existentes ao mesmo tempo que afetou mais alguns sujeitos em detrimento de outros.

## 2.2 Trabalhos de Agulha e a costura no Brasil

Numa perspectiva sócio-histórica, esse tópico abordará de forma panorâmica fragmentos da história do trabalho da costura e das costureiras no Brasil, problematizando como as questões *interseccionais* (AKOTIRENE, 2020), *consubstanciais* (KERGOAT, 1978) ou de *nó* (SAFFIOTI, 1987) estabeleceram cruzamentos relevantes para que se possa pensar sobre quem foram essas mulheres no tempo passado, quem são essas mulheres no tempo presente, e sobretudo, quem são as mulheres que realizaram os trabalhos na costura das máscaras em tempos de pandemia.

---

<sup>54</sup> O termo mais adequado seria Pessoa com Deficiência (PCD).

Partindo do enunciado no tópico anterior sobre uma distinção e hierarquização do trabalho a partir das relações de sexo/gênero (KERGOAT, 2001), de acordo com Novaes (2016) ao longo dos períodos históricos, da Antiguidade Clássica à Contemporaneidade, houve separações entre o trabalho braçal, intelectual, artesanal e industrial, que acompanharam as transformações no mundo do trabalho, o que envolvia não apenas uma separação das atividades pela generificação dos sexos, mas envolvia também dimensões políticas, morais e religiosas.

Se no século XV foi possível observar o aumento na demanda por tecidos devido à intensificação do consumo de produtos têxteis e pela mecanização da produção em nível técnico, as mulheres, que antes estavam vinculadas ao trabalho artesanal doméstico, foram impedidas de continuar as atividades produtivas na esfera privada, pois o trabalho técnico se situava na esfera pública e as associações simbólicas que envolviam a família, a casa e o cuidado se colocavam enquanto obstáculos em meio a necessidade de adaptação das técnicas do ofício em decorrência das transformações sociais (NOVAES, 2016). Neste mesmo período “[...] os mestres e trabalhadores masculinos assumiram a produção em maior escala e a participação das mulheres, tanto na fabricação de tecidos quanto nas atividades de costura, diminuiu.” (NOVAES, 2016, p. 9).

A separação entre o artesanal e a produção técnica se acentuou ainda mais a partir da Revolução Industrial no século XVIII, que deslocou o ambiente produtivo da *casa* para a *fábrica*, possibilitando porém o ingresso das mulheres em atividades consideradas *secundárias* (NOVAES, 2016).

No fim do século XIX houve a massificação do que ficou conhecido como “indústrias domésticas” ou protoindústrias domésticas, conhecidas por serem espaços de exploração máxima que tinham a organização familiar como base. Para Hobsbawn (2015) a invenção dessas indústrias tanto possibilitou uma “erosão” do que se compreendia enquanto trabalho tradicional de homens e de mulheres, como também marcou um período de rupturas e transformações nas estruturas familiares. Tais estruturas eram geralmente compostas por pessoas que atingiam a idade de exercer as atividades de trabalho, e adicionando os filhos à força produtiva apresentava a vantagem mínima da combinação entre trabalho remunerado, cuidado da casa e dos filhos, tornando-se com o passar do tempo em “[...] Um tipo de trabalho mal pago que as mulheres podiam fazer em casa, nas águas-furtadas ou nos quintais.” (HOBSBAWN, 2015, p. 305).

Apesar da remuneração do trabalho produtivo, o autor chama atenção para uma separação não apenas pautada nas questões sexo/gênero, mas numa “[...] divisão

sexual-econômica [...]” (HOBSBAWN, 2015, p. 306) responsável por alicerçar a compreensão de que as funções da esfera doméstica deveriam, nesta época, ser a prioridade das ocupações das mulheres, enquanto caberia aos homens obterem através do trabalho remunerado rendimento suficiente para manter os membros da família.

Se no Brasil do século XVIII ainda havia uma estrutura e uma cultura violenta de escravidão, Almeida (2020) descreve as ruas do Recife setentista como um “enxame” marcado pela cor, por gritos e pelo agenciamento da própria sobrevivência num período em que as mulheres negras estavam ainda mais desprotegidas numa estrutura social que as inferiorizava e as violava. Essas trabalhadoras em estado de escravidão “[...] Gritavam a todos os pulmões sob as janelas oferecendo suas mercadorias à venda” (ALMEIDA, 2020, p. 54), ofertando além disso seus serviços como lavadeiras, ganhadeiras, cozinheiras, quitandeiras e costureiras (ALMEIDA, 2020).

Uma outra perspectiva apresentada pela autora é que posteriormente, ainda no mesmo século, esse tipo de negociação de mercadorias no espaço público também proliferou entre a população negra em situação em “liberdade” (alforria) como também por pessoas negras já nascidas “livres”, oferecendo em seus tabuleiros comidas diversas, roupas, objetos de utilidade doméstica, e quando estes sujeitos tinham recursos para tornar-se proprietários de espaços fixos para a troca ou venda de mercadorias, esses lugares também abrigavam escravizados fugidos e supriam quilombos (ALMEIDA, 2020).

Se no século XIX as roupas, vestimentas e adornos obtiveram mais destaque simbólico, sobretudo enquanto um demarcador de classe (SOUZA, 1987), ao longo de todo o século, a costura no ambiente da *casa* era um elemento do cotidiano que atravessava os marcadores de raça, gênero, classe e geração, sendo um conhecimento transmitido entre mulheres, para meninas e mulheres mais jovens. De acordo com Monteleone (2019):

[...] Esperava-se que as mulheres soubessem cuidar da roupa da casa, que incluía um sem número de remendos, recosturas e transformações - além de inúmeras lavagens e do tempo dispendido passando as roupas todas. Todo esse trabalho significava um treinamento desde a infância, para as meninas. Nas famílias mais abastadas, não era incomum contratar-se, entre os diversos criados da casa, uma costureira para cuidar das roupas da família. Era um fenômeno que fazia parte da cultura ocidental e, no Brasil, costurar, lavar e cuidar das roupas era dos mais importantes afazeres domésticos, ao lado da cozinha. Geralmente, esses afazeres eram feitos por escravas domésticas. (MONTELEONE, 2019, p. 1)

Com as transformações ocorridas no espaço público urbano, considerando o êxodo rural e o crescimento da imigração estrangeira, a alta demanda do cuidado para com as roupas e adornos, de acordo com Monteleone (2019), somou-se ao aumento da necessidade de trabalhadoras domésticas que atuavam nos cuidados com esses objetos ou com a costura, tendo por um lado a população escravizada que ofertava impositivamente esses trabalhos na esfera privada, enquanto modistas e vendedoras se atualizavam tecnicamente em seus *ateliês*, no espaço público.

A autora ainda pontua que no final do século XIX, considerando apenas a cidade do Rio de Janeiro (capital do Brasil entre 1763 a 1960), 34 mil mulheres trabalhavam como mucamas, cozinheiras, lavadeiras e costureiras, referindo-se a “[...] Brancas e negras, livres ou escravas, elas trabalhavam juntas, exercendo atividades semelhantes”. (MONTELEONE, 2019, p. 2). No entanto, o recebimento de pagamento pelos trabalhos domésticos, incluindo o da costura, só tornou-se possível após o “fim” do tráfico de pessoas e com a “abolição”, exatamente nas últimas décadas do século XIX.

A transmissão do saber-fazer da costura como parte da educação das mulheres é um elemento presente em diversas culturas, atravessando a tradição familiar ou propriamente a educação formal. Se para Marie Rauber (1911) os “trabalhos de agulha” eram requisito de uma educação generificada que reforçava papéis desiguais de gênero na França, Rebecca Rogers (2019) traz algumas indagações que relacionam tanto o sentido social quanto laboral deste ofício. Pensando no sentido formativo e na presença da educação doméstica no âmbito escolar, os trabalhos de agulha eram transmitidos tanto para a filha das operárias como para a burguesia, no entanto, a apropriação desse saber-fazer atravessava também as necessidades e estratégias de classe. Se as classes com maiores vantagens econômicas apropriaram-se da costura e do bordado como meio de distração ou para o uso interno das peças em enxovais, a classe operária utilizou dessa formação como forma de suprir as demandas econômicas (ROGERS, 2019).

No século XX, foi possível observar o que Louro e Meyer (1993) apud Padilha e Santos (2021) apontam enquanto “escolarização do doméstico”, observando a junção das atividades entre o doméstico e o espaço de formação das mulheres no Brasil, sobretudo da classe trabalhadora. Entre o ensino básico de disciplinas fundamentais do currículo, havia disciplinas como *Economia Doméstica*, *Bordado e Costura*, ou *Corte e Costura*. De acordo com Tavares (2016) essas disciplinas tanto eram oferecidas em escolas profissionalizantes femininas na primeira metade do século XX, como a partir dos anos 1960 houve um avanço significativo da participação das mulheres em escolas de ensino técnico.

Ao tensionar os marcadores sociais da diferença, nos deparamos com conceitos geralmente apresentados separadamente que indicam o lugar social a partir da hierarquia histórica que perpassa as relações sexo/gênero, o acesso a bens materiais e simbólicos, e também aos grupos étnicos/raciais aos quais pertencem os sujeitos (DÍAZ BERMÚDEZ, 2021). Entretanto, no cotidiano essas formas de opressões ou subordinações não se desvinculam.

Na última década, as articulações feministas possibilitaram um olhar analítico sobre essas relações, recuperando produções intelectuais ainda do século XX, unindo tais contribuições a produções mais recentes. Para Hornhardt (2019) os conceitos de *interseccionalidade* e *consustancialidade* se apresentam enquanto alternativas teóricas que contrapõem-se a modelos universalistas. Ambos os conceitos emergem nos anos 1970, primeiramente o de interseccionalidade provocado por demandas políticas dos movimentos sociais norte-americanos, especialmente do feminismo negro. Tem como sua principal precursora a professora Kimberlé Crenshaw (1989)<sup>55</sup>, e atualmente conta com outras intelectuais, como por exemplo a socióloga Patrícia Hill Collins (2014)<sup>56</sup> e a pesquisadora Carla Akotirene (2020) no Brasil, que abordam a interseccionalidade tanto como um conceito teórico-político presente nos movimentos sociais na esfera pública, como também enquanto uma categoria presente nos espaços formais de produção do conhecimento. Além disso, pensa-se a articulação de diversas identidades, incluindo, para além do tripé entre raça, gênero e classe, o caráter migratório, religioso, o capacitismo e outras desigualdades, visando a emancipação (HORNHARDT, 2019).

O conceito de consustancialidade emerge a partir da corrente materialista marxista francesa que buscava articular a categoria sexo enquanto uma construção não natural atravessada pelas relações histórico-sociais à categoria de classe. Tem como sua principal expoente a socióloga Danièle Kergoat (1978)<sup>57</sup> que, numa perspectiva feminista-marxista, mobilizou temas interessantes para pensar as relações sexo-gênero, classe, trabalho e capitalismo, já indicando a estreita relação do trabalho produtivo com o trabalho de reprodução da vida cotidiana, distinguindo-se do conceito de interseccionalidade pela

---

<sup>55</sup> Ver: CRENSHAW, Kimberlé W. **Demarginalizing the intersection of race and sex; a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. University of Chicago Legal Forum, 1989, p. 139-167.

<sup>56</sup> Ver: COLLINS, Patricia Hill. **Intersectionality: a knowledge project for a decolonizing world?**. Comunicação ao colóquio internacional Intersectionnalité et Colonialité: Débats Contemporains, Université Paris Diderot, 2014.

<sup>57</sup> Ver: KERGOAT, Danièle. **Ouvriers = ouvrières? Propositions pour une articulation théorique de deux variables: sexe et classe sociale**. Critiques de l'Économie Politique, 1978, p. 65-97.

proposta de historicizar as categorias sociais de subordinação e desigualdades pensando-as dinamicamente e não colocando-as num mesmo patamar (HORNHARDT, 2019).

Contudo, pensando na imbricação das desigualdades ainda torna-se relevante recuperar um outro conceito. Tal conceito, o de “*nó das relações sociais*”, cunhado pela socióloga brasileira Heleieth Saffioti aproxima-se da compreensão da consubstancialidade, no entanto, provoca a pensar a partir do cenário brasileiro.

Numa brevíssima apresentação sobre a autora, filha de costureira e de um pedreiro (GONÇALVES, 2011), Heleieth Saffioti ingressou nas Ciências Sociais na década de 1960 e ainda nesta mesma década escreveu uma de suas obras mais importantes intitulada *A mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade* (2013), sob orientação do sociólogo Florestan Fernandes, que numa perspectiva marxista buscou problematizar as condições sociais das mulheres sob a ótica de classe (VALIN, 2016).

Entretanto, a produção de Saffioti pode ser compreendida em duas fases: 1º) O interesse por uma sociologia do trabalho com o recorte de gênero, entre 1968 - 1982; e 2º) Um maior foco nas questões de gênero com recorte para uma sociologia da violência entre 1980 a 2004 (VALIN, 2016). A metáfora do nó aparece em vários escritos da autora, obtendo maior aprofundamento a partir da década de 1990, buscando explicar a complexidade das relações entre raça, sexo e classe que, segundo Saffioti, estruturam a manutenção (desigual) do sistema compreendendo assim a historicidade e a multiplicidade dos sujeitos, atentando para como determinado marcador pode emergir sobre outros em dadas circunstâncias, apesar do enlaçamento entre essas categorias. Para a autora:

Como tal, merece e exige tratamento específico, mesmo porque é no nó que atuam, de forma imbricada, cada uma das contradições mencionadas. Além disto, esta concepção é extremamente importante para se entender o sujeito múltiplo (Lauretis, 1987) e a motilidade entre suas facetas. Efetivamente, o sujeito, constituído em gênero, classe e raça/etnia, não apresenta homogeneidade. Dependendo das condições históricas vivenciadas, uma destas faces estará proeminente, enquanto as demais, ainda que vivas, colocam-se à sombra da primeira. Em outras circunstâncias, será uma outra faceta a tornar-se dominante, esta mobilidade do sujeito múltiplo acompanha a instabilidade dos processos sociais, sempre em ebulição. (SAFFIOTI, 2015, p. 83)

Compreendendo a relevância sociológica de cada uma dessas abordagens que buscam explicar os marcadores sociais da diferença e como eles estão atravessados no cotidiano, observando também os pontos de concordância e as fragilidades, ainda assim os três

conceitos tornam-se úteis para a reflexão proposta ainda no primeiro parágrafo deste tópico. Afinal, como a costura se apresentou no tempo passado e como se apresenta no presente? Que sujeitos estão envolvidos neste processo?

De acordo com a Associação Brasileira de Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT)<sup>58</sup>, no ano de 2021, mesmo durante o período pandêmico, foram faturados 194 bilhões de reais, representando um aumento percentual de 20% em relação ao ano anterior. Analisando o setor têxtil, é possível observar que, apesar de gerar grande empregabilidade, correspondendo a 16,4% no Brasil no ano de 2019, ainda assim há categorias e subcategorias que flutuam entre o emprego formal e subcontratações, no qual 1% dessas formas de contratação encontram-se em situação análoga a escravidão<sup>59</sup>. Seguindo com outro dado importante, 75% do trabalho nessas indústrias ainda é ocupado por mulheres.

Segundo dados disponibilizados através do site da Associação Brasileira do Vestuário (Abravest), 1,3 milhões de profissionais trabalham com costura no Brasil, sendo 87% mulheres. Cerca de 1/3 dessa classe de trabalho possui em nível de escolaridade apenas o Ensino Médio, correspondendo a um dos ofícios que mais sofrem em termos de precarização<sup>60</sup>.

Durante a pandemia, principalmente no ano de 2020, surgiram diversas matérias jornalísticas<sup>61</sup> que buscaram dar visibilidade a iniciativas individuais ou ações coletivas de mulheres costureiras que estavam se mobilizando na produção de máscaras e outras que, por

<sup>58</sup> Dados disponíveis em:

<<https://www.abit.org.br/noticias/industria-textil-e-de-confeccao-faturou-r-194-bilhoes-em-2021#:~:text=A%20ind%C3%BAstria%20t%C3%AAxtil%20e%20de,roupas%20cresceu%2016%2C9%25>>.

Acesso em: 27 de Agosto de 2022.

<sup>59</sup> Dados disponíveis em:

<<https://piaui.folha.uol.com.br/cada-mil-trabalhadores-da-moda-no-brasil-750-sao-mulheres/>>. Acesso em: 27 de Agosto de 2022.

<sup>60</sup> Dados disponíveis em: <<https://abravest.org.br/site/>>; e

<<https://vestuariobarueri.org.br/noticias/25-de-maio-dia-da-costureira/>>. Acesso em: 27 de Agosto de 2022.

<sup>61</sup> Segue como indicação algumas dessas matérias:

I) Projeto *Tecendo Máscaras e Cuidados*. Cerca de 50 mulheres produziam individualmente em torno de 400 máscaras por semana nas comunidades da Maré (RJ) em 2020. Disponível em: <<https://mareonline.com.br/mulheres-costurando-saude/>>;

II) Cooperativa com 22 costureiras bolivianas que residiam em São Paulo, ano de 2021, criaram o grupo “Empreendedoras sin fronteras”. Disponível em: <<http://www.apf.org.br/fundacoes/index.php/noticias/todas-as-noticias/5317-na-pandemia-mulheres-imigrantes-criam-cooperativa-de-costura-em-sp.html>>;

III) Mulheres indígenas das terras Rikbaktsa (MT) costuraram cerca de 1,5 mil máscaras (2022). Disponível em: <<https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2022/03/11/mulheres-indigenas-aprenderam-a-costurar-na-pandemia-e-fabricaram-mascaras-para-doa-as-aldeias-em-mt.ghtml>>;

IV) Projeto UNICEF que contou com o apoio de costureiras criou rede de doação de máscaras para comunidades ribeirinhas no Pará e no Maranhão. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/historias/uma-mao-ajuda-a-outra>>.

Todos esses sites foram acessados em 27 de Agosto de 2022.

situação de desemprego ou subemprego, passaram a aprender a costurar com o intuito de adquirir renda por meio da produção do artefato.

Apesar das experiências diversas, o que unifica a categoria profissional (emergente) das costureiras de máscaras são alguns aspectos que mesmo o transcorrer do tempo social não foi capaz de transformar totalmente. Trata-se de mulheres, em maioria negras (pretas e pardas), contando também com uma parcela de indígenas e imigrantes, em situação de vulnerabilidade social-econômica, com escolaridade básica e que dispuseram de sua força de trabalho e de seus meios para realizar o ofício artesanalmente. Diante das incertezas, o trabalho se voltou para a esfera doméstica, abrigo em seu aspecto positivo a possibilidade de exercer a função produtiva (remunerada) numa situação de crise ao mesmo tempo que, em aspecto negativo, condensou na casa o abarcar conflituoso dos diversos tempos de trabalho.

### 2.3 Protagonismo ou empoderamento? Algumas questões

Ao longo do processo da reconstrução da pesquisa o questionamento sobre qual tipo de informalidade, afinal, a pesquisa se referia e se seria possível relacionar essas práticas a conceitos emergentes que buscam evidenciar a presença das mulheres nos múltiplos lugares<sup>62</sup>, foi um dos elementos centrais. A grande questão responsável pela inquietude que resultou inclusive na mudança do título desta dissertação e de bases iniciais de literatura, tinha um ponto principal: afinal, essas mulheres em suas funções produtivas e reprodutivas eram *protagonistas* num contexto histórico pandêmico, trabalhadoras *autônomas*, mulheres em processos de *empoderamento*, ou esses termos mascaravam um outro tipo de exploração que através da romantização da relação entre a casa, o cuidado e as práticas familiares, invisibiliza o teor laboral das atividades em domicílio? Qual conceito poderia ser atribuído a essa prática singular num contexto tão singular?

Compreendendo a informalidade enquanto economia de difícil demarcação conceitual por sua polissemia e heterogeneidade na contemporaneidade, entre 1960-1970 essa categoria teve seu debate voltado à não-inserção ou não-integração das classes mais baixas na formalidade assalariada, subdividindo-se em duas vertentes: uma vinculada ao pensamento estruturalista e outra, mais próxima ao pensamento marxista (COSTA, 2010). Contudo, após os anos 1980 o tema tornou-se ainda mais complexo, abarcando as transformações

---

<sup>62</sup> As reflexões iniciais dessa inquietação teórica ocorreram durante a participação na *III Semana Acadêmica do PPGS-UFPA: Negacionismo, Pandemia e Destruição do Estado*, em dezembro de 2021.

econômicas-capitalistas em junção ao aumento do número de pessoas em situação de desemprego, flexibilização e desregulamentação, o que Costa (2010) compreende enquanto uma “nova informalidade” (2010, p. 178).

De acordo com Araújo e Lombardi (2013), o termo “nova informalidade” surge inicialmente nos trabalhos de Juan Pablo Pérez-Sainz<sup>63</sup>, destacando a desregulamentação dos mercados e a flexibilização do trabalho. Contudo, no cenário brasileiro outros elementos ganharam visibilidade, como o aumento e a presença de trabalhadores autônomos que ofertam serviços para empresas, a migração de trabalhadores dos setores capitalistas formais para o emprego informal, assim como a produção por conta própria de produtos e novas atividades. Ainda na perspectiva das autoras:

o conceito de “nova informalidade” tem o potencial de captar o modo pelo qual a dinâmica da acumulação flexível incorpora e interconecta atividades e relações de trabalho formais e informais e, ao mesmo tempo, de desvendar a amplitude da precarização que caracteriza o novo modelo produtivo da globalização. (ARAÚJO; LOMBARDI, 2013, p. 460)

Contudo, apesar dessa dinâmica estabelecida entre o formal e o informal, o que permanece é a precarização das atividades laborais, a baixa remuneração e a ausência de proteção social-econômica.

Se durante a pandemia o setor informal foi um dos mais afetados, também foi este o setor que possibilitou a sobrevivência de uma parcela da classe trabalhadora que não estava integrada à formalidade, ou que estava em situação de desemprego. Além das “novas atividades” ou novas alternativas econômicas, cabe ressaltar que houve um maior uso do meio digital, inclusive através de aplicativos, mas isso não proporcionou aos trabalhadores nenhum ganho em sentido de proteção social ou econômica (DURÃES, 2021), havendo também baixa regulamentação referente aos direitos dos trabalhadores.

Se o conceito de empoderamento surge a partir da perspectiva de desenvolvimento, ainda nos anos 1990<sup>64</sup> buscando efetivar uma maior participação política e social das

---

<sup>63</sup> Para acesso aos trabalhos do autor, ver:

PÉREZ-SÁINZ, Juan P. Globalización y neoinformalidad en América Latina. Nueva Sociedad, n. 135, p. 36-34, 1995.

PÉREZ-SÁINZ, Juan P. Neoinformalidad en Centroamérica. San José: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, FLACSO, 1996.

PÉREZ-SÁINZ, Juan P. ¿Es necesario aún el concepto de informalidad? Perfiles Latinoamericanos, n. 13, p. 55-71, 1998.

<sup>64</sup> Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (Cairo, 1994) e Quarta Conferência Internacional sobre a mulher (Beijing, 1995).

mulheres (GARCIA, FRANCH; OLIVEIRA, 2008), esse neologismo adquiriu na última década uma maior visibilidade política, sobretudo através de grupos feministas. Contudo, mais recentemente houve uma associação do termo aos interesses do sistema que acabam vinculando o conceito a ações isoladas ou unicamente a um sentido de práticas econômicas. Por isso, cabe frisar alguns elementos.

Primeiramente, a ideia de empoderamento refere-se a um “processo” que tem por objetivo proporcionar autonomia para as mulheres (GARCIA, FRANCH; OLIVEIRA, 2008). Em segundo, de acordo com Berth (2019), as definições do que seria empoderamento pode perpassar perspectivas distintas, como na compreensão de Rappaport (1981)<sup>65</sup>, para quem esse processo deveria ocorrer para fortalecer os grupos marginalizados ou oprimidos, enquanto para Freire (1987)<sup>66</sup> os próprios grupos tem potência de empoderar a si; para Sen (1997)<sup>67</sup> o empoderamento não pode vir em sentido vertical, ou seja, de instituições para pessoas ou grupos, mas sim, reconhece-se que as dinâmicas externas podem influenciar positivamente ou negativamente os processos de empoderamento; e por fim, o empoderamento consiste em dimensões que consideram a perspectiva crítica da realidade social, a participação política e por último a capacidade de gerar renda de forma autônoma (BERTH 2019 apud STROMQUIST, 2002).

Desta forma, vincular a compreensão do empoderamento unicamente ao empreendedorismo ou ao sentido de trabalho (geralmente informal por conta própria) esvazia o termo da sua justificativa inicial, ao mesmo tempo que invisibiliza grupos que impositivamente foram colocados à margem da economia formal. Para a autora:

Cabe um parêntese para dizer que pessoas negras historicamente empreendem por necessidade, posto que o racismo estrutural impede a colocação em empregos formais. Por conta disso, e com o avanço de um discurso neoliberal e de precarização do trabalho, é fundamental estar atento ao discurso “fácil” do empreendedorismo, que visa, muitas vezes, precarizar ainda mais a situação dos trabalhadores, sobretudo para negros e negras. (BERTH, 2019, p. 74)

De acordo com dados obtidos através do relatório da Fundação Perseu Abramo, intitulada *Nas dobras da precariedade – Desigualdades regionais, de gênero, raça e classe*

---

<sup>65</sup> RAPPAPORT, J. In praise of paradox: a social policy of empowerment over prevention. *American Journal of Community Psychology*, 1981.

<sup>66</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

<sup>67</sup> SEN, Gita. Empowerment as an approach to poverty. *Working Paper Series*, 1997.

*no trabalho por conta própria no Brasil (2021)*<sup>68</sup>, há uma discrepância referente ao gênero, raça e renda quando o assunto é trabalho informal. Com exceção da categoria de ofício que compreende os trabalhos com artesanato em tecido, costuras, bordados e semelhantes, com renda até R\$ 500,00 reais, a população negra é maioria em todos os demais segmentos.

Ainda no mesmo relatório divulgado, quanto maior a renda acumulada, mais é perceptível um embranquecimento da amostra. A categoria dos ofícios relacionados à costura nem aparece nos gráficos referentes à renda superior a R\$2.000 e neste mesmos gráficos, quanto maior a renda, menor a presença de mulheres e da população negra.

Retomando a discussão inicial deste tópico, como então categorizar o trabalho das mulheres na produção de máscaras durante a pandemia?

Apesar de frisar o protagonismo histórico dessa parcela de mulheres que ofertou sua força de trabalho na produção de uma mercadoria de grande importância para o cuidado preventivo num momento em que as políticas estavam muito mais centradas no risco (ALMEIDA-FILHO, 2021)<sup>69</sup> do que no cuidado, torna-se difícil atribuir um sentido unicamente empreendedor, inclusive pelos sentidos múltiplos atribuídos pelos sujeitos, nem sempre motivados pelo (baixo) teor financeiro. Entretanto, para aquelas que sobreviveram a partir da venda dessa mercadoria diretamente para as pessoas de uma comunidade ou para empresas e instituições, pode-se dizer que essa nova informalidade não fortalece dualismos mas contribui com determinada fluidez entre o trabalho informal e o setor formal, vinculando o seguimento não capitalista descolado do sentido da relação entre os proprietários dos meios de produção e o(a) trabalhador(a), a uma subordinação indireta aos interesses da esfera formal capitalista.

## **2.4 O neoliberalismo do Brasil que não pode parar<sup>70</sup>: entre a flexibilização e a precariedade**

Diante da evidência da pandemia, ainda nos meses iniciais do ano de 2020, foi possível observar políticas e posicionamentos dos governos que de modo particular buscaram

---

<sup>68</sup> Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/wp-content/uploads/2021/07/NasDobrasdaPrecariedade.pdf>>. Acesso em: 01 de agosto de 2022.

<sup>69</sup> Apostando em ideias como “isolamento vertical” e “imunidade de rebanho” (ALMEIDA-FILHO, 2021).

<sup>70</sup> “O Brasil não pode parar” foi o slogan utilizado numa campanha do Governo Federal publicada em 28 de março de 2020, defendendo a flexibilização do isolamento social. Vídeo publicitário disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hQQZE7LQIGk>>. Acesso em: 05 de Agosto de 2022.

conter a crise sanitária, demonstrando simultaneamente grande preocupação com o setor econômico.

No Brasil, a partir dos novos desafios decorrentes da presença da Sars-Cov-2, quando ainda não havia nenhuma vacina disponível, de acordo com Fleury (2021) as INF's foram consideradas as medidas mais eficazes enquanto meios de cuidado preventivo. Contudo, no Brasil “[...] Essas medidas foram seguidas pelos governadores com o constante boicote do Presidente da República, por meio de discursos, ações públicas, retaliações materiais [...]” (FLEURY, 2021, p. 112) e ainda de acordo com o pensamento da autora, houve uma assimetria discursiva referente às lideranças estaduais e federais, influenciando diretamente nas medidas de contenção em todo o território.

Se o Estado do Maranhão foi o primeiro a decretar o isolamento social enquanto medida de biossegurança, outros Estados atrasaram essa ação, adotando “políticas brandas” ou “políticas rigorosas com tendência à flexibilização”, com poucas restrições à circulação de pessoas. Os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Pará, Piauí e Maranhão (Região Nordeste); Amazonas, Roraima e Acre (Região Norte); Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo (Região Sudeste) e Paraná (Região Sul), adotaram políticas mais rigorosas que restringiam não apenas eventos, shows e aglomerações, mas também houve restrição comercial (FLEURY, 2021), atingindo a economia formal e informal.

A partir disso, foi possível assistir a uma contraposição política-discursiva entre a urgência da vida e a necessidade da reabertura econômica enquanto coisas aparentemente excludentes e antagônicas (CAPONI, 2020). Se a precarização pode ser compreendida enquanto “[...]modo de viver marcado por condições imprevisíveis e contingentes” (ALBINO; OLIVEIRA, 2021, p. 247), além da precarização do trabalho em perspectiva ampla, o que ocorreu em simultâneo durante a primeira e sobretudo a segunda onda da Covid-19, foi a precarização da vida, ou uma “necrocidadania” nos termos de Díaz Bermúdez (2021) que corresponde a “[...] dinâmicas de extermínio social pela violência, pela negação do acesso aos bens e serviços do Estado ou pelas doenças que incidem nos indivíduos na perspectiva dos determinantes sociais de saúde” (DÍAZ BERMÚDEZ, 2021, p. 274).

O slogan de que a *economia não poderia parar* assinala o que Nunes (2020) aponta enquanto manifestação de um “neoliberalismo epidemiológico” que não suporta nem mesmo um recuo temporário da circulação monetária, tratando, ainda na compreensão do autor, não apenas de uma crise sanitária, mas de “[...] uma crise do modelo neoliberal” (NUNES, 2020, p. 2).

A precarização enquanto parte de um processo histórico da acumulação capitalista (ALBINO; OLIVEIRA, 2021) na contemporaneidade pandêmica foi utilizada enquanto instrumento que deslocou a responsabilidade da vida para os próprios sujeitos. Diante da crise multifacetada a população foi responsabilizada pelos riscos, êxitos e fracassos numa concepção de “razão neoliberal” (CAPONI, 2020) que subjetivamente buscou reduzir através de campanhas o medo do adoecer<sup>71</sup> ou a minimização das mortes, intensificando o pânico do desemprego, da pobreza e da fome.

## **2.5 Cortes e costuras: a Teoria da Reprodução Social (TRS) e os trabalhos das mulheres em tempos de pandemia**

O objetivo deste tópico é refletir como a *Teoria da Reprodução Social* pode contribuir para pensar o trabalho produtivo e reprodutivo das mulheres durante a pandemia da Covid-19 estruturando o tripé entre gênero, trabalho remunerado e cuidado.

Numa breve introdução ao assunto, Fonseca (2019) aponta a construção da teoria unitária enquanto resultado dos debates provocados ainda na década de 1970 que através de pautas feministas-socialistas em perspectiva marxista elencaram como ponto central as questões que envolviam o trabalho doméstico realizado pelas mulheres e sua natureza, isto é, se este trabalho produzia mais-valia, podendo considerar-se enquanto trabalho produtivo, ou se o próprio trabalho doméstico se constituía distintamente enquanto parte (invisível) da produção capitalista.

Se a primeira opção conduziu ao debate que reverberou em movimentos por salários, mas que não considerava as questões interseccionais nem consubstanciais favorecendo e integrando em maioria mulheres brancas, ainda havia um dualismo teórico entre o marxismo e o feminismo, que separadamente buscavam descrever a ordem das opressões. Enquanto isso, neste mesmo período, uma outra parte desses grupos buscou construir uma teoria unitária que tinha por proposta refletir acerca das opressões, apontando as fragilidades da perspectiva dualista (FONSECA, 2019).

Na década de 1980 foi publicada a primeira obra que sistematizou a compreensão do que seria a proposta da teoria unitária intitulada *Marxism and the oppression of women:*

---

<sup>71</sup> Ver: PAIVA, Luiz Fábio S. ‘É só uma gripezinha’: o bolsonarismo contra a sociedade em tempos de pandemia. DILEMAS: *Revista de Estudos de Conflito e Controle Social* - Rio de Janeiro - Reflexões da Pandemia 2020, p. 1- 18.

*toward a unitary theory* (1983) de autoria da socióloga Lise Vogel, sendo também obra de grande relevância para a construção da Teoria da Reprodução Social (TRS) posteriormente.

Ainda tratando da teoria unitária:

Em resumo, a teoria unitária não é reducionista ou economicista, e não subestima a centralidade da opressão de gênero. Proponentes da “teoria unitária” discordam da ideia de que o patriarcado seria hoje um sistema de regras e mecanismos que autonomamente se reproduzem. Ao mesmo tempo, insistem na necessidade de considerar o capitalismo não como um conjunto de leis puramente econômicas, mas antes como uma complexa e articulada ordem social, uma ordem que tem seu núcleo constituído de relações de exploração, dominação e alienação (ARRUZZA, 2015, p. 38)

Na compreensão de Bhattacharya (2019) a TRS contribui diretamente para a crítica de que o capitalismo trata-se de um sistema unitário que integra, ao mesmo tempo que repercute de forma desigual, as esferas produtivas e reprodutivas. Por sua vez, Cinzia Arruzza (2015) propõe uma reflexividade dialética entre as esferas da produção e da reprodução.

Para Vogel (1979) a centralidade não está na construção de novos arranjos teóricos numa perspectiva dualista entre feminismo e marxismo, mas a autora de forma autêntica buscou desenvolver o pensamento a partir de *O Capital* de Marx, refletindo sobre como a mercadoria especial é produzida e reproduzida, chegando à conclusão de que o caráter da opressão das mulheres não está exclusivamente pautado no trabalho doméstico não-remunerado, mas que suas bases encontram-se na construção da divisão sexual histórica capaz de integrar as mulheres na reprodução social de forma remunerada e não remunerada, secundarizando entretanto a dimensão dos direitos (FONSECA, 2019). De acordo com o pensamento de Vogel:

El argumento de la producción social sugiere que la esencia de la llamada cuestión de la mujer en las sociedades capitalistas tiene una doble vertiente. En primer lugar, las mujeres heredan — de una división sexual del trabajo históricamente preexistente — la principal responsabilidad de los procesos relacionados con el consumo individual y la reproducción de la fuerza de trabajo en tanto que mercancía. En consecuencia, buena parte de su actividad adopta la apariencia de servicios no pagados realizados para los hombres asalariados, lo cual engendra un grave potencial de antagonismo sexual. En segundo lugar, las mujeres, como muchos otros grupos dentro de la sociedad capitalista, no poseen plenos derechos democráticos y su lucha política por la adquisición de estos derechos introduce otra posible fuente de conflicto sexual. En suma, la opresión de las mujeres en las sociedades dominadas por el modo de producción capitalista tiene un origen dual derivado de su situación

particular con respecto a la producción social y a la igualdad de derechos (VOGEL, 1979, p. 28).

Entretanto, apesar da relevância de sua obra, algumas fragilidades foram apontadas posteriormente por outros grupos teóricos, elencando críticas como um maior direcionamento da autora à categoria de gênero em detrimento de outras categorias de análise relevantes. A partir da produção intelectual de feministas-socialistas negras norte-americanas o debate teve seu corpo ampliado e a retomada da noção de *totalidade social* proposta por Marx possibilitou a articulação dos conceitos de opressão e exploração buscando abranger “momentos” dessa totalidade entre a concretude exposta e o que está empiricamente oculto nas relações sociais. Fonseca complementa a reflexão afirmando que:

[...] Assim, a noção marxiana de totalidade social nos permite afirmar a distinção de cada relação social específica que constitui o capitalismo – como a produção e o consumo, o racismo e o sexismo – sem suprimir a sua unidade e determinação, e nem as homogeneizar. (FONSECA, 2019, p. 285)

Posto isso, é possível a associação de que o capitalismo, o patriarcado e o racismo são sistemas integrados de opressão.

Para a socióloga Elisabeth Lôbo (1981), o processo de produção da força de trabalho das mulheres só é possível porque realiza-se, num primeiro momento, na esfera privada da casa e da família numa relação “doméstico-familiar”, ocorrendo a partir tanto da reprodução biológica da força de trabalho, a reposição ou regeneração daqueles que vendem a sua força de trabalho e a reprodução das relações sociais, onde é possível encaixar o cuidado e outras atividades historicamente generificadas. Contudo, as contribuições dessa autora não se resumem unicamente a esta delimitação, que a própria Bhattacharya (2019) também elenca enquanto processos *interconectados*, adicionando em sua análise a questão reprodutiva em sentido biológico e do cuidado que corresponde a “[...]reprodução de trabalhadores frescos, ou seja, dar a luz”[...]; e a “[...] atividades que mantêm e regeneram os não-trabalhadores<sup>72</sup> que estão fora do processo de produção[...].” (BHATTACHARYA, 2019, p. 103).

Lôbo (1981) sugere duas perspectivas analíticas, na qual o trabalho reprodutivo está intrinsecamente nas bases da relação entre o capital e o trabalho (produtivo), sendo uma extensão da mercadoria, e numa outra perspectiva considera-se que a esfera da reprodução social ocorre separada da esfera produtiva, incluindo também outras instituições capazes de

<sup>72</sup> Referindo-se a crianças, adultos em situação de desemprego, casos de adoecimento, pessoas idosas e pessoas com deficiência.

produzir mercadorias. Entretanto, quanto a essa dinâmica é relevante salientar o processo da alienação que apropria-se do tempo e do corpo das mulheres.

Pensando no tempo enquanto instituição capaz de regular as experiências sociais humanas (ELIAS, 1998), Ávila (2010) aponta que o sistema apropria-se do tempo de trabalho das mulheres no sentido produtivo e reprodutivo, favorecendo as dinâmicas de dominação e poder, reverberando numa tripla relação de exploração que inclui o trabalho, a criatividade e as relações subjetivas de afeto.

Nessa discussão, o caráter afetivo se faz presente enquanto aspecto crítico argumentativo de diversas outras autoras. Para Swain (2014) o “dispositivo amoroso” funciona como uma “rede de convencimento” dos papéis generificados que depositam na figura das mulheres as responsabilidades de cuidado e manutenção para com os membros da família, sendo uma das bases fundamentais para sustentar a diferenciação sexual. Não por acaso, Silvia Federici<sup>73</sup> inicia o capítulo primeiro de *O ponto Zero da revolução* (2019) com a seguinte afirmação: “Eles dizem que é amor. Nós dizemos que é trabalho não remunerado[...]” (FEDERICI, 2019, p. 40).

Retornando ao sentido da *interconectividade*, Federici em *O patriarcado do salário* (2021) busca, em sua linha argumentativa, evidenciar a conexão existente entre os processos que ocorrem na esfera pública e na esfera privada, colocando no centro de sua reflexão o “trabalho oculto” das mulheres que consome não apenas seu tempo ou seu corpo, mas também outras dimensões da vida. Para a autora:

“O trabalho doméstico, na verdade, é muito mais que a limpeza da casa. É servir à mão de obra assalariada em termos físicos, emocionais e sexuais, prepará-la para batalhar dia após dia por um salário. É cuidar de nossas crianças - futura mão de obra -, ajudá-las desde o nascimento e ao longo de seus anos escolares e garantir que elas também atuem da maneira que o capitalismo espera delas. Isso significa que por trás de cada fábrica, cada escola, cada escritório ou mina existe o trabalho oculto de milhões de mulheres, que consomem sua vida produzindo a vida de quem atua nessas fábricas, escolas, escritórios e minas” (FEDERICI, 2021, p. 28-29)

A partir disso é possível pensar numa relação de conexão entre as diferentes esferas pautada nos diferentes momentos de trabalho das mulheres. Assim, cabe uma questão crucial: como pensar o contexto pandêmico a partir dessa perspectiva teórica e quais seriam as suas contribuições?

---

<sup>73</sup> A autora participou nos anos 1970 do movimento chamado “*Wages for Housework*” e parte importante da sua produção se debruça sobre a questão dos salários pelo trabalho doméstico (não remunerado).

Se sociedade e o mercado de trabalho hierarquizam e separam as atividades laborais a partir do marcador de gênero, simultaneamente o tempo e a intensidade dessas atividades estabelecem tensões que cruzam as dinâmicas familiares, laborais e pessoais (ABRAMO; VALENZUELA, 2016). Durante 2020 e 2021 o slogan “fique em casa”<sup>74</sup> ecoou através de alguns grupos enquanto medida de cuidado preventivo e contenção do vírus, e a *casa* adquiriu centralidade discursiva.

Para Moreira et al (2020, p. 2) a casa, em contraposição à guerra, pode ser interpretada enquanto *dispositivo*<sup>75</sup> que, através de seus sentidos, possibilita atribuir visibilidade a complexas dinâmicas de poder. Para Carneiro e Miller (2020) a *casa*, no contexto "extraordinário" pandêmico indicou a sobrecarga e a vivência intensa do ordinário que, em isolamento (devido ao distanciamento social), reverberou numa discrepância produtiva entre homens e mulheres, especialmente mulheres mães. Nas palavras das autoras:

A casa, no entanto, em tempos de quarentena tem ocupado mais espaço. Vive-se a casa em intensidade. Da casa vaza o excesso de trabalho, noções de limpeza/sujeira, exploração de mão de obra das domésticas, escorre a sobrecarga, o cansaço e o adoecimento. Todos olham e estão nessa casa, talvez antes nunca assim vivenciada. (CARNEIRO; MILLER, 2020, p. 447)

Todavia, a casa também abrigou no contexto pandêmico não apenas o trabalho assalariado junto aos demais elementos da vida cotidiana. Se houve a necessidade de o trabalho formal ou informal ocorrer na casa, ainda havia os trabalhos de reprodução social implicando em um entrelaçamento de funções que, sem regulamentação, sem tempo exato para iniciar ou concluir, se nenhuma seguridade ou proteção social, contribuíram para duplas ou triplas jornadas (entre o trabalho remunerado/ trabalho doméstico/ cuidado), afetando diretamente a vida e a saúde (física e mental) das mulheres.

Além disso, é importante considerar os conceitos de “*pobreza de tempo*” ou “*déficit de tempo*” que referem-se ao aumento do tempo de trabalho e redução do tempo dedicado ao descanso, ao cuidado de si, tempo de qualidade com a família e a outras sociabilidades (ABRAMO; VALENZUELA, 2016). A pobreza de tempo deve ser interpretada enquanto parte invisível da equação cotidiana atravessada geralmente pelos marcadores de classe e gênero, que teve seu quadro ainda mais acentuado durante o período de isolamento social.

<sup>74</sup> No entanto, nem toda a população pôde ficar em casa. De acordo com dados divulgados pelo IPEA em março de 2020, cerca de 221.869 pessoas (aproximadamente) estavam em situação de rua.

Disponível em: <<https://sbsrj.org.br/moradores-de-rua-brasil/>>. Acesso em: 10 de agosto de 2022.

<sup>75</sup> Numa abordagem teórica Foucaultiana.

Pensando no trabalho das produtoras de máscaras artesanais, se na esfera pública as mãos poderiam significar a maior via de contágio (SEQUINEL; LENZ; SILVA; SILVA, 2020), eram também as mãos que, na esfera do privado, costuraram as máscaras (para uso na esfera pública) e realizavam todo o conjunto ritualístico da limpeza, constituindo assim a casa num local *entre-tempos*, conciliador do trabalho e da família (BRUSCHINI; RICOLDI, 2009) e mediador do público e do privado. Abaixo uma tabela que explicita essa dinâmica:

**Tabela 2: A casa e a produção cotidiana**

CASA: LOCAL ENTRE-TEMPOS, MEDIADOR ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO		
Público	Privado	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Trabalho remunerado de costura que apesar de ocorrer em domicílio (esfera privada), estabelece conexões na dimensão pública.</li> </ul> <p>Produto: Máscaras (artefato de acesso ao espaço público e ao trabalho laboral fora de casa).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Trabalho doméstico não remunerado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Cuidado (não remunerado) com as crianças, idosos, enfermos, pessoas em idade adulta afastadas do mercado de trabalho ou impossibilitadas de vender sua força de trabalho num contexto específico e regeneração dos trabalhadores.</li> </ul>

Tabela 2: Apresentação teórica da dinâmica da casa [produção das máscaras], 2022.

A partir do exposto, é possível compreender como a produção das máscaras foi essencial para a continuidade da vida produtiva na esfera pública. Tratando da pandemia enquanto um evento extraordinário que escancarou o cotidiano/ordinário (CARNEIRO; MILLER, 2020), a casa e a visibilidade a ela atribuída possibilitaram novas reflexões acerca do tempo, do cuidado, do cotidiano, da família, da saúde, da divisão sexual do trabalho e outras relações do privado e suas interconexões com a esfera pública.

Para concluir este tópico, recupera-se uma questão proposta por Bhattacharya, ainda em 2019, publicada anteriormente a covid-19, que numa expressividade assertiva elencou perguntas interessantes que podem ser trazidas para indagar os vários trabalhos coexistentes das mulheres. Segundo o questionamento da autora:

[...]Qual é o impacto na saúde pública quando as pessoas trabalhadoras não conseguem tirar licença médica durante uma epidemia de gripe? Quem cuida de uma criança doente? Quem está em casa para preparar o jantar e ajudar na lição de casa? Quem pode dedicar tempo a um pai ou mãe idosa doente?[...] (BHATTACHARYA, 2013, p. 106)

Apropriando-me da questão lançada pela autora e acrescentando algumas outras: quem cuida da trabalhadora (remunerada e não remunerada) durante uma epidemia de gripe? Quem prepara a alimentação quando todos adoecem? Para quem foi deslocada a responsabilidade do cuidado preventivo da família durante os primeiros anos da pandemia? Como equilibrar o tempo entre o trabalho *de casa*, o trabalho *em casa*, o cuidado consigo e com os demais membros do grupo familiar?

A verdade é que a resposta para tais perguntas não causaria nenhuma surpresa. No entanto, vale salientar que a sobrecarga das várias jornadas de trabalho no espaço da casa tensionou na vida, na saúde e no cotidiano das mulheres a presença conflituosa dos diversos tempos, abarcando em *tempos pandêmicos* as demandas e a exaustão da “nova realidade”<sup>76</sup>.

---

<sup>76</sup> Parte dessa reflexão teórica foi apresentada no III Seminário da Rede Antropo-Covid (2022) em formato de comunicação oral e se estende ao artigo (no prelo) intitulado “*Da prontidão à exaustão: a experiência temporal das mulheres na covid-19 entre o trabalho produtivo e reprodutivo*” (FRANCH, Mônica; SILVA, Ana Paula Marcelino da; SOUZA, Maysa Carvalho de; SILVA, Vinícius Gabriel).

**Imagem 10: Releitura de *Autorretrato com colar de Espinhos e Beija-flor*, Frida Kahlo (1940), por Genevieve Blais**

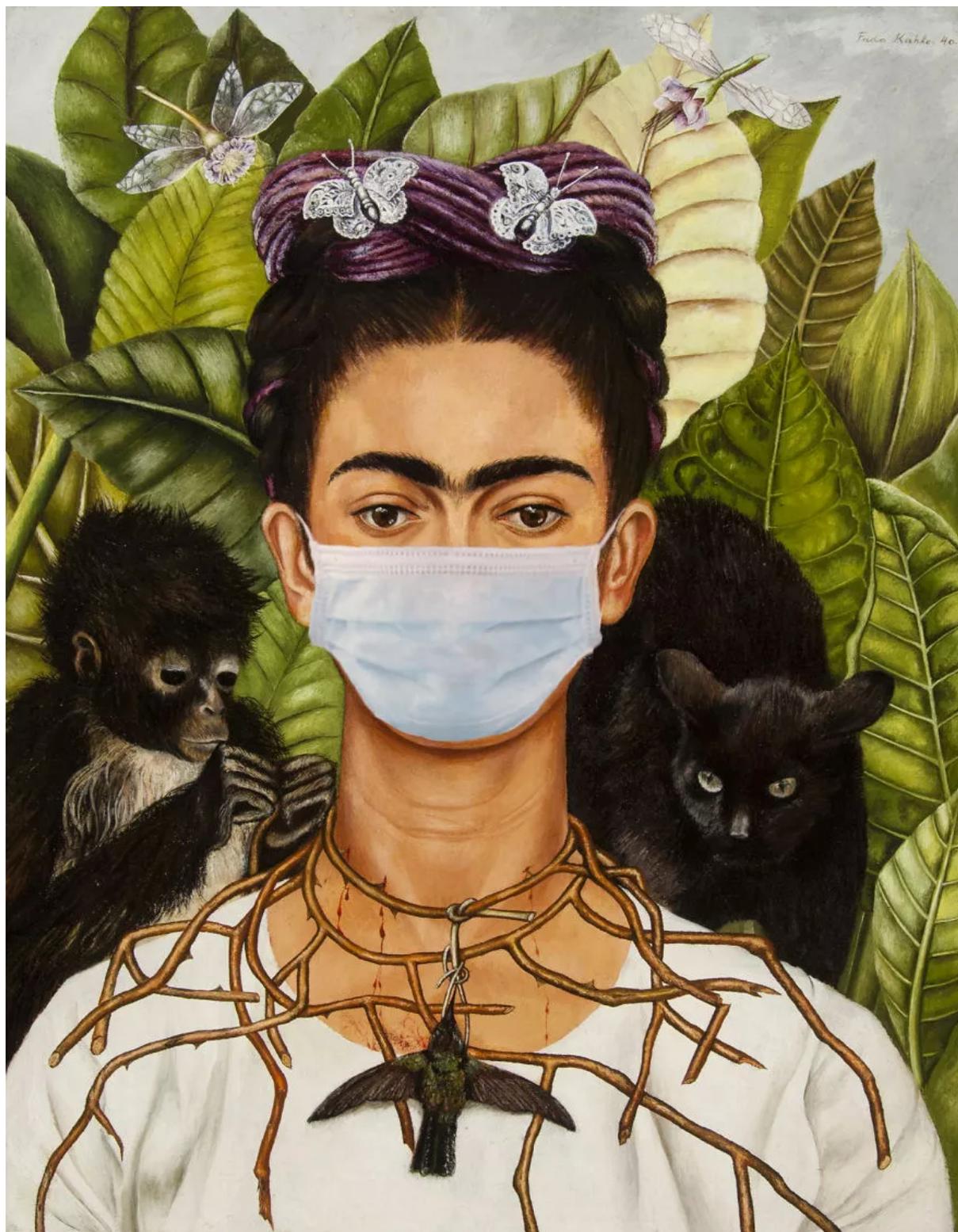


Ilustração 10: Imagem – Releitura da obra artística *Autorretrato com colar de Espinhos e Beija-flor*, Frida Kahlo (1940), utilizando máscara facial, pela artista fotográfica Genevieve Blais (2020). Reprodução. Disponível em:

<<https://viagens.sapo.pt/viajar/viajar-mundo/artigos/esta-artista-recriou-pinturas-famosas-para-mostrar-como-ser-iam-durante-a-pandemia-de-coronavirus>>, Acesso em: 09 de Abril de 2022. Ano: 2020.

### 3. MULHERES E A PRODUÇÃO DE MÁSCARAS ARTESANAIS

Este capítulo centra-se em apresentar e discutir as narrativas das quatro costureiras que aceitaram participar dessa pesquisa. Através de entrevistas semiestruturadas, estas mulheres descreveram seus cotidianos relativos ao trabalho de casa, o trabalho em casa e o cuidado no cenário anterior e durante a pandemia da covid-19.

#### 3.1 “*Eu que faço meu horário agora*”: alguns entrelaçamentos possíveis entre família, trabalho, tempo e saúde

Trazer a narrativa da Laudelina é descrever uma parte da história de muitos brasileiros que trabalhando no setor informal por conta própria foram diretamente afetados durante os dois primeiros anos da pandemia, ocasionando o fechar de seus pontos de comércio pela insustentabilidade de arcar com gastos entre materiais e aluguéis no momento em que os recursos arrecadados eram insuficientes.

No caso da Laudelina, somada à preocupação com as despesas de trabalho, ainda havia o medo de contaminar a si, seu marido e suas duas filhas (de 13 e 19 anos), além de sua mãe idosa (de 64 anos)<sup>77</sup> que, apesar de não morar com eles, residia próximo de sua casa e demandava por cuidados e atenção.

Apresentando de forma geral a primeira entrevistada desta pesquisa, ela tinha 40 anos na época em que ocorreu esta aproximação, residindo na cidade de Santa Rita, e apresentou-se enquanto mulher negra, mãe, filha, esposa e que tinha por profissão o ofício da costura há mais de 22 anos. Tendo seus estudos concluídos no Ensino Médio, Laudelina começou a costurar aos 15 anos de idade instruída em casa por sua mãe, e apenas aos 18 anos conseguiu seu primeiro emprego com carteira assinada numa indústria têxtil e de confecção, atuando como costureira.

Na verdade, a costura está nesta família desde a geração de sua bisavó, perpassando pela avó, mãe, tias e chegando a ela e suas irmãs. É um ofício transmitido entre gerações enquanto saber que atravessa a socialização familiar e o vínculo entre mães e filhas, que na

---

<sup>77</sup> A mãe de Laudelina estava “na luta”, expressão utilizada por ela, para designar os processos de tentativa para tomar a segunda dose da vacina, pois estava faltando vacinas na UBS e as fichas diárias eram contadas. Laudelina e seu companheiro ainda não haviam se vacinado no período em que ocorreu a entrevista.

fase adulta de suas vidas puderam visualizar a potencialidade de trabalhar a partir do ofício no mercado formal ou informal:

*“Aprendi a costurar com a minha mãe. Ai eu costurava em casa mesmo e depois que eu comecei a trabalhar. Trabalhei na Valtex [fábrica têxtil] durante 3 anos e lá eu fazia peças íntimas. Ai eu vim pra casa, eu já tinha uma máquina, minha mãe também tinha uma máquina, minha irmã também, nisso a gente se juntou e montou o ateliê.” (Trecho da entrevista)*

Nesta entrevista a figura da mãe foi mencionada diversas vezes, especialmente quando referia-se a uma representação de autoridade a que se recorre quando precisa aprender alguma técnica ou especialidade do ofício.

Além das duas irmãs, Laudelina tem dois irmãos e ao ouvir a narrativa dos aspectos profissionais de sua vida e como se deu o aprendizado da costura, foi lançada a seguinte questão: “Mas e seus irmãos, também aprenderam a costurar quando mais jovens?”, pergunta à qual Laudelina prontamente respondeu: *“Eu tenho dois irmãos, eles não sabem costurar e não trabalham com isso. Não querem nem usar máscaras”*.

Mesmo com as transformações ocorridas no mundo do trabalho referentes à própria concepção das profissões e ocupações, ainda reverbera a classificação do que seria “trabalho de homem” e “trabalho de mulher”, e a costura ainda é identificada como um saber-fazer/setor que emprega ou insere no mercado de trabalho mais as mulheres. Questionando sobre o conceito de divisão sexual do trabalho, Hirata e Kergoat (2021) indaga:

*Que definição dávamos e damos ainda hoje? A divisão sexual do trabalho tem por característica a atribuição prioritária das mulheres à esfera reprodutiva enquanto os homens são designados à esfera produtiva. Paralelamente, os homens captam as funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc.). Quanto à estrutura mesma da divisão sexual do trabalho, trata-se em primeiro lugar da separação entre “trabalho de homem” e “trabalho de mulher”. Todas as sociedades conhecidas operam segundo essa separação. Separação, mas também, e sobretudo, hierarquização[...] (HIRATA; KERGOAT, 2021, p. 23)*

Ainda na ordem de uma separação e hierarquização valorativa e simbólica, na atualidade os trabalhos de costura seguem generificados e também racializados. Retomando parte da trajetória particular da Laudelina na costura, após sair do emprego formal, ela e uma de suas irmãs foram trabalhar junto a sua mãe, e nessa sociedade de trabalho familiar construíram um ateliê conhecido em sua cidade por produzir fardamentos, diversas

modelagens de roupas e trajes de fantasia infantil, fazendo também pequenos consertos e ajustes. Com o passar dos anos a irmã saiu da sociedade e ficaram apenas Laudelina e sua mãe trabalhando no ateliê. No narrar de um fragmento de sua história costurando ao fenômeno da pandemia, a entrevistada revelou:

*“Eu tinha um ateliê lá na principal [referente a uma avenida principal localizada em Santa Rita] onde a gente trabalhava, eu e a minha mãe. Ai bem antes da pandemia minha mãe ficou doente do pé, e eu fiquei só. Por conta da pandemia a gente teve que fechar, né, e não tinha como ficar pagando o aluguel do ponto sem estar trabalhando lá, né, ocupando, aí eu vim pra cá [referente a casa] e continuei a trabalhar. (Trecho da entrevista)*

A costureira soube da pandemia através das mídias de comunicação aberta, recebendo também notícias de outras mulheres de sua família. O fechamento do ateliê nessa circunstância apontava tanto para a dimensão econômica, como também para uma subjetividade afetiva entre a solidão e o medo: a solidão no trabalho, pois a única possibilidade era trabalhar a portas fechadas, sozinha, o adoecimento de sua mãe e sócia, simultaneamente ao medo de adoecer por covid-19:

*“Eu tinha visto no jornal. Foi na China, né, que começou. A gente sabia por conta do jornal, o que estava acontecendo lá. Ai minha tia chegou e me disse: “Laudelina, é uma pandemia, já está acontecendo no Brasil e já tem alguns casos. Mulher, pelo amor de Deus, fecha o teu ateliê, porque pra todo mundo pegar é rapidinho, né, pra todo mundo ficar contagiado”. Ai eu disse: “Misericórdia!”. Isso foi numa semana. Em menos de oito dias eu tive que baixar as portas do ateliê. Ai teve que fechar, né, no comércio tudo foi fechado. Nisso passou o primeiro mês, o segundo mês, aí no terceiro mês é que tudo começou a voltar. Só que eu estava pagando lá sem estar usando, nisso eu tive que trazer as máquinas pra casa para continuar o meu trabalho, ou se não tinha que trabalhar lá de portas fechadas. Só que para estar lá de portas fechadas... e mesmo assim, caiu muito [as vendas]. Eu fiquei com medo, com muito medo. Eu fiquei com tanto medo que a gente nem saía de casa. Eu só visitava apenas a minha mãe, porque ela é idosa, mora só, né, mora aqui na outra rua [se referindo a rua seguinte]. O único contato que eu tive era com ela.” (Trecho retirado da entrevista)*

Devido ao estado de adoecimento de sua mãe e pela proximidade entre a casa das duas, Laudelina se dividia entre os trabalhos de agulha, os trabalhos em casa e o cuidado (não remunerado). Com a pandemia, o cotidiano foi totalmente alterado. Sua filha mais nova passou a não frequentar a escola onde estudava no ano de 2020, pois os decretos estaduais e

nacionais indicavam a suspensão das aulas nas escolas públicas e privadas. Sua filha mais velha estudava em casa almejando ser aprovada no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), responsável pelo ingresso gratuito de todo o país no Ensino Superior. Apenas seu companheiro saía todos os dias de casa para ir à fábrica onde trabalhava.

A rotina vivenciada na casa, abrigou no espaço domiciliar os trabalhos de costura, os “afazeres domésticos” (BRUSCHINI; RICOLDI, 2009), o cuidado (GUIMARÃES; VIEIRA, 2020) com suas filhas e com seu companheiro. O que adentrava na casa passava por todo um ritual de limpeza, pois em dicotomia entre a “casa e a rua” (DAMATTA, 1991) e do clássico “pureza e perigo” (DOUGLAS, 1966), indicavam, na circunstância pandêmica, que o impuro era o que estava no exterior.

*“Eu lavo as compras quando chego em casa, tem que higienizar tudo. Tem que ser com álcool mesmo, ou pode ser detergente com água? A gente fica na dúvida, né, porque dizem que o álcool só deixa a bactéria bêbada (risos), outros dizem que tem que lavar tudo com sabão e água. Uma hora eu passo álcool em tudo, outra hora eu deixo tudo debaixo da torneira, com detergente (risos). Outra coisa é vir da rua e já entrar de sandália no pé, antes da pandemia eu já entrava direito, não gosto de ficar descalça, mas agora eu deixo fora. A higiene dobrou, né”.* (Trecho retirado da entrevista)

Além disso, especialmente entre o primeiro e segundo ano da pandemia, Laudelina também precisava cuidar de sua mãe, mesmo que pontualmente. Terrail (2009) através do conceito de *transmissões intergeracionais* pontua que a relação social entre mães e filhas são consagradas pelo tempo cotidiano e que por isso, na fase adulta, são elas que mais se envolvem nas responsabilidades com os pais, sendo “[...] mais frequentemente solicitadas quando estes envelhecem.” (TERRAIL, 2009, p. 263).

O cuidar, de acordo com Tronto (1997) implica em um conjunto de responsabilidades, disposição para o trabalho e envolvimento afetivo e econômico para com a pessoa cuidada. No traçar desses circuitos, “[...] o amor e a responsabilidade familiar são os significados que dão sentido à conduta e estruturam o reconhecimento social e a identidade subjetiva de quem as performa [...]” (GUIMARÃES; VIEIRA, 2020, p. 166).

A mãe de Laudelina foi uma figura fundamental durante o processo de aprendizado da costura das máscaras com quem ela compartilhava várias questões referentes aos moldes e tipos de material, implicando numa técnica do ofício a ser pedagogicamente incorporada. Com isso, é possível localizar duas figuras de mães: ambas costureiras, amigas, sócias, no entanto, uma delas também está no papel de filha e com isso havia uma série de demandas,

sobretudo quando o cuidado com os idosos era amplamente recomendado por se tratar de um dos grupos de risco.

Retomando ao aspecto da produção das máscaras, quanto aos materiais de trabalho, ao todo somam-se quatro máquinas de costura profissionais, agulhas, tecidos, elásticos, alfinetes, tesouras e uma cadeira giratória. Segundo ela, o tipo de máquina em que costura-se as máscaras é aquela que faz a *costura reta* e as demais são melhores para os acabamentos de roupas de malha. Todos esses materiais foram trazidos do antigo ateliê e acomodados na casa da Laudelina num local construído entre a garagem e a sala de estar, após o quarto mês da pandemia, em 2020.

Todo o fenômeno pandêmico e seus impactos imediatos eclodiram de uma vez. Contudo, com toda a “infodemia” (GARCIA; DUARTE, 2020), muito falava-se sobre as máscaras nesse período, e não era difícil encontrar tutoriais divulgados em sites da internet que disponibilizavam moldes, classificação de tecidos, manuais de uso, discutiam a quantidade de camadas de tecidos e outros elementos. Foi assim que a Laudelina conseguiu acessar as etapas de construção desse artefato. De acordo com sua descrição:

*“Foram os clientes que começaram a pedir. O povo mandava mensagem: “Laudelina, tu estás fazendo máscara?”, aí eu dizia que não, porque nesse tempo eu tinha outras coisas né. Aí começaram a dizer: “Faz. Se tu fizer eu quero”. Outras pessoas também começaram a me perguntar...Tem o molde da máscara, né? Eu fui pra internet. Eu comecei a pesquisar, pra ver os moldes, os tamanhos, imprimi os moldes e comecei a fazer. Vi muito YouTube e Pinterest. Quando eu vou fazer só máscaras já corto várias e vou costurando. Tem que passar, tem que fazer a costura ao redor, tem que virar do avesso, mas é todo um processo, tudo na máquina. As últimas que fiz o pessoal tava reclamando do tamanho do elástico, achando curto, aí eu estou costurando por dentro, pra deixar ajustável, pra ficar do jeito que o cliente quer. Agora todo mundo só quer a máscara 3D<sup>78</sup>. Foi minha tia de São Paulo que me mandou [o modelo] e disse: Laudelina, essa máscara é tão boa!”. (Trecho retirado da entrevista).*

---

<sup>78</sup> Nesta família de costureiras, as mulheres trocavam informações sobre a pandemia e as técnicas de costura. As máscaras com essa modelagem se popularizaram em meados do segundo semestre do ano de 2020. Antes o modelo comum eram as máscaras popularmente conhecidas como “anatômicas” e “bico de pato”.

**Imagem 11: Entre a máquina, as linhas e a tesoura**



Ilustração 11: Fotografia de uma das máquinas de costura no ateliê da Laudelina. 2021.  
Fonte: arquivo pessoal

**Imagem 12 : Moldes em papel (máscara 3D)**

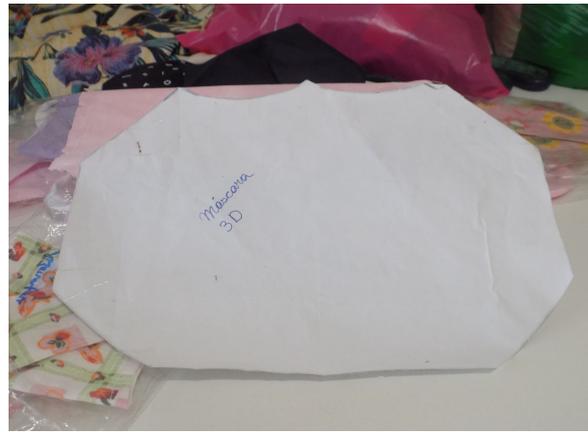


Ilustração 12: Fotografia de molde em papel. A costureira corta os tecidos a partir dos moldes desenhados. 2021. Fonte: arquivo pessoal.

Compreendendo o tempo enquanto regulador da experiência social (ELIAS, 1998), de acordo com Dedecca (2004) é possível classificar os usos de tempo em duas dimensões: o tempo para a produção econômica (capitalista) e o tempo de reprodução familiar. Se a primeira dimensão refere-se ao tempo de trabalho, isto é, processo de deslocamento para o ambiente laboral e período de realização, a segunda dimensão refere-se à organização e regeneração, incluindo o período de alimentação, descanso e lazer.

Nesse aspecto, cotidianamente é difícil quantificar o tempo e organizar racionalmente entre o que é trabalho “produtivo” e o que é trabalho de reprodução da vida. Quando perguntado sobre as impressões do tempo antes e durante a pandemia, a Laudelina respondeu:

*“Trabalhava mais antes da pandemia, porque assim, onde eu trabalhava eu tinha que dar conta de tudo e tinha o horário, eu não podia vir tarde sozinha com minhas meninas porque era noite, aí eu não podia ficar lá. Aí aqui eu vou conciliando as coisas do ateliê com as tarefas domésticas que nunca acabam.*

*Eu acordava às 5h e meia, me organizava né, deixava a minha menina mais nova na escola e ia pra academia, fazia aeróbica, aí eu voltava, abria o ateliê e ficava lá, tomava banho, tomava café e ficava lá, almoçava lá também. As meninas voltavam da escola e ficavam lá comigo. A minha filha mais velha já acabou o Ensino Médio, já quer entrar na faculdade. A minha mais nova estudava lá perto e quando saía da escola ficava comigo.*

*Com a pandemia, mudou foi tudo (risos). Eu acordo, né, minha filha mais nova ainda estuda e só agora [2021] voltou ao presencial, pois a turma dela é pequena e ela faz o oitavo ano. Aí ela vai pra escola, eu fico, lavo roupa, faço o almoço e depois que eu termino eu vou para o ateliê [em casa]. Por isso eu só abro depois das 10:00h. Se eu não tiver muita demanda, eu nem abro, fico fazendo as coisas de casa mesmo. Aí eu fico aqui e quando começo não tenho uma hora fixa pra sair não” (Trecho retirado da entrevista)*

Nesse sentido, trabalhar de casa apresenta uma ambivalência entre perdas e ganhos: por um lado evita-se o risco da violência no espaço público, preocupação demonstrada pela interlocutora ao mencionar o tempo de deslocamento no retorno para casa. Simultaneamente, a casa abriga “*tarefas domésticas que nunca acabam*”, necessitando assim de uma conciliação entre o “trabalho e a família” (BRUSCHINI; RICOLDI, 2009), que durante o período de isolamento social teve suas redes de apoio e estratégias subtraídas.

Além disso, durante o período mais crítico da covid-19, Laudelina precisava sair para comprar matéria-prima e se antes da pandemia ela costumava ir semanalmente a João Pessoa (capital do Estado) devido a variedade e oferta de preço, durante a pandemia houve a preferência de ir a lojas de aviamentos em seu próprio bairro, pois mesmo com os preços mais elevados, ela não precisaria se expor deslocando-se através de transporte público coletivo.

Ainda sobre o trabalho de reprodução doméstico não remunerado, Laudelina afirmou ter a *ajuda* de suas filhas e de seu companheiro (em menor grau e responsabilidade). As “ajudas” aqui podem ser compreendidas enquanto ações que “[...] Sustentam-se em (e reproduzem-se a partir de) relações sociais assentadas na reciprocidade, grupal ou comunitária” (GUIMARÃES; VIEIRA, 2020, p. 168). Além do mais, devido às relações de parentesco e gênero, há um conjunto de obrigações permeadas e entrelaçadas, indicando o trabalho de casa como algo “[...] feito de forma gratuita e regular (embora invisível), [que]<sup>79</sup> propicia o provimento de tarefas de cuidado a membros da família ou do domicílio de residência.” (GUIMARÃES; VIEIRA, 2020, p. 168).

Retomando a discussão sobre o tempo, vale frisar que a produção de máscaras constituiu apenas a renda complementar da Laudelina, depositando sua renda central na confecção de roupas. Assim, havia uma separação do tempo para a produção de cada artefato. De acordo com sua narrativa, ela produzia cerca de 50 máscaras por dia e a vantagem de trabalhar em casa era a flexibilização do tempo de trabalho. Para ela:

---

<sup>79</sup> Acréscimo de pronome relativo invariável à citação original.

*“Eu que faço meu horário agora. Quando eu pegava no ateliê [localizado em um ponto comercial] eu abria às 7:00h da manhã e fechava às 17:00h. Mas aqui [em casa não], eu abro às 10 horas da manhã, às vezes às 18:00h eu ainda fico, outros dias eu fico até 20:00h ou 21:00h, depende do que eu tiver pra fazer, se for muita coisa. Eu fiz até um pedido grande [de máscaras], logo no primeiro mês, pra uma farmácia do Centro de Santa Rita, agora eu esqueci o nome da farmácia. Trabalhei por alguns meses para essa farmácia, fazendo máscara, entre Abril e Maio [de 2020]. Os pedidos eram de 100 ou 50 por semana”. (Trecho retirado da entrevista)*

Neste caso, com a produção das máscaras para uma das farmácias da cidade em que vive, foi possível constatar elementos de uma *nova informalidade* (ARAÚJO; LOMBARDI, 2013) capaz de conectar o trabalho do setor formal e informal. Por outro lado, é possível constatar certa irregularidade nos usos do tempo, assim como “pobreza de tempo” (ABRAMO; VALENZUELA, 2016), implicando no aumento dos períodos de trabalhos e diminuição dos tempos para si e a família. Com as várias demandas e o cruzamento dos trabalhos no ambiente doméstico, o tempo de qualidade consigo e demais membros da família (almoços, visitas e encontros) foi subtraído durante os dois primeiros anos da pandemia, sendo um dos elementos mais difíceis da vivência do isolamento social para a interlocutora. Para Bruschini (1994) a casa/ moradia é o espaço por excelência que agrega a vida familiar, assim como as relações de trabalho, especialmente para as mulheres que fora do mercado formal dividem seu tempo entre o trabalho doméstico não remunerado e o trabalho informal remunerado.

Na narrativa da Laudelina é possível detectar alguns outros elementos significativos a partir de sua experiência relativos à compra (pelos clientes) e preparação para a venda dessa mercadoria:

*“Quem me procura mais são mulheres, e mulheres e homens só querem pretas. Só de criança que é mais colorida, estampadinha. Meu esposo levava lá pra Elizabeth [Fábrica] para vender, tudo preto. O povo só queria preto, mas já faz meses que ele não leva, porque não tem pedido. Minhas filhas também ajudavam: viraram a máscara do avesso, passava, embalava. Costurar nenhuma das duas quer, nem dá um ponto, mas elas sempre me ajudam. Elas só não ajudam nas vendas, porque elas têm vergonha (risos)...É porque homens é mais complicado pra entender, né. O meu esposo não é assim, ele só tira a máscara na fábrica pra se alimentar, pra tomar água e trocar a máscara, né. Minhas filhas também, são cuidadosas. Mas já vi muita gente sem, vai da consciência de cada um, né, e a quantidade de gente morrendo é absurda.” (Trecho retirado da entrevista)*

Considerando este relato é importante separar alguns pontos: 1) As máscaras, vinculadas a uma noção generificada de cuidado foram produzidas por mulheres; 2) Essas produtoras tornam-se responsáveis pelo cuidado de suas famílias; 3) Para a interlocutora, há uma diferenciação entre homens e mulheres quanto à procura e os usos das máscaras; 4) Se no início da pandemia havia uma grande procura por cores e estampas que revelavam aspectos identitários, as máscaras para adultos no transcorrer do fenômeno pandêmico foram se tornando mais discretas, diferentemente das máscaras infantis, pois enquanto artefato de acesso, as máscaras pretas possibilitam o uso no espaço de trabalho e em outros ambientes; 5) A família assume função produtora de unidade doméstica (BRUSCHINI, 1994) havendo uma divisão sexual do trabalho por etapas, na qual as mulheres e a criança lidam diretamente com a construção manual do artefato, enquanto cabia ao companheiro vendê-la na esfera pública, atuando enquanto mediador; e por fim, 6) Neste caso nota-se uma ruptura na tradição familiar da costura com a negação deste saber-fazer entre as filhas de Laudelina, que preferem dedicar-se a educação formal como meio de inserir-se futuramente no mercado de trabalho.

Além das vendas que eram realizadas através da mediação de seu companheiro, havia uma tia de Laudelina que levava as máscaras para vender na escola em que trabalhava como professora. Além disso, ela também utilizou por um tempo o aplicativo virtual Whatsapp para a divulgação do artefato. As máscaras eram vendidas ao preço de 5 reais e ela fazia promoção de até três máscaras por 10 reais. Devido aos meses de isolamento social, havia toda uma preocupação com as interações de venda, sobretudo na entrega das máscaras, necessitando de uma negociação entre produtora e cliente sobre como as máscaras chegariam às mãos de quem estava comprando. Em alguns casos, Laudelina se dirigia a casa das pessoas e realizava entregas em um dos turnos, em outros casos, ela disponibilizava seu endereço e aguardava os clientes em casa.

O período em que a interlocutora mais vendeu máscaras, de acordo com sua narrativa, ocorreu a partir dos meses iniciais do primeiro semestre de 2020 até meados do primeiro trimestre do mesmo ano, com queda de vendas em dezembro. Durante 2021, Laudelina já detectou uma diminuição nas vendas, apontando os melhores meses entre janeiro e fevereiro. Tudo isso ocorreu quando o uso de máscaras ainda era obrigatório.

Até o período em que foi realizada a entrevista, Laudelina e seus familiares não haviam contraído covid-19, mas tiveram episódios de adoecimentos corriqueiros e leves.

Contudo, a interlocutora reclamava de dores diárias no corpo ocasionados pelo tempo prolongado no trabalho da costura que constituía-se enquanto elemento da “nova realidade”.

*“Eu tenho tendinite aqui no ombro. Quando eu faço máscaras eu sinto a dor. Geralmente eu passo o dia costurando mas não sinto nada, nas costas, nada. Mas quando eu faço as máscaras, eu sinto dor nos braços, incha, dói tanto! É até estranho, dói vindo do pescoço até o braço.”*

A produção diária fragmentada entre cortes e costuras exige grande esforço físico por parte da costureira. Os movimentos repetitivos, sentar-se por horas numa mesma postura, e os longos períodos de trabalho contribuíram para o adoecimento físico desta trabalhadora, causando lesões em seus tendões.

De acordo com Mariano e Salvaro (2021, p. 9) “[...] o adoecimento e seu sentido, enquanto processo, estão intimamente ligados ao trânsito entre os espaços de trabalho produtivo e reprodutivo, público e privado, fabril e doméstico e de cuidado”. Embora a ocorrência de casos de adoecimento relacionados com o trabalho laboral não é nenhum fenômeno novo (ANTUNES; PRAUN, 2015) e nem emerge enquanto algo característico da pandemia, demonstra a necessidade de um olhar analítico relativo ao trabalho informal, seus processos, o tempo e como a precarização e a flexibilização sem nenhuma segurança social configuram-se enquanto engrenagens de um modelo econômico de exploração.

**Imagem 13: Máscaras (3D) em construção**



Ilustração 13: Fotografia dos tecidos já cortados e costurados com dupla camada. Máscaras 3D. 2021. Fonte: arquivo pessoal.

**Imagem 14: Máscaras infantis finalizadas e embaladas**



Ilustração 14: Fotografia das máscaras 3D embaladas (costuradas e com elástico), tamanho menor e estampa infantil. 2021. Fonte: arquivo pessoal.

**Imagem 15: Máscaras anatômicas, duas camadas, tecidos diversos**

Ilustração 15: Fotografia das máscaras em tipo anatômico, coloridas e finalizadas. 2020.  
Fonte: Colaboração do acervo da Laudelina.

**3.2 “No final foi um trabalho que saiu caro”: retalhos e fragmentos entre o tempo, os trabalhos e a saúde de uma produtora de máscaras**

*“Eu vou pedir licença, antes da gente começar a conversa, pra desligar a câmera. É que eu estou sozinha, mas tem coisas acumuladas, e enquanto a gente vai conversando eu vou fazendo”.*  
(Trecho retirado da entrevista)

A segunda entrevistada foi a Maria. Ela e sua irmã (Laudelina) vieram de uma família em que a costura tanto é transmitida por meio da educação familiar, ao mesmo tempo em que a costura profissional é exercida de forma remunerada pela maioria das mulheres de seu grupo, através da formalidade ou informalidade.

Na época em que houve a entrevista, Maria tinha 43 anos, residia na cidade de Santa Rita com seu marido e seu filho de 11 anos de idade, e se autodeclarou mulher parda. Quanto à escolaridade, Maria possui Ensino Médio completo e no transcorrer da pandemia sua vida

profissional, sua saúde e seu cotidiano foram diretamente impactados.

Toda a entrevista, como detalhado no primeiro capítulo, ocorreu através de uma plataforma online. Com a câmera fechada inicialmente, só era possível ouvi-la, enquanto ouvia em simultâneo o tilintar dos objetos e som de água. Mesmo que a tela do computador não seja uma *janela* com todas as suas potencialidades sensoriais, como pontua Maluf (2021), toda a conversa ocorreu através daquele pequeno quadro conectado à internet, e os sons construíam imageticamente o cenário: Maria estava inicialmente ali, lavando a louça, abrindo e fechando a torneira. Após isso foi secá-la, e por fim, pelo arrastar da cadeira, sentou-se. Sozinha em casa, num momento em que seu filho saiu com o pai, ela realizava os trabalhos domésticos acumulados.

Sua história com a costura, assim como no caso de sua irmã, inicia-se muito cedo, exatamente aos 17 anos, mas ao longo do tempo Maria migrou de área profissional algumas vezes e até 2020 trabalhou como Educadora Social num Centro de Educação Comunitária localizado na cidade de Santa Rita. De acordo com sua narrativa:

*“Eu aprendi a costurar aos 17 anos. Foi a minha primeira profissão. Aprendi a costurar na fábrica mesmo e trabalhei com costura por um bom tempo. Depois eu migrei de profissão: fui pro comércio e acabei na educação, mas nunca deixei o hábito de costurar porque na família quase 50% das mulheres são costureiras.”*

Diferentemente da narrativa da Laudelina (sua irmã), o processo do aprendizado da costura entra em sua vida a partir de um período de treinamento na fábrica em que trabalhou.

O incentivo à costura advindo das outras mulheres de seu núcleo familiar foi fundamental para o cruzamento profissional entre áreas, pois apesar de que a costura apareceu enquanto elemento secundário na produção de renda, tinha caráter complementar.

No início da pandemia houve alguns decretos sancionados que de forma ampla ou restrita categorizaram quais estabelecimentos e instituições deveriam fechar para evitar a circulação em massa de pessoas ou mesmo aglomerações privadas. Além do comércio, as instituições de ensino também foram impactadas, afetando diretamente a classe trabalhadora que ou tiveram seus salários reduzidos, ou até mesmo perderam seus vínculos empregatícios.

Através do decreto que ordenava o fechamento das instituições de ensino devido à alta transmissibilidade da covid-19, o contrato de Maria foi suspenso, afetando-a diretamente, pois, dependente de um auxílio do governo (que não era o auxílio emergencial), sua renda foi diminuída, equivalente a menos de um salário mínimo. Com isso, através da mesma

instituição onde trabalhava, veio a oportunidade de realizar um “bico”, referente à expressão de “pequenos expedientes” (*petits boulot*) (KERGOAT; PICOT; LADA, 2009), que de forma episódica, através de um contrato temporário de curta duração, convidou as mulheres que trabalhavam nesta instituição, mesmo as que desenvolviam atividades que não tinham relação alguma com a confecção de roupas, mas que à parte tinham experiência com costura:

*“Lá onde eu trabalhava é um projeto social que oferta cursos profissionalizantes. Um dos cursos é o curso de costura. Com a chegada da pandemia a coordenação achou por bem que deveria produzir máscaras para os funcionários, os educandos e a família dos funcionários e dos educandos, e como eu já tinha experiência com costura, eu fui convidada a fazer parte dessa produção. Foi algo que foi surgindo e foi crescendo até que outros parceiros dessa instituição foram ligando e dizendo “eu também quero”. A demanda foi crescendo e a gente conseguiu um pedido que girou em torno de 10 mil máscaras e como a gente tinha que evitar o contato físico, eu tinha uma criança em casa e precisava zelar pela saúde, resolvi que ficaria produzindo essas máscaras de casa mesmo, né. Minha participação nessa produção foi de casa, de abril até julho de 2020 eu costurei em casa”. (Trecho retirado da entrevista)*

Quando ainda não havia vacinas disponíveis e ao mesmo tempo ecoava grande incerteza acerca da categoria “grupo de risco”, os idosos se tornaram alvo de uma série de recomendações biomédicas. Contudo, as crianças também entraram nessa categoria flutuante e havia discursos discordantes sobre o uso de máscaras para este público. Maria optou por trabalhar de casa pensando exclusivamente na saúde de seu filho, enxergando esta como uma maneira de menor exposição ao vírus.

Considerando os usos do tempo para a reprodução econômica (DEDECCA, 2004), se antes da pandemia Maria cedia cerca de 10 horas de seu dia para o trabalho remunerado enquanto educadora social (considerando as 8 horas formais + 2 horas de locomoção, 1 hora para ir e 1 hora para voltar), durante o ano de 2020 e com o isolamento social esse horário se modificou, durando entre 8 a 14 horas por dia, contabilizando apenas o trabalho remunerado na produção de máscaras, sem contar os afazeres domésticos.

Durante sua participação no projeto, as costureiras produziam cerca de 800 a 1.000 máscaras por semana, com variação na produtividade a depender do modelo de máscara, pois a “3D” necessitava de mais tempo para ser produzida. Toda a pesquisa sobre como fazer, os moldes, a compra da matéria-prima, assim como os meios de produção foram fornecidos pelo Centro de Educação Comunitária, que entregava a domicílio na casa das costureiras os tecidos, linhas, elásticos e disponibilizou também uma máquina de costura. Na casa de Maria

essa máquina foi colocada em sua sala de estar num local onde não atrapalhava a circulação. Contudo, a participação nesse projeto teve uma durabilidade reduzida devido aos danos permanentes à sua vida e sua saúde. Maria desenvolveu *epicondilite*, uma inflamação ou lesão nos tendões dos músculos causada por movimento repetitivo:

*“Maysa: E quantas pessoas fizeram parte desse projeto? Tinham homens também costurando ou apenas mulheres?”*

*Maria: Tinha só mulheres. Éramos no total 9 mulheres e todas costuravam de casa. Eu só cheguei a participar desse projeto de produção de máscaras, porque em julho [de 2020], mais ou menos em julho, eu já estava produzindo bem menos porque eu comecei a sentir dificuldade no processo de costura.*

*Maysa: Dificuldade?*

*Maria: É, eu desenvolvi uma lesão, um problema na articulação na altura dos cotovelos. Procurei médico e tudo porque os cotovelos ficavam inchados no final do dia e eu não conseguia mais manter o mesmo ritmo de antes. Como eu estava com o contrato suspenso e sem conseguir produzir o mesmo que eu produzia antes, então a renda começou a ficar complicada. Eu procurei o médico e ele me deu o diagnóstico de epicondilite, nome esquisito né? (risos). Depois disso eu parei de costurar, mudei de emprego, porque ficar com um contrato suspenso traz muitos ônus que a gente não estava preparado pra isso. Eu tive que procurar emprego e mudei de área, né, que não fosse costurar.” (Trecho retirado da entrevista)*

Se tratando das profissões lidas socialmente enquanto ocupações femininas, Kergoat (2003)<sup>80</sup> apud Nobre (2004) destaca como a categoria de gênero é fundamental para observar os processos de socialização e qualificação dos corpos. As técnicas associadas aos símbolos do feminino envolvem a atenção minuciosa, habilidade nos dedos, concentração e resistência corporal para atividades repetitivas que num processo capitalista de inferiorização e desqualificação é naturalizado enquanto característica intrínseca das mulheres (NOBRE, 2004).

De acordo com De Freitas (2007), apesar dos avanços tecnológicos trazerem benefícios, o uso desses equipamentos podem ocasionar danos para a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras. Trabalho intenso, movimentos bruscos ou pouco adequados na coluna vertebral, atividades repetitivas e horário reduzido de descanso e pausas, de acordo com os autores, podem estar vinculados aos Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho

---

<sup>80</sup> KERGOAT, D. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**, in EMÍLIO, M. e outras (org). Trabalho e cidadania ativa para as mulheres, São Paulo: 2003

(DORT). Giannasi (1997) ao tratar dos impactos à saúde das trabalhadoras menciona o aumento nos casos de Lesões por Esforço Repetitivo (LER) relacionados à precariedade e a intensidade. De caráter dolorosos e por vezes irreversíveis, afetam braços, cotovelos, ombros e outras partes do corpo. A epicondilite e a tendinite são exemplos de LER.

Por tratar de uma lesão que requer cuidados e até mesmo mudança no estilo de vida, Maria classificou o trabalho da produção de máscaras como um trabalho que apesar de sua contribuição social, “saiu caro”. Nas palavras dela:

*“No final foi um trabalho que saiu caro, né. Porque o dinheiro que eu ganhei pra complementar a renda eu gastei com remédio, com exame. E pelo que eu entendi dos médicos é algo que não tem jeito. Eu adquiri a lesão e vou ter que conviver com ela para o resto da vida. Qualquer movimento brusco afeta diretamente. A recomendação médica é que não fizesse nenhum tipo de esforço. Por exemplo, os movimentos de rotina: varrer casa, passar pano, torcer roupa, dar o brilho nas panelas, que eram coisas que eu sempre fiz, hoje eu não consigo fazer mais, né. Qualquer coisa que pese mais que 5kg eu tenho dificuldade de pegar. Infelizmente afetou diretamente minhas atividades de casa. A rotina quanto aos afazeres domésticos mudou porque hoje eu não consigo mais fazer o que eu fazia antes, né. Aqui em casa todas as tarefas são compartilhadas. Eu não tenho um marido que me ajuda, eu tenho um marido que faz a parte dele, sabe? Ele faz a parte dele e hoje ele me ajuda nas minhas, porque eu não consigo mais desenvolver como antes.”*  
(Trecho retirado da entrevista)

Além de todos os danos à saúde adquiridos através da prática diária de movimentos repetitivos através de longos períodos de trabalho, com a intensificação das dinâmicas na casa (CARNEIRO, 2020) e com o isolamento social, pode-se perceber que a saúde mental desta trabalhadora também foi diretamente afetada. Trazendo mais um trecho de sua narrativa:

*“Quando foi março tudo foi acontecendo. O primeiro sentimento que tive foi de angústia por não saber o que é que estava acontecendo e como é que a gente poderia lidar e quando a gente descobre o tamanho do que é uma pandemia, o que ela pode causar, o que ela causou em outros momentos da história aí sim né, vem o medo, aflição... Na família mais próxima tivemos 3 casos de pessoas que tiveram covid-19, mas graças a Deus nenhum dos casos foi grave e estão bem. Mas do outro lado, né, o que o vírus faz com a cabeça da gente? Muita coisa pra se adaptar, rotina nova, o medo, ansiedade, aflição e isso desencadeou na minha família e na família do meu marido casos de ansiedade e depressão por conta do isolamento.”*  
(Trecho retirado da entrevista)

Se a saúde mental pode ser compreendida enquanto estado de bem-estar no qual os indivíduos se apresentam possibilitados de realizar as atividades produtivas e não produtivas da vida cotidiana lidando também com as adversidades (PEREIRA et al, 2020), o isolamento social em decorrência da pandemia provocou uma série de sentimentos e sensações que estendem-se enquanto impactos deste fenômeno. Na entrevista, Maria relatou pontualmente suas observações sobre como o isolamento social afetou suas emoções, de seus familiares, a rotina, o convívio na própria casa, ocasionando também numa série de mudanças na vida de seu filho, pois: “[...] *“Criança tá acostumada a ir pra pracinha, pra escola<sup>81</sup>, pro parquinho, ficar na rua e de repente ficar recluso em casa foi bem complicado”* (Trecho retirado da entrevista).

Contudo, durante a confecção das máscaras, no período em que Maria ainda não havia sido diagnosticada mas já apresentava “dificuldades” na produção, seu filho e seu companheiro a ajudavam. Enquanto a criança cortava as linhas que sobravam, seu cônjuge ao chegar do trabalho, fazia a higiene, jantava e “vincava” as máscaras, num processo de marcação do tecido.

As máscaras feitas por Maria eram entregues exclusivamente para o Centro de Educação Comunitária e neste local ocorria o processo de doação para funcionários, educandos, e empresas que pediam máscaras de tecido em larga escala por encomenda. A trabalhadora não ofertou máscaras de forma autônoma por qualquer outro meio.

Durante o período obrigatório do uso de máscaras, a família de Maria utilizou exclusivamente máscaras de tecido, especialmente pela capacidade de lavagem e reutilização, despendendo menos gastos financeiros. Além dos rituais de limpeza e o seguimento do cuidado preventivo, o cotidiano e os próprios compartimentos da casa tiveram que ser modificados, pois as máscaras não ocupavam unicamente a sala de estar junto a máquina de costura e o sofá no qual o companheiro vincava as máscaras. Este artefato, entre 2020 e 2021 adentrou nas residências e necessitou de seu próprio espaço.

*“A gente passou a ter cuidados que a gente não tinha antes. Cuidado com a higienização, com o uso da máscara, com evitar aglomerações. Uma das coisas que eu precisei me adaptar foi o uso da máscara e isso me incomodou muito no começo. Também não pode reutilizar sem lavar; então na minha casa hoje existe uma gaveta no roupeiro só para as máscaras. Não pode compartilhar; eu até digo aqui em casa “máscara é peça íntima”, não pode*

---

<sup>81</sup> Durante o ano de 2020 a escola em que seu filho estudava adotou o sistema online (remoto) de aulas. Apenas em 2021 é que o cenário foi se modificando para a forma híbrida e no ano de 2022 as instituições de ensino voltaram regularmente ao formato presencial.

*compartilhar; não pode misturar; cada um tem o seu. Se der lava no banho. Foram hábitos que nós não tínhamos antes. A máscara foi introduzida na nossa casa de todos os jeitos. Entrou e veio pra ficar; tanto que precisou de espaço pra ela. Outra coisa que mudou foi chegar da rua e não poder em casa como antes: tirar calçado, casaco... a questão da lavagem de roupa também mudou, porque eu costumava fazer apenas uma lavagem por semana e agora não dá mais e isso dobrou o uso de roupas e conseqüentemente da água, do sabão, da energia, de tudo”. (Trecho retirado da entrevista)*

A máscara, neste trecho de relato, é significada enquanto objeto que ganhou espaço nas casas tratando-se de um artefato íntimo e individual que passava por processos para ser utilizada e reutilizada. Era artefato do cuidado preventivo, mas também era, quando vinha da rua, artefato contaminado que precisava de atenção individual de limpeza e o armazenamento também exigia separação.

Com o processo de adoecimento físico adquirido através do trabalho informal, a trabalhadora não teve nenhum acompanhamento ou proteção social, levando-a a arcar com todos os gastos de seu tratamento médico. Por questões financeiras, para não depender unicamente do auxílio do governo, Maria buscou por oportunidade de emprego em outro local e em outra área, e segue atuando como Assistente de Logística, afastada de qualquer atividade que envolva linhas, tecidos e agulhas.

### **3.3 “*Eu costuro todos os dias, de domingo a domingo*”: mobilizando máscaras e significados**

Antonieta é uma mulher natural da cidade de Pilar que reside há 44 anos na cidade de Bayeux, na região metropolitana de João Pessoa. No ano de 2021, quando ocorreu a entrevista, ela tinha 78 anos de idade. De acordo com sua narrativa, por ter nascido em região interiorana (“na roça”, nas palavras dela), os pais a colocaram para trabalhar junto a eles quando Antonieta tinha apenas 7 anos de idade e por isso, com a secundarização da vida escolar em favor da vida laboral, ela completou seus estudos até a alfabetização. Com a mãe costureira, esse saber-fazer entrou cedo em sua vida, mas só se tornou um ofício remunerado enquanto renda central após seu casamento aos 16 anos, e desde então ela afirma costurar de domingo a domingo, mesmo após sua aposentadoria:

*Minha mãe era costureira, só que eu não aprendi com ela. Porque ela não me ensinou direito. Ela queria que eu costurasse assim: “toma esse tecido aqui e faça uma roupa”. Só que nessa época eu era nova, tinha uns quatorze anos ou era doze. A roupa que ela queria era assim, ‘franzida e pregueada’. Eu peguei e forrei no chão, o tecido no chão e botei pano em cima, o vestido em cima do tecido e fui cortar. Ela não gostou não, viu? Não era daquele jeito, se ainda fosse um [vestido] tubinho né? Aí ela começou a dizer: “você não sabe de nada”, requentada. Aí eu parei. Eu inventei de casar com 16 anos, porque eu achava que iria melhorar minha situação, mas piorou. Aí eu precisei começar a fazer alguma coisa [para ganhar dinheiro]. Comecei consertando camisa, calça e não pedi ajuda a minha mãe não. Como eu não tinha máquina de costurar, eu usava a máquina dela. Aí ela disse: “tá bom de você comprar uma máquina”. Eu não disse nada não, só cheguei em casa e falei pro meu marido que se ele não comprasse uma máquina eu iria parar com a costura. Aí ele comprou. No início eu não sabia muito não, fui aprendendo no dia a dia e a cada dia que passa a gente aprende mais, né? Isso tudo ainda era lá no interior. Aí eu comecei a costurar pra fora, costurava até vestido de noiva. (Trecho retirado da entrevista)*

Com a mudança de residência para a cidade de Bayeux, Antonieta continuou costurando através da informalidade, por conta própria, e passou a ter sua própria clientela. Com a aposentadoria, passou a costurar em menor escala, realizando ajustes e consertos pontuais. Apesar de ter filhos em idade adulta, em sua casa moram com ela apenas seu marido, que também é aposentado e tem 94 anos, e sua tia (de 96 anos) que há 13 anos necessita de cuidados, pois, devido à idade avançada e por questões de saúde já não anda e nem consegue se alimentar sozinha. A partir do adoecimento de Antonieta em 2020, as filhas se mobilizaram num circuito de cuidados, estendendo essa atividade para a casa e todos os membros que ali residem:

*Tem as minhas filhas que ajudam. Hoje eu tô esperando uma pra dar banho [na tia]. Amanhã já vem a outra. Ah, depois que eu me operei, sabe? Vai fazer 1 ano que eu me operei da tireóide, aí nesse período eles ficaram vindo dar banho na minha tia e eu gostei, né? (risos) E essa daí [apontando para sua filha que estava na cozinha] veio fazer o almoço e quando é de tarde ela vai embora. (Trecho retirado da entrevista)*

Pensando na construção de um circuito de cuidados, neste caso o cuidado se apresenta enquanto “obrigação” (GUIMARÃES; VIEIRA, 2020), em decorrência dos vínculos familiares, responsabilidade e relações de reciprocidade, correspondendo aos afazeres domésticos, cuidado com idosos e enfermos que geralmente recaem sobre as mulheres. Suas filhas realizam esses trabalhos sem remuneração na casa de Antonieta e em suas próprias

casas. Ainda seguindo a narrativa, apesar dessas “ajudas” de suas filhas, a costureira lava roupas e faz o café da manhã.

Com a chegada da pandemia no Brasil, o uso das máscaras nas vias públicas e instituições tornou-se obrigatório tanto para pessoas sintomáticas quanto assintomáticas. O relato da Antonieta revelou resistência ao uso das máscaras, ao mesmo tempo que aponta como este objeto serviu enquanto artefato de acesso, pois, com o diagnóstico de hipertireoidismo foi necessário sair de casa e realizar consultas e exames médicos, mesmo durante o isolamento social, e o uso das máscaras, apesar do incômodo pontuado, era obrigatório:

*“Fiquei sabendo da pandemia em março. O povo ficou anunciando que ia chegar e chegou mesmo. Aí eu nem saía de casa por causa da máscara, porque eu não gosto dessas máscaras não. Passei muito tempo em casa só pra não ter que usar. Aí em março de 2020 apareceu esse problema da tireóide em mim e eu não queria ir cuidar, porque eu não queria usar máscara, só que aí foi crescendo. Percebendo que a pandemia não ia acabar eu tive que cuidar, né, e usava máscara para ir ao médico, mas até hoje não me acostumei a usar não. Não sei como vocês aguentam esse negócio abafado [se referindo a máscara que eu usava], mas é o jeito, né. Aí eu me operei em novembro do ano passado. Mas não tive medo de pegar essa covid não. O povo dizia “ai, eu tenho medo”, eu não tenho medo de sair. Eu confio em Deus que não vou ter ela não, e se tiver, fazer o quê, todo mundo está sujeito”. (Trecho retirado da entrevista)*

Percebendo a gravidade do hipertireoidismo identificado pela própria costureira ao tocar no próprio corpo e sentir o aumento no volume da tireóide, entre outros sintomas, sair de casa e cuidar da saúde era crucial pois três motivos justificados por ela: 1) Os sintomas já eram recorrentes; 2) Sua irmã também teve o mesmo diagnóstico; e 3) Ela afirmou: “*eu aprendi que doença a gente não deve guardar, né, tem que cuidar*”. Mesmo após a cirurgia, Antonieta seguiu num processo rotineiro de medicalização diária.

Com todos os gastos relativos ao cuidado com a saúde custeados por ela e sua família num momento em que devido a pandemia havia uma superlotação dos hospitais, Antonieta esteve impossibilitada de receber o auxílio emergencial, pois era aposentada, e a produção das máscaras surge exatamente neste momento:

*Eu demorei a costurar máscaras. Como eu tinha muito retalho guardado, comecei a fazer, mas eu pensei que não ia ter futuro não. Comecei usando o que tinha, um tubo de elástico que já tinha aí. Mas com o passar da pandemia eu comecei a precisar fazer feira [de materiais]. Comprei 8 tubos de elástico. Eu já fiz mais de 2.000 mil*

*máscaras. Hoje mesmo eu vou fazer umas. O povo gosta da minha máscara, dizem que é bem feita. Eu gosto de costurar bem direitinho. Eu comecei com aquela máscara de preguinha, mas aí uma moça de João Pessoa me pediu e disse que queria a novidade [máscara 3D]. Aí eu fui olhar na internet, né? (risos) Aí chegou um menino aqui pra me ajudar. Ele colocou na internet e eu fiquei olhando como fazia, mas não entrou na minha cabeça não. Aí minha filha chegou aqui e eu pedi ajuda pra ver de novo como era que fazia esse troço, aí eu peguei um caderno e comecei a anotar. Hoje eu já tenho as medidas tudo na cabeça. Só em pegar o tecido já sei fazer, e agora eu só gosto de fazer dela, eu acho que dá pra respirar melhor. Eu costuro tudinho, depois passo o ferro, passo a costura e depois viro, aí depois disso é só colocar o elástico e tá pronto.*

### **Imagem 16: Entre o tempo, a linha e o elástico**



Ilustração 16: Fotografia dos materiais de costura. 2021. Fonte: arquivo pessoal.

Portando 5 máquinas, diferenciadas por função, Antonieta preferia costurar na sala de costura, localizada no andar de baixo entre a cozinha, a porta que dá para a escadaria e a saída de casa, pois no andar superior, devido à ventilação as linhas costumam dar nó. Seu tempo diário de trabalho na produção das máscaras era das 10:00h da manhã às 22:00h da noite, de domingo a domingo, com alguns intervalos nesse processo.

Entre cortes e costuras, Antonieta fazia toda a produção sozinha, obtendo ajuda de sua filha, seu filho e seu neto apenas nas vendas que ocorriam de forma ambulante em João

Pessoa, especialmente no terminal de integração. Ela vendia as máscaras para os seus filhos por R\$2,50 que lucravam exatamente esse mesmo valor por máscara ao repassar aos clientes por R\$5,00. Ainda sobre as vendas, em sua casa ela fazia a promoção de 3 máscaras pelo valor de R\$10,00, e sobre o meio de divulgação do seu trabalho, pontuou: *“As pessoas vêm aqui atrás de máscaras. As minhas filhas pensaram em colocar uma placa na frente da minha casa dizendo que eu faço máscaras, mas eu não quis não. Já tenho a minha clientela certa e de boca a boca vai longe”* (trecho retirado da entrevista).

Mesmo correndo o risco de exposição ao vírus num momento em que sua saúde estava vulnerável, Antonieta preferiu comprar os materiais de trabalho no Mercado Central, em João Pessoa, alegando mais diversidade e preço menor em comparação à cidade em que vivia. Quanto à estampa ou característica das máscaras, a “3D” gerou mais pedidos, e a cor preta era a preferida de seus clientes devido à versatilidade.

Comparando as dimensões produtivas e reprodutivas do uso do tempo (DEDECCA, 2004), Antonieta afirmou que trabalhou mais durante a pandemia e as máscaras corresponderam à maior parte de sua produção em relação às demais confecções, sendo uma fundamental fonte de renda.

### **Imagem 17: Máquina de costura da dona Antonieta**



Ilustração 17: Fotografia dos materiais de costura. 2021. Fonte: arquivo pessoal.

### Imagem 18: Tecidos cortados (em molde 3D)



Ilustração 16: Fotografia dos tecidos já cortados, camada única, prontos para seguir para a próxima etapa de produção. 2021. Fonte: arquivo pessoal.

Entre as oscilações sobre os períodos de venda, se no fim de 2020 houve uma queda, com o retorno gradual do sistema híbrido de educação básica as máscaras infantis foram as mais solicitadas em 2021.

No cotidiano, durante o isolamento social, para Antonieta poucas coisas mudaram. Com exceção do fato de não receber visitas em sua casa, pois ela, seu companheiro e sua tia estavam inseridos na categoria biomédica “grupo de risco”, durante o período pré e pós operatório apenas as filhas a visitaram e realizavam todos os rituais de limpeza. De acordo com a narrativa:

*“Eu fiquei costurando sempre. Eu não recebia pessoas aqui. Graças a Deus. Ninguém da família. Ah! Graças a Deus. E o povo dizia “você não recebe ninguém”. Eu dizia: “Deus é quem livra nós, Deus é quem protege”. Não é não? Você sabe que essa essa máscara isso não serve, evita? [o contato com o vírus] eu acredito que não. Não totalmente, né? E nem também nessas vacinas. Tenha fé em Deus não, pra ver (risos)! Olha, minha luta sempre foi essa mesmo, mudou quase nada, só aumentou mais porque chegou as máscaras e eu fiquei costurando. Eu tenho conhecidos que morriam de medo, se cuidavam e pegaram covid. Parece que quem mais cuida é quem pega. Nunca fiquei preocupada em ficar limpando a casa com água sanitária e nem nada. A minha filha é que lava as verduras, as compras que chegam aqui.”*

Discursos divergentes foram observados ao longo da pandemia, gerando conflitos e desalinhamentos. Se por um lado fatores geopolíticos, econômicos e ideológicos foram capazes de perpetuar ondas de falsas informações (ALMEIDA-FILHO, 2021), por outro lado um conjunto de comportamentos foram estimulados como o uso de remédio antimalárico e antiparasitário sem nenhuma comprovação de eficácia entre outras medidas massivamente alimentadas enquanto estratégia política do próprio governo numa “retórica negacionista” (ALMEIDA-FILHO, 2021).

Se devido à necessidade de isolamento social as igrejas e templos tiveram que se adaptar ao uso das tecnologias online para transmitir seus cultos, celebrações, missas, ritos e festividades, por outro lado, como resistência às recomendações sanitárias algumas lideranças religiosas e fiéis se posicionaram de forma contrária às evidências científicas adotando posturas que Stephanini e Brotto (2021) assinalam enquanto negacionistas ou reducionistas.

De acordo com os autores, o negacionismo propagado por meio da religião se apóia em discursos de pouca coerência e fácil assimilação tendo por base princípios moralizantes e fundamentalistas.

Por sua vez a postura reducionista reconhece a gravidade da situação pandêmica, no entanto, deposita toda a credibilidade na subjetividade religiosa, confrontando a ciência e a impotência humana diante das adversidades com o poder sobrenatural de caráter divino enquanto único meio de proteger, preservar ou afastar os medos, as incertezas, os adoecimentos, e neste caso, a covid-19 (STEPHANINI; BROTTTO, 2021). Desta forma, apesar de duvidar da eficácia das máscaras e das vacinas, Antonieta se vacinou e produziu máscaras entre 2020 e 2021.

Por fim, outro ponto interessante é refletir sobre como as próprias mulheres significaram seus processos de produção. Combinando as perguntas 42 (Você acha que seu trabalho na costura de máscaras traz contribuições para a sociedade? Por que?), e 43 (Na sua opinião, o uso de máscaras é um equipamento eficaz para evitar a transmissão da covid-19?) do roteiro de entrevista foi possível obter algumas respostas:

*“Eu acho que meu trabalho com as máscaras é importante sim, porque assim, eu estou fazendo e estou vendendo, né, e eles, as pessoas, comprando e usando, é porque estão se cuidando, se prevenindo. E tem a renda, né, porque não foi fácil não” (Laudelina)*

*“Contribuiu sim, porque no tempo em que produzi a procura pelas máscaras veio crescendo de forma assustadora e como a minha*

*produção também era direcionada à doação de máscaras, foi uma grande contribuição. Segundo os profissionais de saúde, as máscaras criam uma barreira de proteção, então é muito válido o uso da máscara. Não é 100% eficaz, mas também acho que não é por causa dos nossos próprios hábitos. Eu e minha família só usamos máscaras de tecido porque são laváveis e reutilizáveis e fica melhor pra gente”. (Maria)*

*“Meu trabalho contribui, né. Mas eu não boto muita fé não, eu desconfio um pouco, mas também não dá pra todo mundo ficar sem máscara né, porque tá assim e dá um espirro, aí tem que usar”. (Antonietta)*

*“Com o atraso de vida que esse presidente tá trazendo pra gente... sim, contribuiu por causa da proteção. Além de ser bonita, protegia as pessoas do coronavírus. E confio na máscara totalmente, a máscara e o álcool juntos”. (Marielle)*

### **3.4 “Eu não queria ligar essa doença ao meu trabalho”: entre máscaras, turbantes e retalhos**

Marielle é uma mulher autodeclarada negra, militante do Movimento Negro de Mulheres da Paraíba, natural da cidade de João Pessoa que na época da entrevista tinha 46 anos de idade. Tendo duas filhas em idade adulta e uma mãe idosa, Marielle residia em um pequeno apartamento apenas com seus gatos. Formada em Comunicação Social com habilitação para rádio e TV, quatro anos antes da pandemia já se encontrava nos entre lugares lugares da informalidade: trabalhou como uber por 3 meses, era costureira, cabeleireira, barbeira e tirava baralho cigano para alguns clientes.

Durante o período de formação superior trabalhou numa emissora de TV revelando em sua narrativa episódios de racismo, assédio moral, assédio sexual, e machismo, que trouxeram danos a sua saúde física e mental. Com o afastamento do cargo pelos motivos mencionados e pelo agravamento do adoecimento dos seus joelhos, Marielle, no processo de escrita e produção de quatro séries de Web Rádio para o seu trabalho de conclusão de curso (TCC), encontrou nos estudos sobre turbante uma chave para iniciar seu afro empreendimento, montando uma loja online que vendia roupas, turbantes e acessórios com tecidos vindos do continente africano.

Filha de costureira, a costura entrou em sua vida quando já adulta, pois: “[...] *Eu pedia pra minha mãe fazer umas roupas pra mim, mas às vezes ela não queria, então eu*

*sentei e pedi pra ela me ensinar e ela foi me ensinado devagarinho*". (Trecho retirado da entrevista).

Tendo por prática religiosa o candomblé, a pandemia chegou ao Brasil num período em que Marielle estava reclusa, tomando suas iniciações espirituais. De acordo com a narrativa:

*Eu estava dentro do terreiro. Passei 19 dias dentro do terreiro pra fazer o santo. Para iniciar o tradicional pedem 21 dias, mas como a gente tem o dia a dia corrido eles deixam a gente ficar o máximo que a gente puder e depois a gente termina na obrigação de 1 ano renovando os votos e termina os dias que faltaram. A gente passou 19 dias sem contato com o mundo, nenhum contato, só tinha 3 ou 4 pessoas cuidando da gente dentro do terreiro, cuidando, fazendo comida, e a gente só no ensinamento o dia todo. Aí quando eu saí que eu vim pra casa era fim de tarde já, aí tava a minha filha, já não tinha quase nada de comida, aí ela disse: "mainha que bom que você voltou, vamos fazer uma feira agora". Conversamos muito, era tanta coisa, e ela esqueceu de me contar. No outro dia, depois do café eu liguei a TV e fiquei congelada, porque eu tinha visto 1 mês antes que tinha uma pandemia acontecendo na China. Aí minha filha viu e me contou que tinha um vírus e que já estava vindo pra cá [Paraíba]. Eu disse: "Isso vai chegar aqui não, menina, e se chegar é só tomar a vacina de gripe que tá massa. Era o que eu pensava (risos)". Quando foi na semana seguinte começaram os protocolos sanitários e o povo ensinando na TV. Na outra semana, fechou tudo.*

E assim foi decretado o período de isolamento social. No início, Marielle seguiu realizando apenas vendas online das peças que tinha em estoque e seguiu buscando segurar os gastos pois, devido o adoecimento dos joelhos recebia um benefício do INSS<sup>82</sup>. Pessoas de seu convívio passaram a falar sobre máscaras sugerindo para ela que utilizasse de seus tecidos para confeccioná-las. Contudo, por suas práticas espirituais e estudos que envolviam terapia integrativa com uso de plantas, Marielle não queria associar seu trabalho, que em sua concepção tinha por objetivo a cura, a uma doença que causa dor e morte. Contudo, uma de suas clientes ligou solicitando uma máscara, e por ter visto na internet uma mulher que usava máscara combinando com a estampa do turbante, a costureira decidiu reproduzir com seus tecidos:

*Um amigo meu disse: Por que tu não faz máscaras com teus tecidos africanos? Eu fiquei resistente porque eu não queria ligar essa doença ao meu trabalho, eu fiquei resistente, bem chata mesmo,*

---

<sup>82</sup> Instituto Nacional do Seguro Social.

*sabe? Ai uma cliente minha veio e pediu e eu disse: “vixe, o povo pensa que pandemia é moda pra ficar combinando máscara e turbante” (risos). Eu bati na minha boca mil vezes, porque quando eu fiz esse e postei, pronto, ela me encomendou 3 ou foram 4 kits de conjuntinho que é o turbante com a máscara junto de estampa igual e várias coisinhas de acessórios com a máscara igual. Ai antes de levar pra ela eu coloquei em mim, fiz umas fotos, porque eu sou fotógrafa só que estou parada por conta dos joelhos e acabei vendendo meu equipamento, nisso eu fiz uma produção, tirei as fotos, coloquei o mesmo pano de fundo, ai eu fiz uma make e postei. Dois dias depois eu estava dando entrevista pra TV daqui por causa dessas fotos que eu tirei num “vai que cola, né”. A repórter disse que queria me entrevistar e eu disse: “gente, o que eu mais temia aconteceu”. Eu pensava que pelo menos isso ia me dar um retorno financeiro, uma ajuda. É o quê? Isso foi o que pagou minhas contas. Eu só estava vendendo máscaras. (Trecho retirado da entrevista)*

Cobrando a taxa de entrega a 15 reais, Marielle passou a dividir seus dias entre a costura e as entregas. Se durante o isolamento social as recomendações eram de permanecer em casa, as entregas lhe possibilitaram circular, andar, ver e conversar com pessoas mesmo a distância. O valor dos turbantes variava entre R\$60,00 a R\$80,00 reais a depender dos tamanhos e as máscaras custavam R\$15,00 reais. Se antes havia resistência para produzir máscaras, no decorrer dos primeiros anos da pandemia este artefato deu visibilidade a sua loja virtual ao mesmo tempo que consolidou-se enquanto renda central.

Os tecidos foram comprados através de recursos adquiridos por premiação num edital que reconhecia o trabalho de artistas negros no Estado da Paraíba. As peças vinham do continente africano e seguiam para São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, onde Marielle negociava com os fornecedores. 5 metros de tecido equivalia na época a R\$200,00, mas era suficiente para produzir os artefatos e os retalhos eram aproveitados em peças menores, como brincos e outros acessórios. Os demais materiais foram comprados em João Pessoa.

Para produzir as máscaras, Marielle buscou modelos na internet e levou para a sua mãe ajudá-la a entender. A mãe aparece em sua narrativa enquanto figura de autoridade no saber-fazer da costura. Verificando os tipos de máscaras optou por confeccionar apenas a popularmente conhecida como “bico de pato”, por ter modelagem mais simples que combinaria com os turbantes, oferecendo também a vantagem de ser produzida de forma mais rápida em comparação com a 3D. Nesse sentido, o cuidado preventivo atrelado ao símbolo das máscaras se apresentou tanto enquanto artefato capaz de traduzir aspectos identitários, quanto em sentido estético.

A venda das máscaras ocorria através da loja virtual, em pontos de revenda e também através de consignação. Os artefatos eram distribuídos entre dois salões de beleza

especializados em cabelo crespo na cidade de João Pessoa. No primeiro ano da pandemia, devido à visibilidade de seus produtos, Marielle chegou a vender máscaras para todo o Brasil, dois kits (máscara + turbante) para a Alemanha e uma caixa com máscaras, turbantes, faixas de cabelo e acessórios para um amigo em Seattle.

Com uma casa voltada para o fazer laboral, cada espaço tinha uma função. O antigo quarto de suas filhas tornou-se depósito do ateliê. A sala dividia espaço com a máquina de costura e produtos de beleza. Considerando um maior uso do tempo para a produção econômica (DEDECCA, 2004), e com a alta demanda produtiva, o resultado do trabalho repetitivo e intenso ao longo das horas trouxe danos a sua saúde e seu corpo. O trabalho da costura em junção ao trabalho como artesã, cabeleireira e barbeira impactava diretamente suas articulações, causando LER.

Entretanto, num momento onde a costureira só recebia um benefício do INSS e por isso estava impossibilitada de receber qualquer outro tipo de auxílio do governo, o trabalho informal com suas peças artesanais ao mesmo tempo que a sustentava financeiramente, também causava processos de adoecimento físico e mental:

*Trabalhar com dreads está me tirando o movimento desse dedo aqui, olha. Movimentos com agulha. Tem cabelos que demoram 10 a 12 horas e já são 7 anos trabalhando com isso. Dói pra caramba, mas é uma coisa que vem dos meus artesanatos, que me sustenta. Quando eu sento pra costurar eu tento fazer o máximo de coisas o possível, enquanto eu estiver me sentindo bem. Porque quando eu levanto já estou com muita dor; então vou pro banho, depois pra mofina e tchau. Então faço a produção por série. Tem manhã, tarde ou madrugada que eu só corto, tem período que só faço a montagem e no outro o acabamento. Semana passada eu parei 3 dias pra fazer 40 máscaras, e foi dias de trabalho intenso. Parece pouco, mas levou 3 dias, e quando eu paro de costurar não presto pra nada mais, só quero me deitar. Já comecei a trabalhar às 13:00h da tarde e terminar de madrugada. Por conta do trabalho com artesanato dói os dedos, os punhos, o joelho, a coluna, o pé e o tornozelo. Ano passado fui parar na UPA por causa do estresse dos trabalhos e da militância. Foi quando eu comecei a me cuidar mais.*

Enquanto aguardava para fazer cirurgia em um dos joelhos, a artesã buscou diminuir a rotina produtiva. Em 2020, quando a filha de 17 anos morava com ela, devido à situação de debilidade física, havia uma divisão entre a atividade doméstica, responsabilidade integral da filha, e o trabalho lido como produtivo era responsabilidade da mãe. Quando a filha completou 18 anos foi morar em outro local. Em 2021, Marielle passou a dividir a moradia

com o namorado, que havia perdido o emprego no ano anterior. A partir disso também houve uma divisão do trabalho: enquanto ela continuava com o trabalho de produção econômica, ele ficava responsável pelo cuidado com a casa e com Marielle, que entre janeiro e março de 2021 contraiu duas vezes covid-19:

*“Tive covid 2 vezes, mas foi super brando. E ainda costurei, porque dava pra fazer. Quando eu não me sentia bem eu ia me deitar, quando dava alguma febrezinha, eu ia me deitar. Da primeira vez foi como uma dor de garganta. Da segunda vez eu senti muito cansaço, não era febre alta, mas era tanto o cansaço que eu mal conseguia levantar. Nessa época eu tava com um namorado e ele cuidou de mim. Quando foi em Março [de 2021] o relacionamento acabou. Eu sinto que depois da covid eu esqueço muito fácil as coisas e sinto dores em todas as articulações”.* (Trecho retirado da entrevista)

Especialistas da área da saúde reconhecem as sequelas enquanto impactos diretos sofridos pelos acometidos por covid-19 no decorrer e após a experiência de adoecimento. Perda de paladar e olfato foram categorizadas enquanto sintomas e sequelas de curto prazo. Alguns estudos revelam a identificação de sequelas neurológicas, pulmonares, cardiovasculares, renais e reprodutivas associadas à infecção pela Sars-Cov-2 (GRENDENE, 2021).

Morando sozinha, a rotina de cuidados foi simplificada. Limpava as compras com álcool e quando precisava se deslocar até hospitais para sua rotina de exames médicos, utilizava até duas máscaras de tecido. Por não conseguir varrer a casa sozinha, Marielle comprou um aspirador de poeira. A louça era pouca, e seu maior medo era cair enquanto limpava o banheiro:

*"Meu banheiro é cheio daqueles suportes para segurar. O mais difícil pra mim é lavar banheiro. Morro de medo de escorregar aqui sozinha. Quando vem uma amiga mais chegada, eu peço pra lavar o banheiro pra mim. Minha mãe oferece pra ajudar, mas eu não estou doida de pegar minha mãe idosa e pedir pra ela fazer isso. Antes eu do que ela.* (Trecho retirado da entrevista)

Distante de suas redes de apoio e com mãe idosa, a costureira contava por vezes com o cuidado em forma de “ajuda” (GUIMARÃES; VIEIRA, 2020) advindo de alguma amiga. Nessa narrativa, os múltiplos trabalhos realizados numa casa laboral ao mesmo tempo que contribuíram para o cuidado preventivo desta trabalhadora, seus familiares e clientes, promoveram simultaneamente o adoecimento físico e mental no decorrer dos anos iniciais da pandemia.

**Imagem 19: Máscara anatômica, tecido e ancestralidade**

Ilustração 15: Fotografia de uma máscara em tipo anatômico (“bico de pato”), colorida e finalizada. 2021.  
Fonte: Colaboração do acervo da Marielle.

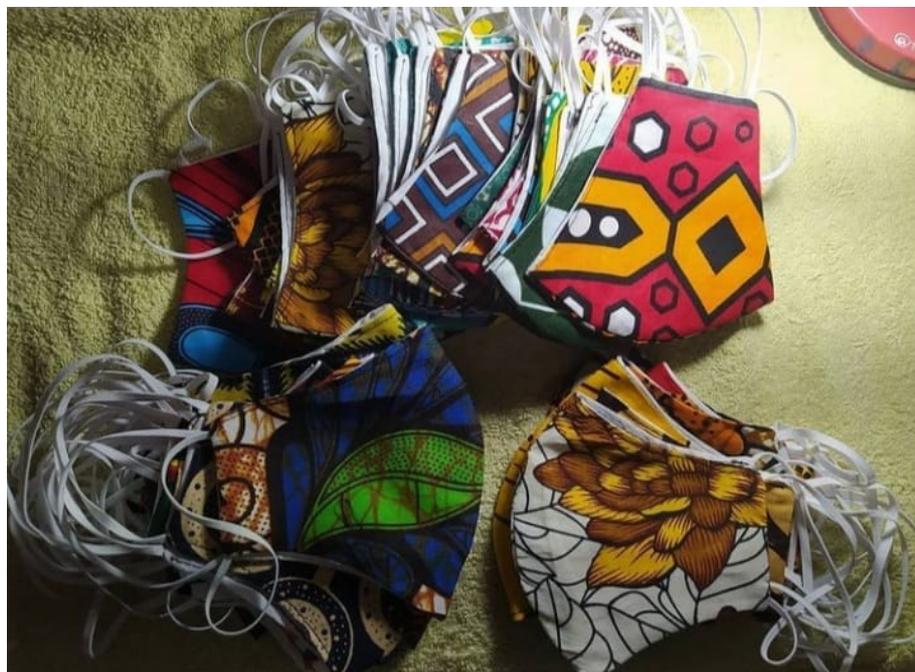
**Imagem 20: Um artefato de muitas cores**

Ilustração 20: Fotografia de máscaras em tipo anatômico, coloridas e finalizadas. 2021.  
Fonte: Colaboração do acervo da Marielle.

### Imagem 21: Peças à venda



Ilustração 20: Fotografia de máscaras em tipo anatômico, coloridas e finalizadas. Divulgação de venda através do Instagram, 2021.

Fonte: Colaboração do acervo da Marielle.

### 3.5 Entre conceitos e narrativas: algumas costuras possíveis

Observando o *passado* recente marcado pelo início da pandemia, entre a primeira e a segunda onda da covid-19 ao primeiro semestre de 2022, alguns pontos precisam ser revisitados para que se possa elencar conceituações possíveis.

No decorrer desta pesquisa o corpo foi colocado em questão e em negociação enquanto aspecto fundamental da construção metodológica em sua reflexividade. No entanto, o corpo aparece, mesmo que através de recortes, ao longo das narrativas, assim como em todo o transcorrer do fenômeno pandêmico.

Se as técnicas do corpo podem ser compreendidas enquanto “[...] maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos [...]” (MAUSS, 1974, p. 211), durante a pandemia não apenas as técnicas de higienização e de cuidado preventivo foram atualizadas e transmitidas entre os grupos, mas também houve um conjunto de novas etiquetas corporais quase regulamentadas que definiam as novas formas de se colocar no espaço público e como cuidar preventivamente de si, dos outros e do ambiente domiciliar.

Quanto às máscaras faciais, devido seu uso obrigatório entre 2020 e 2021, com flexibilização apenas em 2022, houve uma série de recomendações discordantes que pontuavam período de tempo para uso, durabilidade do artefato, tempo entre a troca das máscaras, quantas camadas deveria ter, os materiais do qual deveria ser fabricado e até mesmo a eficácia comparativa entre umas e outras. As máscaras assim fundamentaram-se enquanto EPI's ou Dispositivos de Proteção Respiratória (DPR) essenciais para o cuidado preventivo que exigiam uma série de atenções anteriores ao seu uso, no decorrer e em seu descarte.

No artigo intitulado *Utilização de máscaras: indicações de uso e manejo durante a pandemia da covid-19* (DE SOUZA NETO; DE FREITAS, 2020), observa-se um conjunto de técnicas que numa perspectiva biomédica transpassou os saberes restritos aos profissionais especializados da área da saúde e, transformados em manuais, houve divulgação em massa através dos meios de comunicação e panfletos. Rememorando as indicações sobre o uso das máscaras no início da pandemia, de acordo com os autores:

Antes de colocar uma máscara, deve-se higienizar as mãos adequadamente. A máscara deverá cobrir a boca e o nariz, deve estar íntegra, não pode haver espaços entre o rosto e a máscara: para isso, não se deve cruzar os elásticos ou tiras em decorrência da abertura resultante. Após a utilização, a remoção deve ser realizada tirando os elásticos de trás das orelhas ou desamarrando as tiras; não se deve tocar a parte frontal durante o uso ou retirada, porém, se assim o fizer, realizar novamente a higienização das mãos. Quanto aos profissionais de saúde, deve-se evitar a utilização de batons ou outros produtos de maquiagem enquanto estiverem fazendo uso de máscara. (NETO; FREITAS, 2020, p. 4)

Além das designações dos cuidados prévios, da necessidade de higienização das mãos e da forma de manusear o artefato, havia também um conjunto de atenções no transcorrer do uso no cotidiano, assim como a reutilização no caso das máscaras de tecido. Ainda de acordo com os autores:

Com relação às máscaras cirúrgicas e de TNT, em decorrência do material pouco resistente, o recomendado é o descarte, que precisa ser feito em uma lixeira fechada e, em seguida, o usuário deve limpar as mãos com álcool 70% ou água e sabão. Já no caso das não-descartáveis (feitas de tecido), deve-se realizar a lavagem (evitar mais que 30 vezes), separadamente de outras roupas, com água corrente e sabão neutro (deixar de molho em uma solução com água sanitária 2,5%, 2 colheres de sopa de água sanitária em 1 litro de água), e logo após, enxaguar para remover qualquer resíduo, esperar

secar, passar com ferro quente e guardar em um recipiente fechado. (NETO; FREITAS, 2020, p. 5)

Compreendendo as máscaras artesanais como artefato (MILLER, 2012) produto da cultura material ao mesmo tempo em que se implica enquanto mercadoria, objeto externo que possui valor de uso e de troca capaz de satisfazer as necessidades humanas (MARX, 2013), ainda é possível acessar uma camada mais profunda na reflexão acerca desse objeto.

Em hipótese inicial, a produção das máscaras poderia estar vinculada ao instantâneo discurso do cuidado, sobretudo com a constatação da oposição política do risco referindo-se à gestão da pandemia. Entretanto, apesar de que a produção em domicílio beneficiou a essas produtoras, seus familiares, a comunidade local, chegando até mesmo a municípios vizinhos, atrelar o trabalho da costura exclusivamente à produção de um *artefato do cuidado* poderia reforçar binarismos de gênero, assim como as idéias de “papéis de gênero” que historicamente vinculam o cuidado enquanto algo das mulheres, podendo inclusive se utilizar de um discurso que justifica a precariedade e a baixa remuneração através das relações de afeto.

Entretanto, também é arriscado atribuir em exclusividade a atividade da costura à noção de trabalho remunerado, visto que a costura, ao longo da vida dessas mulheres nem sempre apresentou-se inicialmente a este propósito. A produção das máscaras se insere na vida dessas mulheres num período de muitas incertezas, onde por um lado havia o medo da contaminação e por outro a necessidade de complementar a renda ou de sobreviver materialmente num contexto de crises.

Estabelecendo uma relação entre as máscaras e o contexto pandêmico, também é possível mobilizar o conceito de “dispositivo” (FOUCAULT, 2017) devido à potencialidade de acionar um conjunto de engrenagens discursivas, políticas, morais, religiosas, legislativas, e até mesmo enunciações científicas.

Com a polarização<sup>83</sup> do cenário político brasileiro e a associação de símbolos aos grupos de direita ou esquerda, no momento em que o próprio governo federal negligenciou o início da vacinação, incentivou o não uso das máscaras, promoveu aglomerações, sugeriu o uso de remédio antimalárico sem comprovação de eficácia (ALMEIDA-FILHO, 2021), minimizou os danos, os lutos e a urgência do envio de oxigênio para os hospitais em Manaus (AM)<sup>84</sup>, isso para não pontuar todos os elementos que correspondem a essa “gestão” da

<sup>83</sup> Ver: MACHADO, Jorge; MISKOLCI, Richard. Das Jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. *Sociologia & Antropologia*, v. 9, p. 945-970, 2019.

<sup>84</sup> Disponível em: <<https://amazoniareal.com.br/um-ano-da-crise-do-oxigenio/>> Acesso em: 02 de Outubro de 2022

pandemia, o uso de máscaras assim como o isolamento social ou mesmo as intervenções não farmacológicas foram compreendidas enquanto medidas politizadas capazes de acionar as dimensões morais e religiosas<sup>85</sup> que ora apresentavam-se enquanto elementos concordantes e disciplinadores em relação à relevância coletiva do cuidado preventivo, e em outros enquanto elementos discordantes a serem negados ou atacados em oposição a crenças ou à economia. Desta forma, o uso de máscaras, o distanciamento social, a vacinação e as pesquisas científicas foram massivamente questionadas, constituindo um campo de conflitos ideológicos.

Para concluir, o uso e não uso das máscaras no contexto pandêmico fez emergir uma série de questões e ambiguidades. Se por um lado este objeto apresenta-se enquanto símbolo do cuidado e artefato de acesso ao espaço público, sobretudo quando havia a obrigatoriedade do uso, por outro lado, pensando nas comunidades campesinas ou tradicionais por exemplo, as máscaras tanto possibilitaram o acesso aos espaços urbanos quanto ao mesmo tempo, em uso local, poderiam corresponder a grande oposição do *fluir da vida*. Veron e Guimarães (2020) ao discorrer sobre a pesquisa realizada com as mulheres Kaiowá no Mato Grosso do Sul (MS) revelam as epistemologias envoltas do saber tradicional cruzadas com a noção biomédica do que seria cuidado preventivo durante a covid-19. De acordo com as autoras:

A máscara não se refere somente ao uso e contenção do contágio, mas, para as mulheres Kaiowá, se refere ao pensar/usar com alguns efeitos. O propósito não é negar o seu uso, mas refletir. A máscara se opõe à grande fumaça do fogo doméstico que cura, une e permite compartilhar a vida e se iguala à fumaça do mal que sufoca o sopro vivificante, exalado pelo ar que respiramos. A pessoa kaiowá tem vida quando respira e profere belas palavras. O canto, o sopro, a fumaça do fogo doméstico, todos exalam e refletem a vida. Usar a máscara significa imobilizar o *fluir da vida*. A anciã coloca a máscara, por alguns instantes, ela compreende a violência do contágio, da fumaça do mal, que adentra o *fluir da vida*, e ela se protege, usa a máscara. Com a máscara, ela adentra o espaço/tempo do branco, vai à cidade, lócus do contágio e retorna ao território. (VERON; GUIMARÃES, 2020, p. 126)

Compreendendo a complexidade do assunto, o objetivo de trazer um exemplo distante territorialmente e epistemologicamente foi de descentralizar a noção de pandemia do espaço urbano onde os saberes biomédicos foram mais assimilados discursivamente ao longo da

---

<sup>85</sup> Ver: MACHADO, Carly. Rebanho de quem? Sobre religião, contágio e ideias que viralizam em tempos de pandemia. *Dilemas: revista de estudos de conflitos e controle social*, p. 1-14, 2020.

pandemia. Mesmo reconhecendo a relevância do uso dos EPI 's, também é preciso refletir sobre como as etiquetas de bio-cuidado foram sinalizadas e como isso impactou o cotidiano daqueles que vivem em localidades fora ou distantes dos espaços urbanos, brancos e ocidentalizados.

### 3.5.1 É possível pensar num “pós-pandemia”?

*Viam-se lágrimas e lamúrias em praticamente todas as casas, principalmente no início da epidemia, pois, quando se aproximou do fim, os corações dos homens estavam tão endurecidos e a morte era tão constante diante de seus olhos que já não se preocupavam tanto com a perda de seus amigos, esperando que também eles fossem chamados na hora seguinte. (DEFOE, 2014, p. 33-34)*

A pandemia chegou ao fim? O que determina ou caracteriza o fim de uma pandemia? Essas perguntas ainda são parte de um conjunto de incertezas quanto ao fenômeno da covid-19. De acordo com dados mais recentes, no Brasil cerca de 84,26% da população tomou a primeira dose de alguma das vacinas, 79,33% receberam a segunda dose e aproximadamente 48,16% tomaram a primeira dose de reforço<sup>86</sup>. Com o avanço significativo da vacinação, observa-se simultaneamente uma baixa de - 46% na média de mortes por covid-19, e cerca de -56% na média móvel de novos casos, isso em referência a primeira quinzena do mês de setembro de 2022. No entanto, é importante destacar como esse fenômeno é fluido e como os números mudam diariamente.

Ainda há mortes, em menor número, cotidianamente. No Brasil, segundo país com maior número de mortes por covid-19<sup>87</sup> no mundo, são exatamente 686.963 mil vítimas no total dos dados<sup>88</sup> notificados pelo CVI, compreendendo que há subnotificações. Em sentido global, somam-se 6.560.335 milhões de mortes por covid-19<sup>89</sup> e os números também são atualizados a cada dia.

<sup>86</sup> Os dados referem-se a população vacinável (3 anos ou mais) e está disponível em: <<https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>>. Acesso em 16 de agosto de 2022. Atualmente a segunda dose de reforço já encontra-se disponível para uma parcela da população.

<sup>87</sup> Em primeiro lugar nos dados de mortes em decorrência da Covid-19 está os Estados Unidos da América com aproximadamente 1.048.897. Em terceiro lugar está a Índia, com aproximadamente 528.250 mil vítimas fatais da doença. Dados referentes a 16 de setembro de 2022, disponível em: <<https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>>.

<sup>88</sup> Dados referentes a 11 de Outubro de 2022. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>.

<sup>89</sup> Dados referentes a 11 de Outubro de 2022. Disponível em: <<https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=%2Fm%2F02j71&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>>

No território brasileiro, o cenário atual aponta para uma maior flexibilização dos decretos que retiram a obrigatoriedade do uso de máscaras em estabelecimentos, instituições, vias públicas e espaços abertos de socialização. Poucas são as exceções dos locais onde ainda obriga-se o uso de máscaras. Apesar da indicação facultativa, o uso do artefato ainda é recomendado em unidades de saúde, como hospitais, postos de saúde, Unidade de Pronto Atendimento (UPA) ou Unidade Básica de Saúde (UBS). Placas de decretos ainda estampam as portas de estabelecimentos, universidades, escolas ou janelas de transportes coletivos, simbolizando o *rastró* de um recente episódio que apesar de apresentar-se aparentemente enquanto algo distante, de um tempo passado, ainda se faz presente.

Mesmo com recentes declarações através de órgãos e secretarias de saúde pública sobre novas variantes, casos de influenza, ou mesmo surtos que tem por via de transmissão aspectos comuns com a Sars-Cov-2, observa-se nas vias públicas e espaços privados um menor uso das máscaras faciais, indicando que o artefato que há pouco tempo atrás ganhou evidência enquanto mercadoria símbolo da crise sanitária, no atual contexto foi secundarizado. As máscaras profissionais vendidas em farmácias a um custo superior em relação às máscaras de tecido, em 2022 passaram por uma diminuição de seus preços. As máscaras de tecido também sofreram baixas em relação ao seu valor inicial. Isso implica não apenas em uma baixa valorização material do artefato, mas também aponta para o caráter simbólico da baixa valorização do trabalho.

Das mulheres contactadas ao longo dessa pesquisa, referindo-se às entrevistadas e aos contatos que não resultaram em entrevistas pelas adversidades justificadas no capítulo 1, apenas a Laudelina ainda costura esporadicamente máscaras, por encomenda, mas aponta que as vendas caíram drasticamente em relação aos anos anteriores e sua renda se dá pelo ofício da costura de roupas e outras mercadorias. Maria não trabalha mais com costuras devido à epicondilite adquirida ainda em 2020 no transcorrer do “bico” da produção das máscaras. Antonieta, por questão de tempo de trabalho e por sua idade, se aposentou da costura das máscaras e ainda faz pontuais trabalhos de conserto para pessoas próximas do bairro onde vive. Marielle por sua vez, apesar de não divulgar mais o artefato, segue costurando outras peças e acessórios e empreendendo através de sua página em rede social virtual e também em eventos e exposições de feiras de artesanato.

Se entre 2020 e 2021 as máscaras estavam imersas num conjunto de técnicas e pedagogias do corpo que indicavam o uso, por quanto tempo usar, como realizar as trocas, como higienizar (nos casos das máscaras de tecido), ou como descartar, nos casos das máscaras de Tecido Não Tecido (TNT), máscaras cirúrgicas ou PFF2, o que observa-se em

2022 são rastros de um símbolo, às vezes localizado no rosto de pessoas em determinados locais, às vezes ao chão.

Pensando na saúde pública e na limpeza urbana, o descarte das máscaras também é um aspecto que exige atenção, pois descartado de qualquer forma, em qualquer lugar, tanto acarreta problemas ao meio ambiente<sup>90</sup> e aos animais, indicando resíduos de uma *poluição pandêmica*, ao mesmo tempo que pode ocasionar contágio a aqueles que tiverem contato direto com o objeto contaminado.

---

<sup>90</sup> De acordo com a ONG internacional *Ocean Conservancy*, em 2020 cerca de 129 bilhões de máscaras descartáveis foram encontradas nos oceanos Atlântico, Pacífico e Índico, e ainda não é possível estimar o tempo de decomposição para esse tipo de material. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/mais-de-120-bilhoes-de-mascaras-sao-descartadas-por-mes-nos-oceanos/>>; <<https://oceanconservancy.org/search/pandemic/>>. Acesso em: 15 de agosto de 2022.

**Imagem 22: Máscara ao chão I – do destaque ao descarte**



Ilustração 22: Fotografia de uma máscara cirúrgica descartada ao chão, em Santa Rita -PB. 2021.  
Fonte: arquivo pessoal.

**Imagem 23: Máscara ao chão II – do destaque ao descarte**



Ilustração 23: Fotografia de uma máscara cirúrgica descartada ao chão, em Santa Rita -PB. 2021.  
Fonte: arquivo pessoal.

**Imagem 24: Máscara ao chão III – poluição pandêmica**



Ilustração 24: Fotografia de uma máscara cirúrgica descartada, praia no município de Cabedelo -PB. 2022.  
Fonte: arquivo pessoal.

**Imagem 25: Máscara ao chão IV – do destaque ao descarte, em todos os lugares.**



**Ilustração 25: Fotografia de uma máscara de tecido descartada ao chão, numa poça de água, em Cabo Branco, orla de João Pessoa -PB. 2022.**  
Fonte: arquivo pessoal.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação é resultado da pesquisa realizada durante, sobre e a partir da pandemia da covid-19 no Brasil, tendo por principal objetivo compreender quem foram as mulheres que tomaram o protagonismo na produção das máscaras artesanais e quais os impactos deste trabalho na vida, na família, na renda, na saúde e no cotidiano.

Metodologicamente, esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa que através da metodologia da *bola de neve* (VINUTO, 2014) e das redes sociais virtuais buscou contactar e entrevistar mulheres que já eram costureiras ou que passaram a costurar máscaras durante a pandemia. Sem a aplicação de nenhum recorte racial, etário ou geracional, o único critério de seleção para a participação na pesquisa correspondia à produção das máscaras entre 2020 e 2021.

Através das narrativas foi possível acessar os processos objetivos e subjetivos, assim como a dimensão produtiva e de reprodução social referente aos trabalhos remunerados e não remunerados. Desta forma, foi possível localizar seis costureiras e uma vendedora de máscaras, mas apenas quatro (costureiras), por questões de saúde/adoecimento e outras adversidades, puderam participar efetivamente desta pesquisa.

As colaboradoras/participantes se autodeclararam pardas e negras, entre 40 e 78 anos de idade, residentes nas cidades de João Pessoa, Santa Rita e Bayeux. As entrevistas ocorreram entre maio e setembro de 2021. A partir de uma metodologia *híbrida* foi problematizado e experimentado o cruzamento entre o presencial e o on-line, que a partir de uma *ética feminista do cuidado* (NATANSOHN; REIS, 2020) ponderou as necessidades, possibilidades de acesso, vulnerabilidades e negociações possíveis no contexto pandêmico.

O *capítulo 1*, debruçou-se sobre percurso metodológico, apresentando os dilemas entre os riscos e o cuidado no fazer de uma pesquisa empírica durante uma pandemia que apesar da baixa letalidade apresentava alta transmissibilidade. O *capítulo 2* teve por objetivo apresentar as reflexões teóricas desta pesquisa, articulando conceitos entre trabalho, gênero, saúde e cuidado das mulheres num período de crise sanitária, econômica e política gerida por um viés econômico neoliberal. O *Capítulo 3* teve em seu propósito apresentar individualmente as narrativas das participantes, estabelecendo cruzamentos e diálogos a partir do fenômeno pandêmico e das experiências dessas mulheres.

Estabelecendo uma costura entre as narrativas, é possível destacar alguns aspectos:

I) Há um elemento inicial comum: o saber-fazer da costura apresenta-se enquanto um saber tradicional transmitido entre avós, mães e filhas ou aprendido ainda no transcorrer da

adolescência que em algum momento da fase adulta foi transformado em trabalho remunerado sendo ele de ordem formal ou informal por conta própria, por vezes atrelado a perspectiva de *nova informalidade* (ARAÚJO; LOMBARDI, 2013) que assume certa fluidez entre a formalidade, informalidade e o empreendedorismo;

II) A produção das máscaras surge a partir das demandas e como resposta econômica complementar ou central na produção de renda;

III) Nesse processo, a família é assimilada a uma unidade produtiva, havendo divisão nas funções de “quem faz”, “quem ajuda” e “quem vende”;

IV) A casa apresenta-se enquanto local entre-tempos, que media o público e privado;

V) A pandemia intensificou a vivência e os trabalhos na casa, e quando pensa-se nos *usos do tempo* (DEDECCA, 2004) a *pobreza de tempo* (ABRAMO; VALENZUELA, 2016) foi um elemento presente nas narrativas, havendo maior indicação do tempo de produção capitalista;

VI) Houve um cruzamento conflituoso dos trabalhos de casa e os trabalhos na casa;

VII) A flexibilização do tempo e a precarização do ofício trouxe enquanto enquanto resultado o adoecimento dos corpos, causando DORT ou LER;

VIII) As mulheres, mesmo no período do isolamento social, mobilizaram circuitos internos de cuidado com membros da família;

IX) A mobilização dos discursos sobre o fazer e o uso das máscaras nas narrativas são divergentes e justificam-se pelo cuidado preventivo, pelo caráter biomédico, pelas crenças e pelo fator econômico.

As imagens foram utilizadas neste texto tanto de forma *representativa* (BECKER, 2009), como forma de estabelecer uma narrativa imagética fragmentada que buscou apresentar desde o período de maior destaque do artefato (simbólico e legislativo), o processo de produção, e como as máscaras após a flexibilização em 2022 foram ressignificadas enquanto artefato descartável.

Como toda pesquisa, esta também apresenta fragilidades e limitações, como por exemplo a temporalidade, isto é, uma localização precisa de um fenômeno correspondente a um tempo e espaço específico, assim como o fato de que a pesquisa não transpassou as fronteiras do espaço urbano, branco e ocidentalizado.

Por fim, este trabalho, em alusão à costura buscou reunir *retalhos* e *rastros* de um fenômeno recente e ainda presente, sem a pretensão de concluir *arrematando um nó*. Ao contrário, deseja-se que essa seja mais uma contribuição que através de um viés sociológico

se propôs a refletir acerca das questões que envolveram a produção e as produtoras das máscaras no transcorrer da pandemia da covid-19.

## 5. REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís; VALENZUELA, María Elena. Tempo de trabalho remunerado e não remunerado na América Latina: Uma repartição desigual. In: **Gênero e Trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. Org: ABREU, Alice R.P.; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa. Tr. Carol de Paula. 1ª ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

AGÊNCIA BRASIL. **Desemprego chega a 14% entre Setembro e Novembro de 2020**. Cristina Índio do Brasil – Repórter da Agência Brasil - Rio de Janeiro. 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-01/desemprego-chega-141-entre-setembro-e-novembro-de-2020#:~:text=Total%20de%20desempregados%20no%20pa%C3%A9s%20%20C3%A9%20estimado%20em%2014%20milh%C3%B5es&text=A%20taxa%20de%20desemprego%20alcan%C3%A7ou,setembro%20e%20novembro%20de%202020.&text=Esse%20resultado%20representa%203%2C9,subiu%20para%2048%2C6%25>> Acesso em: 12/ Abril/ 2021.

AGIS, Domingo Fernández. Mirando hacia el pasado para entender el presente. La medicina ante el azote de las epidemias. **Problemata:R.Intern.Fil.V.11. n.5**, (2020), p.14 – 160.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Feminismos Plurais. Coord. Djamila Ribeiro. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ALBINO, Chiara; OLIVEIRA, Jainara. O governo neoliberal das vidas precárias. In: **Neoliberalismo, neoconservadorismo e crise em tempos sombrios**, Org: Chiara Albino, Jainara Oliveira e Mariana Melo. Editora Seriguela, 2021.

ALMEIDA-FILHO, Naomar. Pandemia de Covid-19 no Brasil: equívocos estratégicos induzidos por retórica negacionista. **Principais elementos**, p. 214-225, 2021.

ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. Ganhadeiras: trabalho feminino nas ruas do Recife setecentista. **Revista da ABPN** • v. 12, n. Ed. Especial – Caderno Temático: “ Africanos, escravizados, libertos biografias, imagens e experiências atlânticas” • agosto de 2020, p. 52 - 70.

AMB. **Vacinação COVID-19 no Brasil: Passado, Presente e Desafios Futuros**. Associação Médica Brasileira, publicado em 14 de Setembro de 2021. Disponível em: <<https://amb.org.br/noticias/vacinacao-covid-19-no-brasil-passado-presente-e-desafios-futuros/>>. Acesso em 19/ Abril/ 2022.

ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Luci. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Serviço Social & Sociedade**, p. 407-427, 2015.

- ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; LOMBARDI, Maria Rosa. Trabalho informal, gênero e raça no Brasil do início do século XXI. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, p. 452-477, 2013.
- ARRUZZA, Cinzia. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. **Revista Outubro**, v. 23, n. 01, 2015.
- ÁVILA, Maria Betânia. O tempo do trabalho produtivo e reprodutivo na vida cotidiana. **ABET**, vol. 2 2010, p. 53 – 70.
- BATTHYÁNY, Karina; SÁNCHEZ, Agustina Sol. **Profundización de las brechas de desigualdad por razones de género: el impacto de la pandemia en los cuidados, el mercado de trabajo y la violencia en América Latina y el Caribe**. 2020.
- BECKER, Howard. **Falando da sociedade. Ensaio sobre as diferentes maneiras de representar o social**. Tr. Maria Luiza Borges. Zahar. Rio de Janeiro, 2009.
- BELLACASA, Maria Puig. Matters of care in technoscience: Assembling neglected things. **Social Studies of Science**. v. 41, n. 1, 2010. p. 85-106.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. Pólen Produção, Editorial LTDA, 2019.
- BHATTACHARYA, Thiti. **O que é a teoria da reprodução social?** Tr. Maíra Mee Silva. Socialist Worker, 2013.
- BLANC, Nathalie; LAUGIER, Sandra; MOLINIER, Pascale. O preço do invisível: as mulheres na pandemia. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social** – Rio de Janeiro – Reflexões na Pandemia 2020, p. 1 – 13
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 02, nº 01, UFSC: 2005, p. 68 – 80.
- BRANDÃO, Elaine Reis; FERREIRA, Jaqueline. Tradição e perspectivas sobre a reflexividade em pesquisas etnográficas em saúde. In: **Reflexividade na pesquisa em saúde: desafios e contribuições para novos pesquisadores**. Org: BRANDÃO, Elaine Reis; FERREIRA, Jaqueline. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021, p. 15-45.
- BRASIL. Lei nº 13.979, de 06 de Fevereiro de 2020. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 199º da Independência e 132º da República, 6 Fev. 2020.
- BRASIL. Lei nº 14.019, de 02 de Julho de 2020. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 199º da Independência e 132º da República, 2 Jul. 2020.
- BRUSCHINI, Cristina; RIDENTI, Sandra. Família, casa e trabalho. **Cadernos de pesquisa**, n. 88, p. 30-36, 1994.

BRUSCHINI, Maria Cristina A.; RICOLDI, Arlene Martinez. Família e trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda. **Cadernos de pesquisa**, v. 39, p. 93-123, 2009.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; GONÇALVES, Carlos Alberto. Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais. **Organizações rurais & agroindustriais**, v. 5, n. 1, 2003.

CAPONI, Sandra. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Estudos Avançados**, 2020, p. 209 –223.

CARNEIRO, Rosamaria Giatti; MULLER, Elaine. Afinal, quanto de extraordinário a pandemia de covid-19 soma na vida das mulheres mães. **Áltera**, v. 1, n. 10, p. 441-450, 2020.

CASTELLANOS, Marcelo Eduardo Pfeiffer. A narrativa nas pesquisas qualitativas em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 1065-1076, 2014.

CAVALLERO, Luci; GAGO, Verónica. **La casa como laboratorio: Finanzas, vivienda y trabajo esencial** / Lucía Cavallero; Verónica Gago. - 1a ed - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : Fundación Rosa Luxemburgo, 2022.

COSTA, Márcia da Silva. Trabalho informal: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira. **Caderno Crh**, v. 23, p. 171-190, 2010.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara KOOGAN, 1991.

DEDECCA, Claudio Salvadori. Tempo, trabalho e gênero. In: **Reconfiguração das relações de gênero no trabalho**, p. 21-52, 2004.

DESLANDES, Suely Ferreira. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Org: Maria Cecília Minayo; Suely Deslandes e Romeu Gomes. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

DE SOUSA NETO, Antonio Rosa; DE FREITAS, Daniela Reis Joaquim. Utilização de máscaras: indicações de uso e manejo durante a pandemia da covid-19. **Cogitare enfermagem**, v. 25, 2020.

DÍAZ BERMÚDEZ, Ximena Pamela. **Contextos, narrativas e pessoas, reflexões sociais em meio à pandemia da Covid-19**. 2021.

DOS SANTOS, Karina di Nubila. A luta entre o Poder Político e o Quarto Poder em tempos de pandemia da COVID-19 no Brasil. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 2, 2022, p. 11341-11360, 2022.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu, Tr. Sônia Pereira da Silva, Lisboa, 1966.

- DURÃES, Bruno Rodrigues. Do Trabalho Informal Tradicional ao Uberizado: história, inovação e pandemia. **NAU Social**, v. 11, n. 21, p. 361-375, 2020.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.
- FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Editora Elefante, 2019.
- FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário: notas sobre marx, gênero e feminismo**. Tr. Heci Regina Candiani. 1ª ed. – São paulo: Boitempo, 2021.
- FLEURY, Sonia. Políticas de isolamento na pandemia: confrontação federativa, disputas discursivas e consequências político-sanitárias. Coleção Covid-19. Brasília, DF: **Conass**, 2021.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa-3**. Artmed editora, 2008.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Cortes diminuem bolsas de pesquisa e prejudicam publicações científicas**. Por Samuel Fernandes, Edição Imprensa, 24 de Janeiro de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2022/01/cortes-diminuem-bolsas-de-pesquisa-e-prejudicam-publicacoes-cientificas.shtml>>. Acesso em: 09/ Abril/ 2022.
- FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia'em casa'. **Teoria e cultura**, v. 2, n. 1 e 2, 2007, p. 39-53.
- FONSECA, Claudia Lee Williams. Crianças, seus cérebros... e além: Reflexões em torno de uma ética feminista de pesquisa. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, 2019.
- FONSECA, Rhaysa. Contribuições da Teoria da Reprodução Social para o debate contemporâneo sobre as opressões. **Marx e o Marxismo-Revista do NIEP-Marx**, v. 7, n. 13, 2019.
- DE FREITAS, Fabiana Cristina Taubert. Avaliação sintomatológica e de fatores de risco predisponentes aos distúrbios osteomusculares dos membros superiores em costureiras industriais. **Fisioterapia Brasil**, v. 8, n. 5, p. 329-334, 2007.
- GARCIA, Leila Posenato. Uso de máscara facial para limitar a transmissão da Covid-19. **Epidemiol. Serv. Saúde** vol. 29, nº. 02 Brasília: 2020, p. 01 – 04.
- GARCIA, Leila Posenato; DUARTE, Elisete. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, 2020.
- GARCIA, Lorely; FRANCH, Mónica; OLIVEIRA, Rosalira de. **A pimenta e o sonho: gênero e empreendedorismo na zona rural de João Pessoa**. – João Pessoa: Editora UFPB, 2008.

GEERTZ, Clifford. (1998). O dilema do antropólogo entre "estar lá" e "estar aqui". **Cadernos de Campo**, São Paulo, 1991, p. 205-235.

GIANNASI, Fernanda. A precarização do trabalho da mulher e seus impactos sobre a saúde. In: **Trabalho, saúde e gênero na era da globalização**. Org: Eleonora Menecucci de Oliveira e Lucila Scavone. Goiânia: AB, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GONÇALVES, Renata. O feminismo marxista de Heleieth Saffioti. **Lutas Sociais**, n. 27, p. 119-131, 2011.

GRENDENE, Camila Senedese et al. Coronavírus (covid-19): história, conhecimento atual e sequelas de longo prazo. **Revista Corpus Hippocraticum**, v. 1, n. 1, 2021.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko. Pensar o trabalho pela ótica do cuidado, pensar o cuidado pela ótica das suas trabalhadoras. In: **O gênero do cuidado: desigualdades, significações e identidades**. Org. Nadya Araujo Guimarães; Helena Sumiko Hirata, SP: Ateliê Editorial, 2020, p. 27–58.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko. O cuidado e as crises. In: **O gênero do cuidado: desigualdades, significações e identidades**. Org. Nadya Araujo Guimarães; Helena Sumiko Hirata, SP: Ateliê Editorial, 2020, p. 243–274.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; VIEIRA, Priscila Pereira Faria. O Cuidado e as “Ajudas”. In: **O gênero do cuidado: desigualdades, significações e identidades**. Org. Nadya Araujo Guimarães; Helena Sumiko Hirata, SP: Ateliê Editorial, 2020, p. 161–187.

HIRATA, Helena. Care e interseccionalidade, uma questão política. In: **Trabalho logo existo: perspectivas feministas**. Org. Margaret Maruani; Tr. Dora Roca. – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019, p. 79 – 91.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Atualidade da divisão sexual e centralidade do trabalho das mulheres. **Revista de Ciências Sociais-Política & Trabalho,[SL]**, n. 53, p. 22-34, 2021.

HIRATA, Helena; ZARIFIAN, Philippe. Trabalho (conceito de). Tr. Míriam Nobre. - 1ª ed. Helena Hirata, Françoise Laborie, Hélène Le Doaré, Danièle Senotier (Orgs). In: **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 251 – 256.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. Editora Paz e Terra, 2015.

HORNHARDT, Amanda Menconi. **Interseccionalidade, Consustancialidade e a metáfora do “nó”: A importância das lentes analíticas para a compreensão da imbricação de gênero, raça e classe**. 2019.

IBGE. **Desemprego**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>>. Acesso em: 04/ Março/ 2022.

JÚNIOR, José Patrício Bispo; SANTOS, Djanilson Barbosa dos. **Covid-19 como sindemia: modelo teórico e fundamentos para a abordagem abrangente em saúde**. Cadernos de Saúde Pública, 2021, p. 01 - 14.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. Tr: Vivian Aranha Saboia. - 1ª ed. In: Helena Hirata, Françoise Laborie, Hélène Le Doaré, Danièle Senotier (Orgs). In: **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 67 – 75.

KERGOAT, Danièle. Le rapport social de sexe — De la reproduction des rapports sociaux à leur subversion. In: **Les Rapports sociaux de sexe**, Actuel Marx, Paris: Universitaires de France, n. 30, 2001, p. 85-100.

KERGOAT, Prisca; PICOT, Geneviève; LADA, Emmanuelle. Ofício, profissão, “bico”. Tr: Francisco Ribeiro Silva Junior. - 1ª ed. In: Helena Hirata, Françoise Laborie, Hélène Le Doaré, Danièle Senotier (Orgs). In: **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 159 – 167.

KÜCHEMANN, Berlindes Astrid; BANDEIRA, Lourdes M.; ALMEIDA, Tânia Mara C. A categoria gênero nas Ciências Sociais e sua interdisciplinaridade. **Revista do Ceam**, v. 3, n. 1, 2015, p. 63 – 81.

LÔBO, Elisabeth Souza. A questão da mulher na reprodução da força de trabalho. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, v. 4, 1981.

LOUREIRO, Elisabeth Zorgetz; DE MOURA GOMES, Guilherme Foscolo. Dependência e formação do Exército de Reserva: as trabalhadoras em Ilhéus na crise da lavoura cacauieira. **Reflexões Econômicas**, Ilhéus (BA). n.3. v.1, 2017, p.112-127.

LOURO, Guacira Lopes; MEYER, Dagmar. A escolarização do doméstico. A construção de uma Escola Técnica Feminina (1946-1970). **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, nov. 1993. n. 87, p. 45-57.

MALUF, Sônia Weidner. Janelas sobre a cidade pandêmica: desigualdades, políticas e resistências. **Revista TOMO**, n. 38, p. 251-285, 2021.

MARCINIK, Georgia G.; MATTOS, Amana R. **Sobre branquitude e privilégio: analisando movimentos feministas brancos**. Anais do XI Seminário Internacional Fazendo Gênero [recurso eletrônico]: 13th. Women’s Worlds, 2017.

MARIANO, Patrícia; SALVARO, Giovana Ilka Jacinto. Narrativas de Adoecimento de Trabalhadoras da Indústria do Vestuário em Município de Santa Catarina, Brasil. **Psicologia:**

**Ciência e Profissão**, v. 41, 2021.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Tr. Rubens Erdele, 1ª ed. Livro I: O processo de produção do capital. Brasil: Editora Boitempo, 2013.

MATOS, Marlise. **Pandemia, Covid-19 e as mulheres**. Boletim nº 11 ANPOCS, 2020.

MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. In: **Marcel Mauss, Sociologia e Antropologia**, vol.

2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. In: MAUSS, M. Sociologia e antropologia. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte e Ensaios**, n. 32, PPGAV-UFRJ: 2016, p. 123 – 151.

MILLER, Daniel. Notas sobre a pandemia: como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. **Labemus**. Blog do Laboratório de Estudos de Teoria e Mudança Social, 2020.

MILLER, Tom O. Considerações sobre a tecnologia: quando é um artefato?/Considerations on technology: when is an artifact?. Vivência: **Revista de Antropologia**, v. 1, n. 39, p. 91-100, 2012.

MONTELEONE, Joana de Moraes. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: o trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850 – 1920). **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, nº 01, 2019, p. 01 – 11.

MORÉ, Paloma. Cuidados y crisis del coronavirus: el trabajo invisible que sostiene la vida. **Revista Española de Sociología (RES)**, v. 29, n. 3, 2020, p. 737-745,

MOREIRA, Lisandra Espíndula et al. Mulheres em tempos de pandemia: um ensaio teórico-político sobre a casa e a guerra. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, 2020.

MOTA, Janine da Silva. Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. **Revista Humanidades e Inovação**, v.06, nº 12: 2019, p. 371 – 380.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima. Ver. **Antropol.** v.62, n. 02, São Paulo: USP online: 2019, p. 459 – 484.

NATANSOHN, Graciela; REIS, Josemira. Digitalizando o cuidado: mulheres e novas codificações para a ética hacker. **Cadernos Pagu**, 2021.

NOBRE, Miriam. Trabalho doméstico e emprego doméstico. **Reconfiguração das relações de gênero no trabalho**, p. 61, 2004.

NOVAES, Clarissa Alves de. **Evolução histórica do ofício de costureira e sua configuração em ateliês de costura de Viçosa – MG**. (Dissertação para o curso de Pós Graduação em Economia Doméstica); 103 f. Viçosa: Minas Gerais, 2016.

NUNES, João. A pandemia de Covid-19: securitização, crise neoliberal e a vulnerabilização global. **ESPAÇO TEMÁTICO: COVID-19 – CONTRIBUIÇÕES DA SAÚDE COLETIVA, Cadernos de Saúde Pública**: 2020, p. 01 – 04.

ORELLANA, Jesem Douglas Yamall; et al. Excesso de mortes durante a pandemia de COVID-19: subnotificação e desigualdades regionais no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, 2020, p. 01-16.

PADILHA, Ana Caroline de Bassi; SANTOS, Marinês Ribeiro dos. **Tecnologias do lar, seus usos e consumos no curso de corte e costura da escola técnica de Curitiba (anos 1940 a 1960)**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2021, p. 1 - 12.

PARAÍBA. **Decreto-lei nº 40. 122, de 13 de Março de 2020**. Paraíba: Governo do Estado [2020]. Disponível em: <<https://paraiba.pb.gov.br/noticias/joao-azevedo-assina-novo-decreto-ampliando-isolamento-com-abrangencia-para-todos-os-municipios/Decreton40.242Prorrogaisolamento15.05.20convertido.pdf>>. Acesso em: 07/ Abril/ 2022.

PARAÍBA. **Decreto-lei nº 40. 141, de 26 de Março de 2020**. Paraíba: Governo do Estado [2020]. Disponível em: <<https://paraiba.pb.gov.br/noticias/joao-azevedo-assina-novo-decreto-ampliando-isolamento-com-abrangencia-para-todos-os-municipios/Decreton40.242Prorrogaisolamento15.05.20convertido.pdf>>. Acesso em: 07/ Abril/ 2022.

PARAÍBA. **Decreto-lei nº 42.211, de 03 de Janeiro de 2022**. Paraíba: Governo do Estado [2022]. Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=425845#:~:text=Permanece%20obrigat%C3%B3rio%2C%20em%20todo%20territ%C3%B3rio,ve%C3%ADculos%20p%C3%BAblicos%20e%20particulares%2C%20inclusive>>. Acesso em: 07/ Abril/ 2022.

PEREIRA, Mara Dantas et al. A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. e652974548-e652974548, 2020.

PIMENTA, Denise. Pandemia é coisa de mulher: breve ensaio sobre o enfrentamento de uma doença a partir das vozes e silenciamentos femininos dentro das casas, hospitais e na produção acadêmica. **TESSITURAS | Revista de Antropologia e Arqueologia**. Pelotas: 2020, p. 08 – 19.

PORTAL CORREIO. **Paraíba fecha 2021 com taxa de desemprego maior que a nacional**. Redação, 24.02.2022. Disponível em:

<[\*\*PORTAL CORREIO. Justiça decide que uso de máscara volta a ser obrigatório em João\*\*](https://portalcorreio.com.br/paraiba-fecha-2021-com-taxa-de-desemprego-maior-que-a-nacional/#:~:text=Para%C3%ADba%20fecha%202021%20com%20taxa%20de%20desemprego%20maior%20que%20a%20nacional,-Apesar%20disso%2C%20entre&text=A%20taxa%20m%C3%A9dia%20de%20desocupa%C3%A7%C3%A3o,Cont%C3%ADnua%20(PNAD%20C)%20Trimestral.> Acesso em: 04/ Março/ 2022.</p>
</div>
<div data-bbox=)

**Pessoa.** Redação, 22.03.2022. Disponível em:

<[RAUBER, Mme Marie. \*\*Aiguille \(travauxàl’\)\*\*. In: BUISSON, F. \(Org\). Nouveau dictionnaire de pédagogie et d’instruccion primaire. Paris: Librairie Hachette, 1911.](https://portalcorreio.com.br/justica-decide-que-uso-de-mascara-volta-a-ser-obrigatorio-em-joao-pessoa/>. Acesso em: 05/ Abril/ 2022.</p>
</div>
<div data-bbox=)

REIS, Ana Paula dos et al. Desigualdades de gênero e raça na pandemia de Covid-19: implicações para o controle no Brasil. **Saúde em Debate**, v. 44, 2021, p. 324-340.

ROGERS, Rebecca. Tecer novas histórias: os trabalhos de agulha a escola feminina (França - Argélia colonial). In: **Trabalho logo existo: perspectivas feministas**. Org. Margaret Maruani; Tr. Dora Roca. – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019, p. 179 – 190.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. Ministério Público do Estado da Bahia, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**. – São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero Patriarcado Violência**. – São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SBIM. **O vírus SARS-Cov-2 e a Covid-19**. Sociedade Brasileira de Imunizações, 2021. Disponível em:

<[SEGATA, Jean. \*\*Covid-19: escalas da pandemia e escalas da antropologia\*\*. Boletim Especial Cientistas Sociais, nº 02, ANPOCS: 2020.](https://sbim.org.br/covid-19/73-perguntas-e-respostas-sobre-as-vacinas/o-virus-sars-cov-2-e-a-covid-19>. Acesso em: 15/ Abril/ 2022.</p>
</div>
<div data-bbox=)

SEQUINEL, Rodrigo; LENZ, Guilherme Felipe; SILVA, Francis; SILVA, Fabiano. Soluções à base de álcool para higienização das mãos e superfícies na prevenção da covid-19: compêndio informativo sob o ponto de vista da Química envolvida. **Quim. Nova**, Vol. 43, No. 5, 2020, p. 679 – 684.

SOUZA, Gilda de Mello. **O espírito das roupas: a moda no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOUZA, Maysa Carvalho de. **Formação docente e abordagem de sexualidade e gênero nas escolas: uma análise da licenciatura em Ciências Sociais-UFPB**. PB. 80f. (Trabalho de Conclusão de Curso - Ciências Sociais), João Pessoa: 2019.

SPINK, Mary Jane Paris. “Fique em casa”: a gestão de risco em contextos de incerteza. **Psicologia & Sociedade**. V.32, Belo Horizonte: 2020, p. 01 – 19.

SILVA, Ana Paula Marcelino da. **Os riscos do cuidado: experiência do trabalho das profissionais de enfermagem na pandemia de Covid-19**. - PB. 2022. 110f. (dissertação - Antropologia) - Mestrado em Antropologia. Universidade Federal da Paraíba, UFPB, 2022.

STEPHANINI, Valdir; BROTTTO, Julio Cezar de Paula. A quebra de paradigmas religiosos em tempos de pandemia: Dos templos para as casas e para as mídias. **PLURA, Revista de Estudos de Religião/PLURA, Journal for the Study of Religion**, v. 12, n. 1, p. 61-79, 2021.

STROMQUIST, Nelly P. Education as a means for empowering women. In: PARPART, J. L.; SHIRIN, Rai M; STAUD, Kathleen (Eds.) Rethinking Empowerment: **Gender and development in a global/local world**. Londres, Routledge, 2002.

SWAIN, Tania Navarro. Por falar em liberdade. In: **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas. Florianópolis: Mulheres**. Stevens C, Oliveira S, Zanello V, organizadoras. Florianópolis: Mulheres, p. 36-51, 2014.

TAVARES, Fábio Liberato de Faria. Ensino Técnico Federal no Brasil: Das escolas de aprendizes artífices ao Pronatec. **Revista Historiador**, n. 8, 2016.

TERRAIL, Jean-Pierre. Transmissões intergeracionais. Tr. Naira Pinheiro. - 1ª ed. In: Helena Hirata, Françoise Laborie, Hélène Le Doaré, Danièle Senotier (Orgs). In: **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 262 – 266.

THOMPSON, Edward P. **Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial**. 2005.

TRONTO, Joan C. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso. **Gênero, corpo, conhecimento**, p. 186-203, 1997.

VALIN, Isabela Duarte. **Heleieth Saffioti: 40 anos de estudos sobre a temática ‘mulher’**. PB. 63f. (Trabalho de Conclusão de Curso - Ciências Sociais), João Pessoa: 2016.

VERON, Valdelice; GUIMARÃES, Sílvia. Sobre máscaras, cuidado e fogo doméstico: experiências das mulheres Kaiwoá na pandemia da Covid-19. In: Pandemia da covid-19 na vida dos povos indígenas. nº 3, **Vukápanavo: Revista Terena**, p. 115-127, 2020.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, nº 44: 2014, p. 203 – 220.

WHO. **Orientação técnica e nacional - Doença por coronavírus (COVID-19)**. World Health Organization, 2021. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance>>.

Acesso em: 10/ Abril/2021.

VOGEL, Lise. Marxismo y feminismo. **Monthly Review**, v. 31, n. 2, 1979.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Org. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

WERMELINGER, M. et al. **Feminização do Mercado de Trabalho em Saúde no Brasil: focalizando a feminização**. Divulgação em Saúde para Debate, Rio de Janeiro, n. 45, 2010, p. 54-70.

WOLFF, Francis. **Il n'ya pas d'alternative à l' humanisme**. Paris: Libération, 20.4.2020. Disponível em: <[https://www.liberation.fr/debats/2020/04/20/il-n-y-a-pas-d-alternative-a-l-humanisme\\_1785827](https://www.liberation.fr/debats/2020/04/20/il-n-y-a-pas-d-alternative-a-l-humanisme_1785827)>. Acesso em: 16/Janeiro/ 2022.

**ANEXOS**

## Anexo A - Parecer Consubstanciado do CEP – Projeto Antropocovid

UNB - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Estado, populações e políticas locais no enfrentamento à pandemia de Covid-19: análise social e diretrizes de ação e intervenção não farmacológica em populações em situação de vulnerabilidade e precariedade social

**Pesquisador:** Sônia Weidner Maluf

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 44876821.7.1001.5540

**Instituição Proponente:** Instituto de Ciências Humanas

**Patrocinador Principal:** JBS S/A

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.644.496

#### Apresentação do Projeto:

A Pesquisa "Estado, populações e políticas locais no enfrentamento à pandemia de Covid-19: análise social e diretrizes de ação e intervenção não farmacológica em populações em situação de vulnerabilidade e precariedade social" visa elaborar diretrizes e ações para intervenções não farmacológicas no combate à pandemia de COVID-19. Para tal, serão analisados as diferentes respostas e ações não farmacológicas de enfrentamento à pandemia de Covid-19, praticadas tanto através das políticas estatais de saúde quanto das políticas locais de diferentes populações em situações de precariedade social e de vulnerabilidade, como mulheres, idosos, crianças, pessoas com comorbidades e deficiências, população carcerária e pacientes psiquiátricos.

#### Objetivo da Pesquisa:

De acordo com a Pesquisadora, o objetivo geral da proposta é analisar as diferentes respostas sociais praticadas tanto através das políticas públicas de saúde quanto das políticas locais das diferentes populações em situações de precariedade social, em risco e vulnerabilidade citadas neste projeto.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com a Pesquisadora, os riscos identificados na elaboração da proposta são os seguintes:

**Endereço:** CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
**Bairro:** ASA NORTE **CEP:** 70.910-900  
**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA  
**Telefone:** (61)3107-1592 **E-mail:** cep\_chs@unb.br

Continuação do Parecer: 4.644.406

1) Como a pesquisa será feita ainda durante a pandemia, a maior parte da pesquisa de feita enquanto durar o isolamento social será feita remotamente, via redes sociais, formulário Google, contatos online com os entrevistados. Em alguns casos específicos, a pesquisa demanda contato presencial. Nessas situações, todas as medidas de proteção, como distanciamento, uso de máscaras e álcool gel, entre outras, serão tomadas pelas pesquisadoras e pelas pesquisadas, no intuito de minimizar os riscos de contágio.

2) Como o tema pesquisado envolve adoecimento, isolamento social, risco de morte, e mobiliza emoções como medo, angústia, solidão, luto, entre outras, estaremos atentas ao risco de gerar mal-estar junto aos entrevistados ao abordar determinados temas. Ao identificar a presença de algum mal-estar, estaremos atentas para interromper a entrevista e mesmo cancelá-la, sempre com a possibilidade da entrevistada desistir de continuar participando da pesquisa. Além disso, estaremos à disposição para todo tipo de apoio que se fizer necessário em função de situações que possam ser desencadeadas pela situação de entrevista, inclusive apoio psicossocial através dos serviços de atendimento psicossocial das universidades envolvidas no projeto.

3) Uma pesquisa feita no calor dos acontecimentos, no momento mesmo da urgência sanitária, pode levar a análises apressadas e inconsistentes. Por isso também estaremos atentas a fazer um registro detalhado e rigoroso dos dados de campo, assim como uma leitura e análises detalhados buscando entender todos os aspectos envolvidos, comparando com outras situações similares e buscando apoio na literatura específica da área sobre o tema.

Quanto aos benefícios, a Pesquisadora aponta:

1) Compreensão dos impactos sociais da pandemia em diversas populações e comunidades em situação de vulnerabilidade e precariedade social;

2) Compreensão do alcance e dos limites das políticas sanitárias adotadas;

3) Contribuição para a avaliação e elaboração de políticas públicas e elaboração de diretrizes e propostas de ação e intervenções não farmacológicas diante da epidemia.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto de pesquisa está adequado às exigências das Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-300  
UF: DF Município: BRASÍLIA  
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: ccep\_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 4.644.495

complementares.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A Pesquisadora forneceu todos os termos de apresentação obrigatória, exceto o Termo de Aceite Institucional cuja não apresentação foi devidamente justificada.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O projeto de pesquisa está adequado às exigências das Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e complementares.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1719745.pdf	24/03/2021 18:14:59		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	cep_CHS_tcle_PROJ_COVID.doc	24/03/2021 18:14:24	Sônia Weidner Maluf	Aceito
Declaração de concordância	ACEITEINSTITUCIONAL_JUSTIFICATIVA.pdf	19/03/2021 11:42:38	Sônia Weidner Maluf	Aceito
Outros	Instrumento_coletadedados.pdf	19/03/2021 11:07:19	Sônia Weidner Maluf	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_PROJETO_COVID.pdf	19/03/2021 10:13:03	Sônia Weidner Maluf	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	18/03/2021 18:02:54	Sônia Weidner Maluf	Aceito
Declaração do Patrocinador	CONTRATOS_DOACAO_JBS_FADE_UFPB.pdf	18/03/2021 17:48:29	Sônia Weidner Maluf	Aceito
Outros	CARTA_DE_REVISAO_ETICA_assinado.pdf	18/03/2021 17:40:28	Sônia Weidner Maluf	Aceito
Outros	CARTA_DE_ENCAMINHAMENTO_assinado.pdf	18/03/2021 17:39:49	Sônia Weidner Maluf	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CARTAS_DE_ANUENCIA_UNIVERSIDADE_ADES.pdf	18/03/2021 17:38:59	Sônia Weidner Maluf	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_covid_CEP.pdf	18/03/2021 17:36:43	Sônia Weidner Maluf	Aceito

**Situação do Parecer:**

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900  
UF: DF Município: BRASÍLIA  
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: cep\_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 4.644.496

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BRASILIA, 12 de Abril de 2021

---

**Assinado por:**  
**MARCIO CAMARGO CUNHA FILHO**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
**Bairro:** ASA NORTE **CEP:** 70.910-900  
**UF:** DF **Município:** BRASILIA  
**Telefone:** (61)3107-1502 **E-mail:** cep\_chs@unb.br

## Anexo B – Testes de Covid-19 (PCR): Amostra não reagente para Covid-19

# FARMÁCIAS FRANCY

## LAUDO DO RESULTADO DE TESTE RÁPIDO PARA COVID-19

## I- IDENTIFICAÇÃO DO PACIENTE

Nome: Marys de SousaData da coleta da amostra: 19/5/21
 Nasal       Salivar       Sanguíneo
TESTE: Nome do teste: Rapido testMétodo: imunocromatografia Lote: 11ADFS55A Validade: 12/21

AMOSTRA REAGENTE PARA COVID-19 (Teste rápido com cassete mostrando uma linha de controle e uma linha de resultado). \*Diferenciar IgG e IgM, se modelo de teste permitir diferenciação.

AMOSTRA NÃO REAGENTE PARA COVID-19 (Teste rápido com cassete mostrando uma linha de controle e nenhuma linha de resultado)

AMOSTRA COM RESULTADO INVÁLIDO (Teste rápido com cassete sem linha de controle)

## II- IDENTIFICAÇÃO DO SERVIÇO E PROFISSIONAL RESPONSÁVEL PELA REALIZAÇÃO DO TESTE RÁPIDO PARA COVID-19

Local de realização: Farmácia FranciResponsável pela realização do exame:(carimbo e assinatura) Rafael de Queiroga

## Observações:

1. O teste imunocromatográfico SARS-CoV-2 IgG/IgM é apenas para uso em diagnóstico in vitro. Este teste deve ser usado para a detecção de anticorpos IgG e IgM para SARS-CoV-2 em amostras de sangue total, soro ou plasma. Nem o valor quantitativo nem a taxa de aumento da concentração de anticorpos IgM ou IgM para SARS-CoV-2 podem ser determinados por este teste qualitativo.
2. O teste imunocromatográfico SARS-CoV-2 IgG/IgM indicará apenas a presença de anticorpos IgG e IgM para SARS-CoV-2 na amostra e não deve ser usada como o único critério para o diagnóstico de infecções por SARS-CoV-2.
3. Como em todos os testes de diagnóstico, todos os resultados devem ser considerados com outras informações clínicas disponíveis.
4. Se o resultado do teste for negativo e os sintomas clínicos persistirem, sugere-se que sejam realizados testes adicionais usando outros métodos, como o RT-PCR. Ressalta-se que um resultado negativo a qualquer momento não exclui a possibilidade de infecção futura por SARS-CoV-2.
5. O teste mostrará resultados negativos nas seguintes condições: o título dos novos anticorpos para o SARS-CoV-2 na amostra é inferior ao limite mínimo de detecção do teste ou os novos anticorpos para o SARS-CoV-2 não apareceram no momento da coleta da amostra, tal como ocorre no período anterior ao 8º dia do início dos sintomas.

  
 Rafael de Queiroga  
 Farmacêutico Generalista

  
 Rafael de Queiroga  
 Farmacêutico Generalista

# FARMÁCIAS FRANCY

## LAUDO DO RESULTADO DE TESTE RÁPIDO PARA COVID-19

### I- IDENTIFICAÇÃO DO PACIENTE

Nome: MAYSA CARVALHO DE SOUZA

Data da coleta da amostra: 16 / 09 / 21

(  ) Nasal      ( ) Salivar      ( ) Sanguíneo

TESTE: Nome do teste: RAPID TEST DEVICE

Método: Imunocromatografia Lote: 41A0G336A Validade: 03/24

( ) AMOSTRA REAGENTE PARA COVID-19 (Teste rápido com cassete mostrando uma linha de controle e uma linha de resultado). \*Diferenciar IgG e IgM, se modelo de teste permitir diferenciação.

(  ) AMOSTRA NÃO REAGENTE PARA COVID-19 (Teste rápido com cassete mostrando uma linha de controle e nenhuma linha de resultado)

( ) AMOSTRA COM RESULTADO INVÁLIDO (Teste rápido com cassete sem linha de controle)

### II- IDENTIFICAÇÃO DO SERVIÇO E PROFISSIONAL RESPONSÁVEL PELA REALIZAÇÃO DO TESTE RÁPIDO PARA COVID-19

Local de realização: FARMÁCIAS FRANCY

Responsável pela realização do exame: (carimbo e assinatura) Michelle de Araújo Aureliano

#### Observações:

1. O teste imunocromatográfico SARS-CoV-2 IgG/IgM é apenas para uso em diagnóstico in vitro. Este teste deve ser usado para a detecção de anticorpos IgG e IgM para SARS-CoV-2 em amostras de sangue total, soro ou plasma. Nem o valor quantitativo nem a taxa de aumento da concentração de anticorpos IgM ou IgG para SARS-CoV-2 podem ser determinados por este teste qualitativo.
2. O teste imunocromatográfico SARS-CoV-2 IgG/IgM indicará apenas a presença de anticorpos IgG e IgM para SARS-CoV-2 na amostra e não deve ser usada como o único critério para o diagnóstico de infecções por SARS-CoV-2.
3. Como em todos os testes de diagnóstico, todos os resultados devem ser considerados com outras informações clínicas disponíveis.
4. Se o resultado do teste for negativo e os sintomas clínicos persistirem, sugere-se que sejam realizados testes adicionais usando outros métodos, como o RT-PCR. Ressalta-se que um resultado negativo a qualquer momento não exclui a possibilidade de infecção futura por SARS-CoV-2.
5. O teste mostrará resultados negativos nas seguintes condições: o título dos novos anticorpos para o SARS-CoV-2 na amostra é inferior ao limite mínimo de detecção do teste ou os novos anticorpos para o SARS-CoV-2 não apareceram no momento da coleta da amostra, tal como ocorre no período anterior ao 8º dia do início dos sintomas.

Michelle de Araújo Aureliano  
Farmacêutica  
CRF-PB 02734

Michelle de Araújo Aureliano  
ASSINATURA

Carimbo

## APÊNDICES

## APÊNDICE A

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

**PESQUISADORA:** Maysa Carvalho de Souza (PPGS/UFPB)

“Trabalhos de Agulha e a pandemia de COVID-19 no Brasil: mulheres e a produção de máscaras artesanais”.

(Roteiro de entrevista direcionado para mulheres produtoras de máscaras artesanais).

#### **Dados Pessoais**

1. Nome:
2. Idade:
3. Naturalidade:
4. Cidade onde reside:
5. Gênero:
6. Raça/Cor:
7. Nível de escolaridade:
8. Ocupação:
9. Quantas pessoas moram com você?
10. Quem são essas pessoas?
11. Das pessoas que moram com você, quais delas geram renda? Você teve acesso ao auxílio emergencial em 2020?

#### **Antes da pandemia**

12. Como era sua rotina antes da pandemia?
13. Você trabalhava/ exercia alguma ocupação antes da pandemia? Qual?
14. Você cuidava de alguém antes da pandemia? Como ocorria essa relação?
15. Como você aprendeu a costurar?
16. A costura, antes da pandemia, já era uma fonte de renda para você?
17. Como você ficou sabendo sobre a pandemia?

18. Ao saber sobre a pandemia, sua rotina foi alterada? Como ocorreu essa mudança?  
Como você se sentiu ao saber da pandemia?

**Durante a pandemia:**

19. Como surgiu sua relação com a produção de máscaras artesanais?
20. Qual foi sua motivação para iniciar esse ofício?
21. Como você aprendeu a costurar as máscaras?
22. Como se dá o processo de produção de uma máscara?
23. E a matéria prima? Quais são e onde você costuma buscar?
24. Você costura todos os dias? Quantas máscaras você produz por dia?
25. Em quanto tempo ocorre a produção diária?
26. Você se guiou por alguma informação para pensar em modelos de máscaras? Quais?
27. Você costura as máscaras em casa? Em qual espaço?
28. Quais são seus instrumentos de trabalho?
29. Como você faz para vender as máscaras?
30. Onde você as vende e por quanto?
31. Quais modelos mais vendem?
32. Em que momento da pandemia você passou a produzir máscaras?
33. Alguém ajuda você no processo da costura e venda? Quem?
34. Atualmente a produção de máscaras constitui sua renda central?
35. Atualmente você cuida de alguém?
36. Quais cuidados você passou a ter durante a pandemia?
37. Você ou alguém que mora com você adoeceu durante a pandemia? Como foi?
38. Quem faz as tarefas domésticas na sua casa? Houve alguma mudança com a pandemia?
39. Como você tem vivenciado a pandemia? Quais estão sendo as maiores dificuldades?
40. Você acredita que trabalhava mais antes da pandemia ou passou a trabalhar mais durante a pandemia?
41. Sobre a venda das máscaras, qual foi o momento ou os meses em que você mais vendeu e quais momentos/ meses você menos vendeu máscaras?
42. Você acha que seu trabalho na costura de máscaras traz contribuições para a sociedade? Por que?
43. Na sua opinião, o uso de máscaras é um equipamento eficaz para evitar a transmissão da covid-19?

44. Você conhece outras mulheres que fabricam máscaras por conta própria?

45. Por fim, você gostaria de acrescentar ou comentar algo a mais?

**APÊNDICE B**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução Nº 510/2016)

Você está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa “*TRABALHOS DE AGULHA E A PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL: MULHERES E A PRODUÇÃO DE MÁSCARAS ARTESANAIS*” sob responsabilidade da pesquisadora *MAYSA CARVALHO*, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mônica Franch (PPGS/PPGA-UFPB). O estudo de caráter qualitativo será realizado utilizando de entrevista para buscar investigar o protagonismo das mulheres paraibanas na produção de máscaras artesanais durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. Haverá risco para saúde física e emocional caracterizado através das entrevistas por questões referentes ao cotidiano das participantes e também ao contexto pandêmico que se estende de 2019 ao presente momento, sendo de crucial relevância buscar evitar a transmissão do vírus. Por isso as entrevistas serão realizadas através de plataformas virtuais e quando presencialmente buscará respeitar as recomendações de distanciamento social, assim como requer o uso de EPI's (Equipamento de Proteção Individual) pela pesquisadora e participantes envolvidas nesse estudo.

Você poderá consultar o(a) pesquisador(a) responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone, para esclarecimento de qualquer dúvida. Você está livre para, a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa. Todas as informações e imagens por você fornecidas e os resultados obtidos serão mantidos em sigilo, e estes últimos só serão utilizados para divulgação na dissertação final, reuniões e revistas científicas. Você será informado de todos os resultados obtidos, independentemente do fato de estes poderem mudar seu consentimento em participar da pesquisa. Você não terá quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa. Este estudo é importante porque seus resultados fornecerão informações para compreender a atuação das

mulheres paraibanas envolvidas na costura de máscaras no momento em que o país enfrenta uma crise de dimensão sanitária, econômica, política e social.

Diante das explicações, se você concorda em participar desta pesquisa, forneça os dados solicitados e coloque sua assinatura a seguir.

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador(a) responsável

OBS: O termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador.

Nome Pesquisador(a): Maysa Carvalho de Souza /

Cargo/Função: Mestranda em Sociologia.

Instituição: Universidade Federal da Paraíba (Programa de Pós-Graduação em Sociologia)

Telefone (contato pessoal): (XX) XXXX-XXXX

E-mail: \_\_\_\_\_